

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ASSOCIADO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA – UEM/UEL

NAYARA MALHEIROS CARUZZO

**ROBUSTEZ MENTAL E LIDERANÇA
SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DO
APEGO: UM ESTUDO COM ATLETAS
DO CONTEXTO MUNDIAL DE
VOLEIBOL DE PRAIA**

Maringá
2021

NAYARA MALHEIROS CARUZZO

**ROBUSTEZ MENTAL E LIDERANÇA SOB A
PERSPECTIVA DA TEORIA DO APEGO: UM
ESTUDO COM ATLETAS DO CONTEXTO
MUNDIAL DE VOLEIBOL DE PRAIA**

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
Associado em Educação Física –
UEM/UEL, para obtenção do título de
Doutora em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Lenamar Fiorese

Maringá
2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

C329r

Caruzzo, Nayara Malheiros

Robustez mental e liderança sob a perspectiva da teoria do apego : um estudo com atletas do contexto mundial de voleibol de praia / Nayara Malheiros Caruzzo. -- Maringá, PR, 2021.

158 f.color., figs., tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Lenamar Fiorese.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2021.

1. Resiliência psicológica. 2. Relação de apego. 3. Liderança. 4. Esporte. 5. Voleibol de praia. I. Fiorese, Lenamar , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III. Título.

CDD 23.ed. 796.8

NAYARA MALHEIROS CARUZZO

**ROBUSTEZ MENTAL E LIDERANÇA SOB
A PERSPECTIVA DA TEORIA DO APEGO:
UM ESTUDO COM ATLETAS DO
CONTEXTO MUNDIAL DE VOLEIBOL DE
PRAIA**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração Desempenho Humano e Atividade Física, para obtenção do título de Doutor(a).

APROVADA em 25 de fevereiro de 2021.



Prof. Dr. João Ricardo Nickenig Vissoci

UEM/CCS/DEF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA (UEM/UEL)



Prof. Dr. Wendell Arthur Lopes
Coordenador

Profa. Dra. Joice Mara Facco Stefanello,
Prof. Dr. Afonso Antônio Machado
Participação remota – Resolução nº 013/2018-CEP



Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis
Pimentel



Profa. Dra. Lenamar Fiorese
(Orientadora)

Dedicatória

Às minhas figuras de apego.

Dedico este trabalho à minha mãe, que, humanamente, me incentivou a entender que o conhecimento é algo que jamais me será tirado.

Também, ao meu pai, que, mesmo não estando presente fisicamente, me faz sentir sua constante presença em minhas manias, gestos e ações.

Agradecimentos

Ao longo da minha trajetória acadêmica, tive o privilégio de conviver com muitas figuras significativas, às quais não poderia deixar de agradecer.

Agradeço, primeiramente, às instituições que me forneceram estrutura física e organizacional para que eu pudesse aprofundar meus estudos. À Universidade Estadual de Maringá (UEM), ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL e aos funcionários do Departamento de Educação Física pelo suporte pessoal e profissional. Ao Sr. Didi, por todos os cafés que fez com tanto carinho, em meio às rotinas de estudo, que eram sempre servidos com conversas inspiradoras.

À agência de fomento, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio ao desenvolvimento científico e recursos fornecidos durante minha formação, que me permitiram dedicação exclusiva e aprofundada. Também pelos recursos concedidos para estudos no exterior, que engrandeceram de forma imensurável minha formação acadêmica e pessoal, enquanto futura doutora.

À minha orientadora, Prof^a Dra. Lenamar Fiorese, pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional, fornecidos por meio de conversas informais e responsabilidades passadas junto à participação e envolvimento com o grupo de pesquisa GEPEDH. Pelos ensinamentos, orientações e confiança depositada, bem como pelo laço de amizade criado durante todo o processo, desde a graduação.

Aos meus orientadores do exterior, Prof^a Dra. Catherine A. Staton e Prof. Dr. João Nickenig Vissoci, coorientador, que me acolheram e não mediram esforços para compartilhar seus conhecimentos. Agradeço o acolhimento junto ao Grupo GEMINI, no qual construí, além de conhecimento acadêmico, laços que levarei para toda minha vida.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL, pelos conhecimentos compartilhados e pela troca de experiências no decorrer das disciplinas e reuniões departamentais.

Aos membros da banca, Prof^a Dra. Joice Mara Facco Stefanello, Prof^a Dra. Maria Regina Ferreira Brandão, Prof. Dr. João Ricardo Nickenig Vissoci e Prof. Dr. Giuliano Pimentel pela disponibilidade e contribuições para finalização deste trabalho.

Aos integrantes do GEPEHD, Sandro, Jaqueline, Caio, Renan, Marcelen, e Prof^a Dra. Luciane, pela troca de conhecimentos, valores e momentos de descontração, que tornam a caminhada mais leve. Em especial, aos parceiros/amigos que colaboraram com as atividades desta tese, Diego Galdino, Caroline Xavier e Bianca Dezordi, pelo auxílio nas transcrições das entrevistas e contribuições em discussões, que enriqueceram este estudo. À minha amiga e companheira de jornada, Andressa Contreira Ribeiro pelas ótimas contribuições neste trabalho e em minha formação pessoal e acadêmica.

À minha família, pelo apoio incondicional, em especial à minha mãe, Silvana Malheiros Caruzzo e minha irmã, Aryelle Caruzzo, que nunca me deixaram faltar afeto e carinho durante esta trajetória sinuosa, que é a vida acadêmica. Não teria conseguido sem tê-las como porto seguro nos momentos de tristeza. Obrigada pelo amor e acolhimento, principalmente durante os momentos de solidão vividos fora do Brasil. A vocês, minha eterna admiração, amor e gratidão.

Ao meu marido, Kayme Fernandes, grande companheiro, incentivador e que não mediu esforços para apoiar meus sonhos e nunca me deixar desistir, ainda que eu duvidasse, em muitos momentos, da minha capacidade. Obrigada pelo apoio financeiro, emocional e conjugal, que me encheram de energia, para que eu pudesse estar hoje aqui. Obrigada por entender os papéis que ocupamos e dividir o fardo da caminhada comigo.

Aos demais amigos, que, embora não mencionados, contribuíram para tornar minha vida e meus dias mais felizes ao longo dessa trajetória, minha eterna gratidão.

A Deus, pela vida, pelos anjos que colocou no meu caminho e pela fé que não me faltou ao longo dessa trajetória.

“Aquilo que persistimos em fazer torna-se mais fácil de realizar, não que a natureza da tarefa mude, mas nossa capacidade aumenta.”

Harber J. Grant

Eu poderia iniciar esta tese com citações que tentassem representar os esforços aqui aplicados. Porém, ainda que traduzissem, por ora, meus pensamentos, são de outros autores. Então, gostaria de quebrar o protocolo e manifestar, aqui, meus reais e profundos sentimentos, para que possa inspirar à outras que, assim como eu, ouvem muito durante sua jornada:

Se você não for assim, nunca será alguém. Se não se comportar assim, nunca será respeitada como cientista. Precisa se vestir assim, porque você é mulher. Você é mulher, então, não é boa nisso; deixa isso pra lá. Você não vai conseguir, essa tarefa é mais bem realizada por homens. Você é mulher!

Por um tempo, eu aceitei que estava errada. Estava errada por ser mulher. Estava errada por estar ali, tentando me encaixar num ambiente que não era meu. Enquanto, na verdade, eu só estava errada por dar ouvidos a todos eles. E, aqui, estou. Cumprindo o propósito ao qual eu fui chamada para ser. Mulher. Cientista. Esposa. E, agora, mãe.

CARUZZO, Nayara Malheiros. **Robustez mental e liderança sob a perspectiva da teoria do apego: um estudo com atletas do contexto mundial de voleibol de praia.** 2021. 150f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

RESUMO

Esta tese objetivou analisar o relacionamento de apego treinador-atleta, o estilo de liderança percebido e a robustez mental dos atletas de voleibol de praia no contexto mundial. Para isso, quatro estudos foram realizados, organizados de forma independente, seguindo a estrutura de tese sob um modelo escandinavo. O primeiro artigo realizou uma revisão sistemática da literatura, para identificar as variáveis associadas ao relacionamento de apego intervenientes no desempenho, no qual 12 estudos atenderam ao critério de inclusão. Três temas emergiram com base nas variáveis identificadas nos estudos: aspectos pessoais, sociais e emocionais. Verificou-se que o relacionamento de apego seguro entre treinador e atleta esteve associado positivamente a estes aspectos, enquanto o apego inseguro foi positivo e fortemente associado a aspectos negativos dentro desses eixos temáticos. O segundo artigo objetivou examinar as propriedades psicométricas do *Coach-Athlete Attachment Scale* (CAAS) em treinadores e atletas brasileiros, de diferentes contextos esportivos, criando evidências de confiabilidade, validade de construto e validade externa. Foram sujeitos 814 treinadores e atletas, de ambos os sexos, de modalidades coletivas e individuais. A versão brasileira do CAAS apresentou ajuste psicométrico satisfatório, mantendo os 19 itens e três dimensões (apego seguro, ansioso e evitativo), mostrando invariância para treinadores e atletas, apresentando-se como uma escala válida para investigação no contexto esportivo. O terceiro artigo compreendeu o impacto do estilo de apego treinador-atleta, mediado pelo estilo de liderança do treinador, na robustez mental de atletas no contexto mundial do vôlei de praia. Foram sujeitos do estudo 65 atletas de vôlei de praia, participantes do *World Tour 2018*, das etapas realizadas na China, Estados Unidos e México. Os resultados evidenciaram que a relação de apego seguro pode trazer aumentos dos níveis de robustez mental atlética, enquanto, para os atletas com apego inseguro, o estilo autocrático de liderança demonstrou estar associado a aumento nos níveis de robustez mental. O quarto artigo teve como objetivo compreender, por meio de um desenho qualitativo, as (a) as percepções de atletas medalhistas olímpicos acerca das figuras significativas no decorrer da sua carreira atlética, (b) as associações entre os constructos de liderança e relacionamento de apego que permearam o relacionamento treinador-atleta e (c) o papel da figura do treinador no processo de construção da robustez mental atlética. Fizeram parte do estudo nove atletas brasileiros (três homens e quatro mulheres) medalhistas olímpicos de vôlei de praia, participantes dos Jogos Olímpicos entre 1996 e 2016. Para a análise dos dados, foram adotadas as orientações da Análise de Conteúdo, de Bardin (2011), que permitiu que temas emergissem a partir das narrativas, sendo eles: Trajetória Esportiva, Figuras Significativas ao longo da carreira atlética; Robustez Mental e Medalha Olímpica. Conclui-se que as relações de apego estabelecidas entre treinador e atleta no contexto esportivo adulto, quando seguras, associam-se a fatores pessoais,

sociais e emocionais positivos, indicando incrementos à robustez mental. Por outro lado, relações de apego ansioso e evitativo, indicaram associar-se a aspectos pessoais, sociais e emocionais negativos, confirmando assim as hipóteses conceituais desta tese.

Palavras-Chave: Relação de apego. Relações Interpessoais. Robustez Mental. Esporte. Liderança. Atletas. Treinadores.

CARUZZO, Nayara Malheiros. **Mental toughness and leadership under attachment teory perspective: a study with the world context beach volleybal athletes.** 2021. 150f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

ABSTRACT

This thesis aimed to analyze the coach-athlete attachment relationship, the perceived leadership style and the mental toughness of the beach volleyball athletes in the world context. For this, four studies were carried out, organized independently, following the thesis structure under a Scandinavian model. The first article was a systematic review, that aimed to identify the variables associated with the attachment relationship involved in performance, in which 12 studies met the inclusion criterion. Three themes emerged based on the variables identified in the studies: personal, social and emotional aspects. It was found that the secure attachment relationship between coach and athlete was positively associated with these aspects, while insecure attachment was positive and strongly associated with negative aspects within these thematic axes. The second article aimed to examine the psychometric properties of the Coach-Athlete Attachment Scale (CAAS) in Brazilian coaches and athletes, from different sports contexts, creating evidence of reliability, construct validity and external validity. 814 coaches and athletes, of both sexes, of team and individual sports were subjected. The Brazilian version of CAAS presented a satisfactory psychometric adjustment, maintaining the 19 items and three dimensions (safe, anxious and avoidant attachment), showing invariance for coaches and athletes, presenting itself as a valid scale for investigation in the sports context. The third article understood the impact of the coach-athlete attachment style, mediated by the coach's leadership style, on the athlete's mental toughness in the world context of beach volleyball. The study subjects were 65 beach volleyball athletes participating in the World Tour 2018, from the stages held in China, United States and Mexico. The results showed that the secure attachment relationship can increase levels of athletic mental toughness, while for athletes with insecure attachment, the autocratic leadership style has been shown to be associated with increased levels of mental toughness. The fourth article aimed to understand, through a qualitative design, the (a) perceptions of Olympic medalist athletes about significant figures during their athletic career, the (b) associations between the constructs of leadership and attachment relationships that permeated the trainer-athlete relationship and (c) the role of the coach figure in the process of building athletic mental toughness. The study included nine Brazilian athletes (three men and four women) Olympic beach volleyball medalists, participants in the Olympic Games between 1996 and 2016. For the data analysis, the guidelines of Content Analysis by Bardin (2011) were adopted, which allowed themes to emerge from the narratives such as: Sports Trajectory, Significant Figures throughout the athletic career; Mental Robustness and Olympic Medal. It was concluded that the secure attachment relationships established between coach and athlete in the adult sports context, were associated with positive personal, social and emotional factors,

indicating increases in mental toughness. On the other hand, anxious and avoidant attachment relationships indicated that they were negative associated with personal, social and emotional aspects, thus confirming the conceptual hypotheses of this thesis.

Keywords: Attachment Relationship. Interpersonal Relationships. Mental Toughness. Sport. Leadership. Athlete. Coach.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Modelo de ativação e funcionamento do sistema de apego na vida adulta.....	20
Figura 2 -	Diagrama de fluxo dos estudos selecionados para análise final da revisão sistemática (Artigo 1).....	36
Figura 3 -	Indicadores de associação relacionados ao apego no contexto esportivo, representados por meio de uma rede nomológica (Artigo 1).....	52
Figura 4 -	Representação descritiva dos itens do CAAS (Artigo 2).....	70
Figura 5 -	Diagrama de análise fatorial confirmatória e cargas fatoriais para CAAS. Os números à esquerda dos itens indicam as cargas fatoriais, enquanto os números à esquerda das variáveis latentes mostram as covariâncias entre elas (Artigo 2).....	73
Figura 6 -	Correlação entre o CAAS, BNSSS e CART-q (dimensões do relacionamento de apego, proximidade do relacionamento treinador-atleta e satisfação no relacionamento, das necessidades psicológicas básicas) (Artigo 2).....	74
Figura 7 -	Diagrama conceitual do modelo hipotético de equação estrutural de mediação sequencial com trajetórias rotuladas (Artigo 3).....	88
Figura 8 -	Representação das associações entre as variáveis sociodemográficas, do relacionamento de apego treinador-atleta, estilos de liderança percebidos e robustez mental atlética, por meio de uma <i>network</i> (Artigo 3).....	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Representações que emergiram nas falas dos atletas medalhistas de vôlei de praia no eixo central sobre a trajetória esportiva (Artigo 4).....	107
Quadro 2 -	Temas que emergiram dos atletas medalhistas de vôlei de praia investigados no eixo central sobre as figuras significativas (Artigo 4)...	110
Quadro 3 -	Temas que emergiram dos atletas medalhistas de vôlei de praia investigados no eixo central sobre a robustez mental (Artigo 4).....	114
Quadro 4 -	Temas que emergiram dos atletas medalhistas de vôlei de praia investigados no eixo central sobre a medalha olímpica (Artigo 4).....	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Características dos estudos incluídos na revisão sistemática (Artigo 1)	39
Tabela 2 -	Indicadores positivos e negativos associados ao relacionamento de apego no contexto esportivo (Artigo 1).....	45
Tabela 3 -	Indicadores de associação relacionados ao apego no contexto esportivo (Artigo 1).....	48
Tabela 4 -	Caracterização dos sujeitos do estudo (atletas e treinadores, n=814) (Artigo 2).....	69
Tabela 5 -	Resultados das propriedades psicométricas para a validade de constructo (Artigo 2).....	72
Tabela 6 -	Invariância do modelo conforme sexo grupo (treinador/atleta) (Artigo 2).....	75
Tabela 7 -	Caracterização dos atletas mundiais de vôlei de praia (Artigo 3).....	90
Tabela 8 -	Resultado do modelo estrutural sobre o impacto do apego seguro na robustez mental dos atletas de vôlei de praia, mediado pelo estilo democrático de liderança e os estilos de interação suporte social (Modelo 1), treino-instrução (Modelo 2) e reforço positivo (Modelo 3), baseado na análise de BCFSPA (Artigo 3).....	92
Tabela 9 -	Resultado do modelo estrutural sobre o impacto do <i>apego ansioso</i> na robustez mental dos atletas de vôlei de praia,, mediado pelo <i>estilo autocrático</i> de liderança e os estilos de interação suporte social (Modelo 4), treino-instrução (Modelo 5) e reforço positivo (Modelo 6), baseado na análise de BCFSPA (Artigo 3).....	93
Tabela 10 -	Resultado do modelo estrutural sobre o impacto do <i>apego evitativo</i> na robustez mental dos atletas de vôlei de praia, mediado pelo <i>estilo autocrático</i> de liderança e os estilos de interação suporte social (Modelo 7), treino-instrução (Modelo 8) e reforço positivo (Modelo 9), baseado na análise de BCFSPA (Artigo 3).....	94

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DEF	Departamento de Educação Física
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CEFE	Centro de Educação Física e Esporte
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEL	Universidade Estadual de Londrina
CAAS	<i>Coach-athlete Attachment Scale</i>
JUBs	Jogos Universitários Brasileiros
MTI	<i>Mental Toughness Index</i>
LSS	<i>Leadership Scale for Sport</i>
CVC	Coeficiente de Validade de Conteúdo
AFC	Análise Fatorial Confirmatória
VEM	Variância Média Extraída
AFE	Análise Fatorial Exploratória
CCI	Coeficiente de Correlação Intraclasse
CC	Confiabilidade Composta
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
TCLE	Termo de Compromisso Livre e Esclarecido
COPEP	Comitê Permanente de Ética em Pesquisas com Seres Humanos
BNSSS	Basic Needs Satisfaction Sport Scale
CART-q	Coach-Athlete Relationship Questionnaire

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
Evidências pessoais.....	18
Evidências científicas.....	19
Justificativa.....	26
Hipóteses.....	27
2 OBJETIVOS	28
Delimitações teóricas.....	28
Limitações teóricas.....	29
Definição de termos.....	29
3 MÉTODOS	30
4 RESULTADOS	31
4.1 Artigo 1: Relações sociais no esporte: um estudo de revisão sistemática sobre as relações de apego e o desempenho esportivo.....	31
4.2 Artigo 2: Adaptação transcultural e propriedades psicométricas do Coach-Athlete Attachment Scale (CAAS).....	61
4.3 Artigo 3: Pode o relacionamento de apego treinador-atleta mediado pelo estilo de liderança do treinador ter impacto na robustez mental dos atletas do contexto mundial de vôlei de praia?.....	79
4.3 Artigo 4: Compreensão do relacionamento de apego e o significado do líder na construção da robustez mental: a perspectiva de atletas medalhistas olímpicos de vôlei de praia	100
5 CONCLUSÃO	125
REFERÊNCIAS	127
ANEXOS E APÊNDICES	136

1 INTRODUÇÃO

1.1 Evidências pessoais

Antes de iniciar na carreira acadêmica, tive forte ligação com o contexto esportivo, especificamente, na modalidade de voleibol *indoor*, na qual iniciei aos 10 anos de idade. Aos 15, migrei para o voleibol de praia e, durante esse período, estava intensamente ligada à tal prática, com treinamentos e viagens periódicas aos finais de semana, e envolvida entre 2 a 3 horas por dia, 5 vezes por semana. Ao longo dessa jornada atlética, tive dois treinadores que se tornaram figuras significativas em minha vida, por diferentes razões. Um deles, por nunca ter deixado de acreditar em mim, mesmo que eu duvidasse de seus métodos controladores e autocráticos, na época. O outro, porque, ainda que nunca deixasse que eu esquecesse de minhas limitações, não media esforços para desenvolver minhas potencialidades, fornecendo um ambiente mais harmonioso e democrático.

Ambos tiveram profundo impacto na minha vida pessoal e atlética; entretanto eu apenas buscava proximidade com o segundo. Especificamente, ele era, para mim, um porto seguro, que oferecia conforto em momentos de dificuldade dentro e fora do contexto esportivo (como competições importantes e decisões da vida acadêmica). Além disso, o tinha como base para explorar novos desafios, inclusive, no período em que me afastei dos treinamentos para me dedicar integralmente ao primeiro ano de graduação. Em essência, desenvolvemos um vínculo significativo que nos permitiu continuar um relacionamento baseado na confiança mútua, respeito, amor, compromisso, lealdade e honestidade. Hoje, esse laço formado nos tornou parceiros de trabalho em uma mesma equipe esportiva.

Assim, percebo que o ambiente esportivo me proporcionou observar como as relações sociais se configuravam. As amizades com os pares, o relacionamento entre outros atletas com seus treinadores e as diferentes díades que se formavam dentro desse contexto. Sob essa perspectiva e tendo convivido com dois treinadores que me propiciaram ambientes e experiências tão diferentes, busquei compreender as dinâmicas interpessoais entre as díades treinador-atleta e como essas diferenças na

dinâmica relacional pareciam ter um impacto significativo sobre a sensação de bem-estar dos atletas.

Desse modo, este capítulo da tese visa fornecer uma breve visão geral sobre a importância do relacionamento treinador-atleta e os estudos que têm sido desenvolvidos sob essa perspectiva. Além disso, apontaremos as justificativas para se investigar as diferenças individuais dentro do contexto relacional treinador-atleta e como isso pode interferir no desenvolvimento de habilidades psicológicas.

1.2 Evidências científicas

Dentro do contexto do esporte organizado, o relacionamento treinador-atleta tem sido reconhecido como um veículo para o sucesso e satisfação atlética (JOWETT, 2005). Nesse sentido, avanços conceituais têm sido feitos dentro desse contexto relacional, em que, mais recentemente, as pesquisas têm se concentrado na investigação de características pessoais das figuras envolvidas, visto que elas podem moldar as experiências e os laços interpessoais formados (DAVIS; JOWETT; LAFRENIÈRE, 2013).

A teoria do apego, proposta inicialmente por John Bowlby (1969/1982), é uma teoria de desenvolvimento social, baseada nas características e diferenças individuais, para entender as origens dos laços emocionais formados com figuras significativas. Sua aplicação no contexto esportivo se deu, inicialmente, com os estudos de Davis e Jowett (2010/2013), trazendo evidências que o treinador é uma figura potencial para apego no contexto esportivo. Atualmente, a teoria do apego, aplicada ao contexto esportivo, pode fornecer uma estrutura teórica sólida para compreensão dos laços interpessoais formados no contexto relacional entre treinador e atleta (DAVIS; JOWETT, 2010).

Para melhor entender e caracterizar a ativação e o funcionamento do sistema de apego na vida adulta, foi proposto um modelo (MIKULINCER; SHAVER, 2007) de sistema de controle do apego que integra a vasta literatura, abordada por Bowlby (1969/1982, 1973, 1980), Ainsworth (1991), Cassidy e Kobak (1988) e Main, Kaplan e Cassidy (1985). O modelo (Figura 1) refere-se a três fases: 1) busca por proximidade, que ativa o sistema de apego (utilização das estratégias primárias do sistema de

apego); 2) consequências benéficas em usar essas estratégias de forma efetiva para atrair suporte e segurança da figura de apego; 3) estratégias secundárias (chamadas de hiperativação para os ansiosos e desativação para os evitativos), utilizada em resposta ao comportamento indisponível e irresponsivo manifestada pela figura de apego.

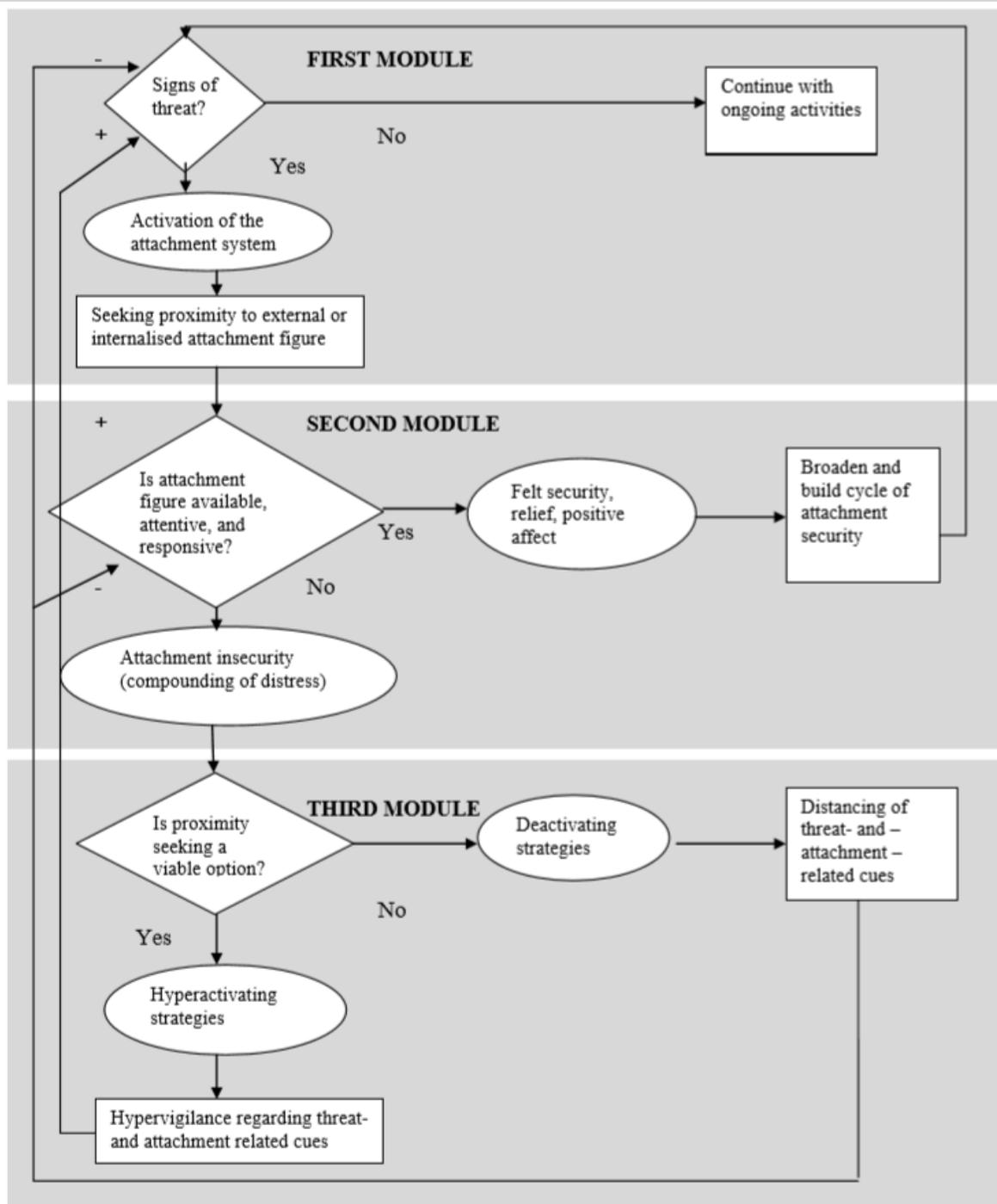


Figura 1 – Modelo de ativação e funcionamento do sistema de apego na vida adulta.
Fonte: Mikulincer e Shaver, p. 29, 2016.

O primeiro componente do modelo (a área de cima do quadro) inclui o monitoramento e a avaliação de eventos ameaçadores – o processo responsável pela ativação do sistema de apego. O segundo componente do modelo (área central do quadro) lida com o monitoramento e avaliação da disponibilidade da figura de apego, relacionado às diferenças individuais quanto ao sentimento de segurança. O terceiro componente (parte de baixo do quadro) refere-se ao monitoramento e avaliação da viabilidade da busca por proximidade como um caminho para lidar com o apego inseguro. Esse caminho representa a “escolha” em usar a hiperativação ou a desativação do sistema como estratégia para lidar com a insegurança. Ressalta-se que essa “escolha” pode fazer parte de um processo inconsciente, influenciada por uma série de experiências prévias, que se iniciaram na infância. Entretanto, ainda assim, reforça-se que há diferentes possibilidades de resposta à indisponibilidade da figura (MIKULINCER; SHAVER, 2007).

Na ativação do sistema de apego, os autores assumem que todo evento percebido como ameaçador tende a ativar o sistema de apego. Tal ativação, automaticamente, aumenta o acesso aos conteúdos mentais armazenados e às tendências de ações (imagens e pensamentos sobre a figura de apego e estratégias para atrair e ganhar a atenção da figura). Eventos desencadeadores podem incluir ameaças físicas ou psicológicas, como receber um diagnóstico médico ruim, ouvir notícias sobre a chegada de um tornado ou perceber a atração do cônjuge por uma nova colega de trabalho. Assim, os eventos podem ser de natureza não ligada à figura (receber um diagnóstico médico) ou ligada à figura (percepção de uma ameaça ao casamento) (MIKULINCER; SHAVER, 2007).

Esse processo de ativação pode ser influenciado pelos estilos disposicionais de apego do indivíduo, uma vez que os padrões de apego podem alterar as representações mentais ativadas pela avaliação de ameaça. Pessoas com apego seguro, tendem a aumentar o acesso mental a pensamentos sobre interações positivas com as suas figuras, pensando em proximidade, segurança, suporte, amor e alívio. Já

os indivíduos com apego inseguro, normalmente acessam pensamentos e memórias negativas quando percebem alguma ameaça, como pensamento sobre separação, mágoas, rejeições e perdas. Experiências frustrantes e dolorosas, vividas pelas pessoas com apego inseguro, tendem a ser ativadas toda vez que o sujeito busca proximidade com a figura de apego, porque há uma forte associação presente em sua mente, entre ativação do sistema de apego e sentimento de separação ou rejeição (MIKULINCER; SHAVER, 2007).

Estratégias de Hiperativação: o objetivo de utilizar-se dessa estratégia é ganhar atenção da figura de apego, que está sendo percebida como sendo insuficientemente responsiva. É considerada como estratégia primária exagerada (intenso monitoramento da relação com a figura e grande esforço para manter proximidade). Sua utilização consiste num excesso de dependência para sentir conforto, excessiva demanda por atenção e cuidado, forte desejo por estar em constante contato, muitas tentativas em minimizar a distância física, cognitiva e emocional da figura e comportamento de apego ou controle projetado para garantir a atenção de um parceiro (MIKULINCER; SHAVER, 2007).

Para ganhar atenção, esses indivíduos geralmente costumam exagerar na gravidade do fator estressor, exagerando, também, sobre sua incapacidade em lidar com o problema sozinho(a), intensificando as expressões de agonia e reagindo de forma infantil ou excessivamente carente a qualquer sinal de indisponibilidade que a figura apresente. Pessoas com apego ansioso frequentemente enfatizam sua vulnerabilidade, carência, desamparo e dependência, esperando que assim vão chamar atenção da figura (MIKULINCER; SHAVER, 2007).

Estratégias de Desativação: pessoas que recorrem a essa estratégia têm dois objetivos na relação: 1 – ganhar o que eles precisam enquanto mantêm distância, controle e autoconfiança; 2 – ignorar ou negar necessidade e evitar estados emocionais negativos que podem desencadear a ativação do sistema de apego. O primeiro objetivo é manifestado como tentativa de controlar e maximizar a distância psicológica do parceiro, evitando interações que requerem envolvimento emocional, intimidade, exposição e interdependência, negando assim, relacionamentos que podem encorajar aproximações. O segundo objetivo é refletido na sua relutância em pensar

sobre a figura ou por uma fraqueza pessoal de confronto e tensões no relacionamento. Dessa maneira, o sujeito suprime seus pensamentos e medos relacionados à rejeição, à separação e ao abandono. Pessoas com estilo evitativo defensivamente inflam suas autopercepções, o que as faz sentirem-se menos vulneráveis e, assim, menos propensas em confiar em seus relacionamentos (MIKULINCER; SHAVER, 2007).

Essas características individuais de apego foram categorizadas por Ainsworth e colaboradores (1978) em três constructos psicológicos sólidos, por meio de seus estudos com crianças e cuidadores, na Uganda, ao considerar a força e a segurança da relação. Os estilos foram divididos em estilo seguro, ansioso e evitativo e são fortemente influenciados pelas ações, interações e capacidade de resposta do cuidador principal durante a infância. Como na vida adulta os sujeitos tendem a reproduzir os modelos de relacionamento que tiveram na infância devido às representações mentais que foram criadas nessa fase, tais padrões refletem as tendências particulares de resposta do indivíduo em situações sob pressão e ameaça percebida, indicando como ele vai se aproximar ou se distanciar das figuras (DRAKE, 2009).

Assim, os estilos de apego podem nos ajudar a entender os processos envolvidos na formação e manutenção de vínculos relacionais de qualidade entre treinadores e atletas (DAVIS; JOWETT; LAFRENIÈRE, 2013). Diferenças individuais no funcionamento do sistema de apego afeta como as pessoas avaliam os eventos que desencadeiam e regulam a expressão de emoções em pensamentos, sentimentos, tendências e comportamentos (MIKULINCER; SHAVER, 2007). Resultados no contexto esportivo indicam que o apego seguro é positivamente associado a relacionamentos comprometidos e satisfeitos, enquanto o apego inseguro (combinação de padrões de apego ansioso e evitativo) está positivamente associado a relacionamentos de pior qualidade (DAVIS; JOWETT, 2014).

Isso acontece porque representações mentais baseadas em segurança proporciona mobilização de emoções positivas mesmo em meio a experiências estressoras. Sujeitos que experimentam o estilo de apego seguro, tendem a ser mais estáveis, com sentimentos bem integrados de autoaceitação, autoestima e autoeficácia, não apresentando comportamentos de egoísmo, arrogância ou intolerância. Suas estratégias de enfrentamento são geralmente efetivas; regulam suas

emoções com sucesso; têm humor e perspectiva positiva e esperançosa mesmo em meio às situações estressoras, o que facilita o coping, minimiza a agonia e tornam as pessoas menos vulneráveis aos efeitos do estresse (MIKULINCER; SHAVER, 2007).

Em contrapartida, indivíduos inseguros provavelmente avaliarão conflitos interpessoais em termos mais ameaçadores e usarão estratégias menos eficazes na resolução de conflitos. Para esses sujeitos, os conflitos ameaçam seu desejo em obter aprovação, suporte e segurança, provocando medo de rejeição e desencadeando estratégias de regulação das emoções hiperativadas. Apresentam, assim, intensas emoções negativas, o que faz com que não absorvam o que pessoas próximas, como treinadores e companheiros de equipe, estão tentando lhe dizer. É possível que essa postura interfira na calma, na comunicação aberta, na negociação e no uso de estratégias integradoras que dependem da manutenção desse relacionamento (MIKULINCER; SHAVER, 2007).

Na visão de Bowlby (1988), embora os relacionamentos modelados na infância continuem a impactar os comportamentos de apego durante os relacionamentos adultos, as experiências em novos relacionamentos podem, potencialmente, ajudar a revisar esses modelos de trabalho iniciais. Assim, ambientes positivos criados por figuras de apego têm implicações positivas sobre os atletas, sobre as estratégias e mecanismos que podem desenvolver por meio deste contexto (DAVIS; JOWETT, 2014).

Desse modo, estudos realizados sob a luz da teoria do apego têm investigado sua associação com o bem-estar (FELTON; JOWETT, 2013a; FELTON; JOWETT, 2013b; DAVIS; JOWETT, 2014), motivação (FELTON; JOWETT, 2017), personalidade, empatia e satisfação (JOWETT; YANG; LORIMER, 2012), crescimento e desenvolvimento atlético dos praticantes (DAVIS; JOWETT, 2013), empatia e satisfação (LORIMER; JOWETT, 2009), comunicação (RHIND; JOWETT, 2010), e ao medo de falhar e autocontrole (SAGAR; JOWETT, 2015). Nesse sentido, para melhor compreender a associação de diferentes variáveis, estudadas sob a perspectiva teórica, revisões recebem importância na literatura (RIGONI, et al., 2017). No entanto não foram identificadas revisões que sistematizem os achados da literatura utilizando

deste quadro teórico, sendo essa uma lacuna que o presente estudo pretende preencher.

De mesmo modo, para melhor entendimento do aspecto relacional do apego no contexto brasileiro, instrumentos adequados e adaptados à cultura nacional se fazem necessários. Para tanto, o *Coach-athlete Attachment Scale* (CAAS) proposto por Davis e Jowett, em 2013, apresenta consistentes propriedades psicométricas, como validade fatorial e confiabilidade, mostrando-se uma escala adequada para tal investigação. Uma vez que foi proposto inicialmente na língua inglesa, uma adaptação transcultural se faz necessária para investigação do constructo no contexto nacional (PASQUALI, 2007). Assim, uma segunda lacuna é identificada e torna-se objetivo do presente estudo preenchê-la.

Tendo visto que pesquisas realizadas no esporte de elite destacam o papel central do treinador no desenvolvimento e na promoção de habilidades psicológicas dos atletas (GALLI; VEALEY, 2008; SARKAR; FLETCHER, 2016; FLETCHER; SARKAR, 2016), o presente estudo pretende verificar a associação do relacionamento de apego com o desenvolvimento de habilidades psicológicas e emocionais para lidar com as adversidades do contexto esportivo. Isso porque, é reportado que ambientes positivos têm relação com o processo de desenvolvimento de habilidades emocionais e psicológicas, como a robustez mental (GUCCIARDI, 2009; NICHOLLS; MORLY; PERRY, 2016). Entretanto avaliações sobre as associações entre o relacionamento de apego treinador-atleta e a robustez mental ainda são necessárias na literatura, sendo essa uma terceira lacuna que o presente estudo pretende preencher.

Ainda sob essa perspectiva, além dos aspectos pessoais, como o estilo de apego, estudos têm mostrado a importância da liderança dos treinadores para o desempenho atlético (TRZASKOMA-BICSÉRDY, et al., 2007; LI; DITTMORE; PARK, 2015). Para uma relação de qualidade, o perfil de comportamento do treinador com predomínio do estilo de liderança controlador ou autocrático tem sido considerado desfavorável, uma vez que pode desencadear sentimentos negativos, desvalorização e falta de confiança nos treinadores ou atletas (TRZASKOMA; BICSÉRDY et al., 2007; LI; DITTMORE; PARK, 2015). Ainda que a liderança já tenha sido estudada com a qualidade da relação treinador-atleta (JOWETT; CHAUNDY, 2004), não foram

identificados estudos que investigassem o associação dos aspectos da liderança, considerando o estilo de apego treinador-atleta, sendo esse aspecto também uma lacuna identificada na literatura.

Dessa forma, diante das três lacunas apontadas, a presente tese visa responder a seguinte questão geradora: qual o impacto do relacionamento de apego treinador-atleta na robustez mental, quando mediado pelo estilo de liderança do treinador, no contexto mundial do vôlei de praia?

1.3 Justificativa

Enquanto características pessoais dos atletas têm sido o foco tradicional de pesquisas voltadas à psicologia do esporte, é cada vez mais reconhecido que a maneira como se relacionam com seus treinadores pode ter profundo impacto em sua eficácia e sucesso (JOWETT; POCZWARDOWSKI, 2007). Isso porque, tem sido reconhecido que a importância do comportamento do treinador, enquanto líder, na organização dos esforços e tarefas individuais, visa garantir o rendimento e a satisfação dos envolvidos no contexto esportivo (LOPES; SAMULSKI; NOCE, 2004). Assim, ainda que tenha sido ressaltada a importância em se investigar os ambientes relacionais nos quais esses atletas estão inseridos, pesquisadores têm relatado dificuldade na realização de estudos com atletas de elite, como atletas olímpicos e que representam o Brasil em campeonatos mundiais.

Investigações com atletas de elite que conquistaram medalhas olímpicas são um nicho de investigação que podem revelar características de comportamento importantes ao desempenho esportivo. Tal avanço no conhecimento, permite criar ambientes de trabalho propulsores, com vistas a aumentar a eficácia e o sucesso das relações sociais dentro das equipes esportivas. Nesse sentido, a teoria do apego oferece uma base teórica para compreender os laços emocionais que se formam em relacionamentos de alto rendimento esportivo (DAVIS; JOWETT, 2013).

Justifica-se a escolha pela modalidade do vôlei de praia à sua importância no contexto nacional e pela força que vem exercendo no cenário esportivo internacional. O Brasil teve representantes em pódios em Jogos Olímpicos desde a sua inserção, em

1996, figurando-se entre as grandes potências internacionais, desde então. Ademais, a justificativa pessoal para o desenvolvimento desse estudo dá-se à experiência profissional da pesquisadora como treinadora de equipe esportiva de vôlei de praia em competições nacionais; com experiência em comissão técnica da seleção brasileira juvenil da modalidade e campeonatos mundiais. Por meio dessa vivência prática, foi possível observar que as relações sociais são determinantes para o sucesso esportivo, uma vez que o vínculo estabelecido entre treinador-atleta apresenta associações com indicadores intervenientes no desempenho esportivo.

1.4 Hipóteses conceituais

Baseado na literatura disponível acerca do relacionamento treinador-atleta e sua importância para o desenvolvimento pessoal e profissional do atleta e as evidências pessoais da pesquisadora, traçou-se as seguintes hipóteses:

H1 – Relações seguras de apego proporcionam um clima de liderança mais democrático, com estilos de interação de suporte social, enquanto relações inseguras de apego (ansiosa e evitativa) têm maior ligação com estilo de liderança autocrático.

H2 – Relações seguras de apego, quando mediadas por um estilo de liderança democrático, proporcionam maior robustez mental; enquanto relações inseguras de apego (ansiosa e evitativa), mediadas por um estilo autocrático, resultam em menores níveis de robustez mental.

H3 – Relações seguras de apego trazem maiores contribuições para as figuras envolvidas, fortalecendo o desenvolvimento da robustez mental.

H4 – Relações inseguras de apego proporcionam modelo negativo de trabalho com autopercepção negativa, enfraquecendo o desenvolvimento da robustez mental.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar o impacto do relacionamento de apego treinador-atleta na robustez mental de atletas quando mediado pelo estilo de liderança do treinador no contexto mundial de voleibol de praia.

2.2 Objetivos específicos

- Verificar as associações entre a relação de apego treinador-atleta e o desempenho esportivo por meio de uma revisão sistemática da literatura.
- Identificar as propriedades psicométricas e realizar a adaptação transcultural e validação do *Coach-Athlete Attachment Scale* (CAAS) para o contexto esportivo brasileiro.
- Avaliar o impacto do relacionamento de apego treinador-atleta na robustez mental de atletas quando mediado pelo estilo de liderança do treinador no contexto mundial do vôlei de praia.
- Compreender a percepção de apego na perspectiva de atletas brasileiros e o papel do líder na construção da robustez mental de atletas de vôlei de praia medalhistas olímpicos.

2.3 Delimitações teóricas

O estudo de Revisão sistemática (Estudo 1) delimitou-se a realizar uma busca sistematizada nas bases de dados PubMed, SportDiscus, Scopus, ScienceDirect, Web of Science, PsycInfo e Scielo, com vistas a identificar as variáveis psicológicas investigadas sob a perspectiva da relação de apego entre treinador e atleta e sua relação com o desempenho esportivo. O Estudo 2, realizou a adaptação transcultural e validação do *Coach-Athlete Attachment Scale* (CAAS), delimitando-se a atletas e treinadores de modalidades individuais e coletivas, das categorias juvenil e adulto, participantes de campeonatos regionais, estaduais e nacionais. O Estudo 3 analisou o

impacto do relacionamento de apego treinador-atleta na robustez mental, mediado pela liderança de treinadores, delimitando-se à três etapas do campeonato mundial adulto de vôlei de praia (4 e 3 estrelas pela classificação da FIVB), realizados respectivamente na China, Estados Unidos e México. Por fim, o Estudo 4 delimitou-se a investigar, de forma qualitativa, as narrativas de atletas brasileiros medalhistas olímpicos de vôlei de praia (entre os anos de 1996 e 2016), acerca de suas trajetórias esportivas, figuras significativas ao longo da carreira e processo de construção da robustez mental.

2.4 Limitações teóricas

O estudo de revisão sistemática limitou-se a investigar os estudos disponíveis nas bases de dados da Capes, Duke University e bases de pesquisa da China (não foi possível acessar cinco estudos). Os estudos com delineamento transversal, limitaram-se a avaliar as variáveis em um único momento da temporada esportiva (Estudo 2 e 3), não investigando os fatores intervenientes ao longo da temporada. O estudo qualitativo se limitou a realizar as entrevistas até outubro de 2020, com vistas a conclusão da presente tese, não sendo possível incluir atletas após essa data.

2.5 Definição de termos

Robustez mental – compilado de recursos pessoais que ajudam o indivíduo a atingir um desempenho consistente na presença de diferentes demandas contextuais (GUCCIARDI, et al., 2015).

Liderança – baseado no Modelo Multidimensional de Liderança, de Chelladurai e Saleh (1978), liderança é compreendida como um processo de interação entre as características situacionais, as características do líder e as dos membros do grupo. Assim, a *performance* e satisfação da equipe são consideradas resultado da congruência entre os três tipos de comportamento do líder (exigidos, reais e preferidos).

Apego – ocorre quando o indivíduo estabelece relações e conexões emocionais com uma figura sobre a qual se baseia para conforto, proteção e segurança em tempos de necessidade (DAVIS; JOWETT, 2010).

3 MÉTODOS

A tese está estruturada no modelo escandinavo, cujo formato do documento baseia-se na apresentação dos resultados dos estudos por meio de artigos independentes, conforme apresentado brevemente a seguir.

Estudo 1 – Revisão sistemática da literatura sobre as relações sociais no contexto esportivo utilizando a perspectiva do apego como suporte teórico, buscando investigar as variáveis associadas ao desempenho. O estudo foi elaborado segundo as recomendações do Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analyses – PRISMA, e todos os métodos e resultados são descritos no Capítulo 4.1 (Artigo Original 1).

Estudo 2 – Validação e adaptação transcultural do Coach-Athlete Attachment Scale (CAAS) para o contexto esportivo brasileiro foi elaborado segundo as recomendações de Standards for Educational and Psychological Testing (APA, 2014). As versões atleta e treinador foram adaptadas e validadas para o contexto esportivo brasileiro. O detalhamento dos métodos e resultados serão encontrados no Capítulo 4.2 desta tese (Artigo Original 2).

Estudo 3- Pode o relacionamento de apego treinador-atleta mediado pelo estilo de liderança do treinador ter impacto na robustez mental dos atletas do contexto mundial de vôlei de praia?. Esse estudo visa testar o impacto da relação de apego treinador-atleta na robustez mental dos atletas, mediado pela percepção do estilo de liderança dos treinadores. A amostra foi composta por atletas mundiais de vôlei de praia, participantes do World Tour 2018, em três etapas, realizadas na China, Estados Unidos e México. A descrição do método do estudo e resultados serão encontrados no Capítulo 4.3 (Artigo Original 3).

Estudo 4, buscou entender o papel do líder e figuras significativas no decorrer da trajetória esportiva, conquista das medalha olímpica e na construção da robustez mental dos atletas brasileiros de vôlei de praia. As narrativas foram analisadas sob as

orientações da Análise de Conteúdo, de Bardin (2011), descritas no Capítulo 4.4 (Artigo Original 4).

4 RESULTADOS

Artigo Original 1

4.1 Relações sociais no esporte: um estudo de revisão sistemática sobre as relações de apego e o desempenho esportivo

Resumo

O objetivo do presente estudo foi realizar uma revisão sistemática de estudos que tenham a teoria do apego como referencial teórico para avaliar as relações sociais no esporte e variáveis relacionadas ao desempenho. Foram pesquisados os bancos de dados eletrônicos PubMed, SportDiscus, Scopus, ScienceDirect, Web of Science, PsychInfo, Scielo e bibliotecas virtuais da Duke University (NC, EUA) e Portal CAPES (BRA). Os artigos foram considerados elegíveis se investigassem a dinâmica interpessoal do treinador e do atleta usando a teoria do apego. Uma abordagem qualitativa metassumária foi usada para a análise dos dados buscando quantificar os os temas emergentes. Dos 1588 artigos da pesquisa bibliográfica, 12 artigos se enquadram nos critérios de elegibilidade e inclusão. A teoria do apego mostrou relevância prática e teórica para estudos futuros que buscam compreender a natureza das relações no contexto esportivo. O segundo instrumento mais utilizado foi a Escala de Apego Técnico-Atleta (CAAS), que é específica para avaliar o apego entre treinadores e atletas, de modo que a escala mais utilizada foi a Escala de Experiências em Relacionamentos Próximos (ECR), que busca avaliar o apego em um contexto geral, mostrando a disponibilidade de instrumentos válidos para futuras investigações quantitativas sobre o tema. Três temas emergiram a partir da análise das variáveis investigadas, de modo que aspectos pessoais, sociais e emocionais positivos estiveram associados ao apego seguro, enquanto que aspectos negativos dos respectivos temas foram identificados como estando associados ao apego inseguro (ansioso e evitativo).

Introdução

Estudos sobre a Teoria do Apego mostram que as experiências iniciais com seus cuidadores, influenciam a maneira como os bebês desenvolvem seus vínculos emocionais (BOWLBY,1982). À medida em que as crianças crescem, seus

relacionamentos subsequentes são afetados pelos laços de apego formados nos relacionamentos durante a infância (FELTON, JOWETT, 2015; HARMON, et al., 2019). Nesse sentido, estudos têm relatado que o treinador pode cumprir aos propósitos de um relacionamento próximo, como o de base segura, porto seguro e manutenção de proximidade, podendo assim, ser visto como uma figura de apego (DAVIS, JOWETT, 2010).

O ambiente que o treinador proporciona é crucial na maneira como os atletas se comportam e respondem às diversas situações, por isso, entender as relações sociais que são formadas no esporte, torna-se fundamentalmente importante para entender os processos que permeiam o desempenho. Assim, a capacidade dos treinadores em reconhecer os estilos de apego de seus atletas pode trazer benefícios e melhor compreensão acerca dos comportamentos dos atletas, (FELTON; JOWETT, 2013b), podendo direcionar melhor seu comportamento e estimar melhor que tipo de grupo pode ser formado, dependendo dos estilos de apego (TIRYAKI; ÇEPIKKURT, 2007).

Embora diversos estudos tenham sido realizados utilizando-se da base teórica do apego, em diferentes contextos da vida (FREALEY, 2002; KANG, JEON, KWON, 2015, SHEINBAUM, et al., 2015), sua utilização no esporte ocorreu de forma mais consistente apenas nos últimos dez anos (DAVIS, JOWETT, 2010; LORENZ, 2018; HARMON, et al., 2019). Portanto, revisões como o presente estudo, que concentram estudos com o mesmo suporte teórico recebem importância na literatura, uma vez que buscam facilitar o entendimento das diferentes variáveis associadas à variável desfecho, contribuindo assim a identificação do estado da arte da área (RIGONI; BELEM; VIEIRA, 2017). Dessa forma, este estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática das pesquisas que avaliaram as relações sociais no contexto esportivo por meio da perspectiva do apego como suporte teórico e as variáveis associadas ao desempenho.

Método

Critérios de Elegibilidade

Nosso critério primário para inclusão do artigo foi a identificação da Teoria do Apego como base teórica do estudo. Para serem incluídos, os artigos deviam ser

relacionados ao contexto esportivo, com atletas e/ou treinadores. Foram excluídos os estudos de revisão de literatura, artigos de opinião, dissertações, teses e capítulos de livros e artigos que avaliaram o apego com pais e parceiros românticos.

Bases de Informação

As buscas foram conduzidas em seis bases eletrônicas: PubMed, SportDiscus, Scopus, ScienceDirect, Web of Science, Scielo e PsycInfo, abrangendo as pesquisas desde o início de criação da base até o ano de 2019, não sendo utilizados limites de linguagem na busca inicial. Além disso, pesquisamos manualmente as referências e citações dos artigos incluídos, utilizando como ferramenta o Google Acadêmico e as bibliotecas virtuais da Duke University e Portal Capes – via Universidade Estadual de Maringá, para os estudos que parecem atender aos critérios de inclusão (com base no título e no resumo).

Buscas

As buscas dos estudos têm por objetivo identificar as relações entre as variáveis “apego treinador-atleta” e “desempenho esportivo”. Dessa forma, foram organizadas estratégias de busca em cada uma das seis bases de dados, com termos equivalentes, a fim de atingir o maior número de estudos que investigaram essa temática. Os descritores utilizados consideraram as particularidades de cada base de dados, uma vez que nem todas as bases reconhecem os mesmos descritores.

Diante dessas considerações, a busca inicial foi realizada na base de dados PubMed, a partir dos termos e seus respectivos descritores/termos associados (APÊNDICE A). Os operadores booleanos utilizados nas buscas foram AND, OR e NOT para as demais combinações dos blocos de termos nas diferentes bases de dados consultadas. Ao considerar que os termos referentes ao apego treinador-atleta (coach-athlete attachment, attachment relationship, avoidant attachment, entre outros) não constam nos Mesh terms desta base de dados, os blocos de busca foram correlacionados com o termo esporte. Assim, foram representados pelos seguintes descritores:

- (("Attachment (Lond)"[Journal] OR "attachment"[All Fields]) AND relationship[All Fields]) AND (("sports"[MeSH Terms] OR "sports"[All Fields] OR "sport"[All Fields]) OR ("sports"[MeSH Terms] OR "sports"[All Fields]) OR ("sports"[MeSH Terms] OR "sports"[All Fields] OR "sporting"[All Fields]) OR ("athletes"[MeSH Terms] OR "athletes"[All Fields] OR "athlete"[All Fields]) OR ("athletes"[MeSH Terms] OR "athletes"[All Fields]) OR ("sports"[MeSH Terms] OR "sports"[All Fields] OR "athletics"[All Fields]) OR ("sports"[MeSH Terms] OR "sports"[All Fields] OR "athletic"[All Fields]) OR coach[All Fields] OR coached[All Fields] OR ("mentoring"[MeSH Terms] OR "mentoring"[All Fields]) OR coaches[All Fields] OR ("mentoring"[MeSH Terms] OR "coaching"[All Fields])).

Seleção dos estudos

Foram identificados um total de 1.586 estudos, que atendiam aos critérios de inclusão. Os títulos e resumos dos artigos obtidos nas buscas foram avaliados aos pares, por revisores independentes (1: A e B; 2: C e D). Alguns resumos, mesmo não apresentando informações suficientes, foram mantidos para análise do texto completo segundo os critérios de elegibilidade. Os revisores avaliaram os textos completos e determinaram a elegibilidade de cada estudo. Quando houveram discordâncias, foram resolvidas por consenso ou por meio da avaliação de um terceiro avaliador.

Qualidade dos Estudos

A qualidade dos estudos quantitativos foi avaliada seguindo os critérios de Bennett et al. (2011). Os itens avaliados nos estudos quantitativos estão relacionados à questão de pesquisa, clareza nos objetivos do estudo, método de aplicação do questionário, métodos de análise dos dados, métodos suficientemente descritos para a replicação, evidência de confiabilidade, evidência de validade, método de verificação de entrada dos dados, uso de codificação, seleção da amostra, descrição da população da amostra, descrição do questionário, método de pontuação, consentimento, aprovação ética da pesquisa e evidência de tratamento ético dos participantes da pesquisa (BENNETT et al., 2011).

Extração dos dados

Dois pares de revisores independentes conduziram a extração dos dados, de modo que quando houve algum desacordo, a extração foi realizada por um terceiro avaliador. Foram coletadas características gerais dos estudos como ano de publicação, design, país, objetivo, descrição da amostra, modalidade esportiva, variáveis associadas, instrumentos utilizados, referencial teórico que embasou o estudo, além dos principais resultados e conclusões.

Análise dos dados

Optamos por um método qualitativo de análise, por meio da meta sumarização dos dados, o qual agrega achados qualitativos de estudos quanti e qualitativos, por meio do agrupamento de resultados em categorias que representam os objetivos do estudo, no nosso caso, verificar as associações entre a relação de apego treinador-atleta e o desempenho esportivo. O processo envolveu resumir os principais resultados de cada estudo em uma análise temática.

As características dos estudos serão apresentadas por meio de frequência (absoluta e relativa), utilizando a técnica de análise de conteúdo do tipo categorial (BARDIN, 2008) para análise e interpretação dos dados. As temáticas associadas a relação de apego treinador-atleta foram classificadas por meio da frequência dos itens identificados nos estudos, agregados em unidades e organizados em categorias de ordem superior, buscando identificar os temas prevalentes associados ao apego treinador-atleta.

Resultados

Características dos estudos

A partir das estratégias de busca, um total de 1586 estudos foram encontrados. Como demonstrado na Figura 1, após a revisão das referências e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 12 artigos foram selecionados para extração dos dados. Dos 114 artigos selecionados após análise de títulos e resumos, foram retirados 73 artigos duplicados. Assim, dos 43 artigos incluídos para análise de elegibilidade, 31 foram excluídos quando verificou-se que tratava-se de dissertações (n=2), artigos de

revisão (n=4), capítulo de livro (n=3), não referir-se à atletas (n=12), não ter embasamento na base teórica do apego (n=5) ou não estarem disponíveis para leitura na íntegra (n=5), totalizando em 12 artigos incluídos nesta revisão sistemática.

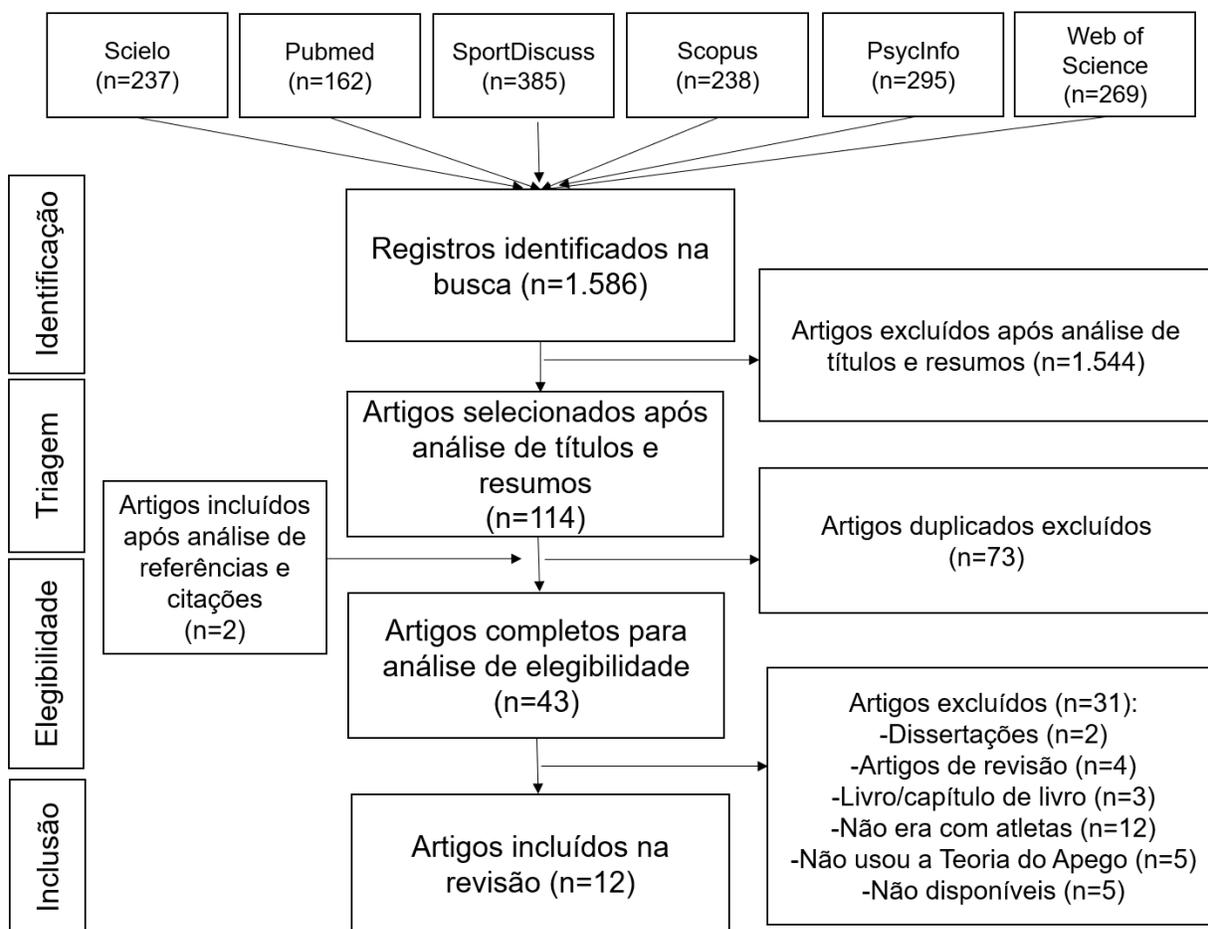


Figura 1 – Diagrama de fluxo dos estudos selecionados para análise final da revisão sistemática

Na Tabela 1, são apresentadas as características, métodos e amostras dos 12 estudos obtidos a partir da revisão sistemática. Foram observados que 11 estudos (91,7%) foram publicados nos últimos 10 anos, sendo apenas um estudo (8,3%) publicado no período anterior à 2010 (TIRYAKI; ÇEPIKKURT, 2007). Os pesquisadores se utilizaram de método quantitativo em 100% dos estudos, sendo nove estudos (75%) do tipo transversal e três do tipo longitudinal (25%) (TIRYAKI, ÇEPIKKURT, 2007; SHANMUGAM, JOWETT, MEYER, 2014; FELTON, JOWETT, 2017). Os estudos

utilizaram-se de análise de correlação (n=9, 45%, Estudos 1,2,3,5,6,7,9,10 e 12), regressão (n=4, 20%, Estudos 2, 8, 11 e 12) e análises de mediação (n=7, 35%, Estudos 3,4,6,7,9,10 e 11).

Em relação à coleta dos dados, os instrumentos utilizados foram questionários validados em 100% dos estudos. O principal instrumento utilizado para avaliação do relacionamento de apego foi o *Experiences in Close Relationships Scale* (ECR; BRENNAN et al., 1998^{2,3,8}) (n=7, 58,3%), em que destes, três utilizaram a versão curta da escala (ECR-S; WEI, et al. 2007^{5,6,11}) e utilizou a versão revisada (ECR-R; FRALEY, WALLER, BRENNAN, 2000¹¹). Todas essas versões avaliam o apego do indivíduo de forma geral. Em seguida, a escala mais utilizada foi a *Coach-Athlete Attachment Scale* (CAAS; DAVIS; JOWETT, 2012) (n=4, 33,7%^{4,7,9,11}), destinada a avaliar o relacionamento de apego entre treinador e atleta. Ainda, um estudo utilizou-se da *Relationship Scales Questionnaire* (GRIFFIN; BARTHOLOMEW, 1994¹), que avalia o apego por meio das dimensões 'Preocupado', 'Temeroso', 'Seguro' e 'Evitativo' (Tabela 1).

O número total de participantes nas pesquisas foi de 3.205 e as amostras contemplaram de 110¹¹ a 703⁴ sujeitos. Destes, 2.491 dos sujeitos investigados eram atletas, 512 treinadores e 202 sujeitos não atletas (Tabela 1). Verificou-se que 9 estudos (75%) foram desenvolvidos somente com atletas, um (8,3%) investigou a díade treinador-atleta, um (8,3%) utilizou amostras independentes de treinadores e atletas e um (8,3%) investigou uma população de atletas e não atletas, não sendo identificado nenhum estudo realizado somente com treinadores (Tabela 1). Em relação à caracterização dos sujeitos, 11 estudos (91,7%) foram realizados com ambos os sexos, e um estudo¹ investigou apenas atletas do sexo feminino. A idade dos sujeitos variou entre 15 e 35 para atletas e 30 e 56 para treinadores.

Verificou-se que apenas cinco estudos^{2,3,4,6,7} (41,7%) informaram o tempo de relacionamento entre treinador e atleta (estudos 1, 3, 4, 6 e 7). Para os atletas, o tempo de relacionamento foi em média de 2,85 anos, variando de 1 mês a 18 anos (DAVIS; JOWETT, 2010), enquanto que para os treinadores a média foi de 3,27 anos. Em relação à modalidade praticada, (91,7%) dos estudos foram realizados com modalidades individuais e coletivas, um estudo (MILROY; HEBARD; KROSHUS, 2018)

classificou em modalidades de colisão (hóquei em campo, hóquei no gelo, futebol americano, lacrosse, salto com vara, rugby, esqui, futebol e luta romana), e de baixa colisão e um estudo utilizou apenas modalidade coletiva (TIRYAKI; ÇEPIKKURT, 2007).

Nove estudos (75%) apontaram o nível esportivo dos atletas pesquisados (estudos 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 11): Regional, Nacional, Internacional, Universitário e Clube, sendo 75% dos estudos realizados com atletas britânicos, dois estudos^{1,10} (16,7%) com atletas turcos (TIRYAKI, ÇEPIKKURT, 2007; BEKAROGLU, BOZO, 2017) e apenas um estudo (8,3%) com atletas americanos (MILROY, et al. 2018).

Variáveis associadas ao relacionamento de apego

Após a extração dos dados dos estudos selecionados, foram identificadas as principais variáveis associadas ao relacionamento de apego no contexto esportivo (Tabela 2). Os temas mais frequentes nos questionários foram registrados e categorizados por meio da análise de conteúdo, originando três categorias de ordem superior: Sentimentos e Emoções, Aspectos Sociais e Aspectos Pessoais. Dentro dessas categorias, estão listados os temas de segunda ordem: satisfação atlética, satisfação com o relacionamento, vitalidade, afeto positivo e negativo, satisfação com a vida, depressão, dificuldade em controlar as emoções (categorizados como sentimentos); qualidade do relacionamento, relatos de concussão no esporte, coesão de grupo, suporte social, suporte de autonomia, conflito interpessoal e comportamento de controle (aspectos sociais); e autoestima, autoconceito físico, necessidades psicológicas básicas, necessidades psicológicas frustradas, transtornos alimentares e comportamentos voltados à promoção da saúde, considerados no presente estudo como aspectos pessoais.

Com base nos temas encontrados e agrupados em temas de 1ª ordem, foram descritos na Tabela 2 e representados na Figura 2, as respectivas variáveis associadas ao apego nos estudos selecionados, buscando entender como se associam de forma positiva e negativa (representados pela direção da correlação + ou -) aos estilos de apego. Na Tabela 3, serão apresentados os valores das correlações, bem como o dimensão da variável associada ao apego.

Tabela 1 - Características dos estudos incluídos na revisão sistemática (n=12).

Estudos	País	Instrumentos	Apego	Amostra	Idade	Sexo	Esporte	Nível competitivo
Tiryaki e Çepikkurt (2007) ¹	Turquia	Relationship Scales Questionnaire (RSQ) e Group Environment Questionnaire (GEQ)	Geral	74 atletas	16 a 32 anos 22.5±4.2	Fem.	Voleibol	Nacional
Davis e Jowett (2010) ²	Inglaterra	Experiences in Close Relationships Scale (ECR), Components of Attachment Questionnaire (CAQ), Athlete Satisfaction Questionnaire (ASQ), Investment Model Scale (IMS)	Geral	309 atletas estudantes	18 a 28 anos 19,9±1,58	Ambos	37% indiv. 63% coletivo	Regional/Nacional/ Internacional (34%) Universitário (35,9%) e Clube (29%)
Davis, Jowett e Lafrenière (2013) ³	Inglaterra	Experience in Close Relationship Scale (ECR), CART-Q, Investment Model Scale	Geral	214 107 treinadores 107 atletas	(T) 41,1±13,8 (A) 20,6±6.1	Ambos	Individuais e coletivas	-

Davis e Jowett (2013) ⁴	Inglaterra	Coach-Athlete Attachment Scale (CAAS) e Investment Model Scale	Treinador	703 405 treinadores 298 atletas	(T) 43,2±13,5 (A) 19,4±2,1	Ambos	Individuais e coletivas	Regional, Nacional, Internacional, Universitário e Clube
Felton e Jowett (2013a) ⁵	Inglaterra	Experiences in Close Relationships Scale–Short version (ECR-S), Needs Satisfaction Scale, Subjective Vitality Scale (SVS), Autoestima de Rosemberg (RSE), Elite Athlete Self-Description Questionnaire (EASDQ), I-PANAS-Short	Geral	430 atletas	15 a 35 anos 20.4 ±2.7	Ambos	59% indiv. 41% coletivo	Regional/Nacional/ Internacional (47%) Universitário (20%) e Clube (33%)
Felton e Jowett (2013b) ⁶	Inglaterra	Experiences in Close Relationships Scale – Short version (ECR-S), Need Satisfaction Scale (NSS), Sport-Specific Quality of	Geral	215 atletas	15 a 35 anos 20,56±3,21	Ambos	40% indiv. 60% coletivo	Regional, Nacional, Internacional (56%), Universitário (14%) e Clube (30%)

		Relationship Inventory (S-SQRI); The Sport Climate Questionnaire (SCQ), Coaches' Controlling Behavior Scale (CCBS).						
Davis e Jowett (2014) ⁷	Inglaterra	Coach–Athlete Attachment Scale (CAAS), Positive and Negative Affect Schedule (PANAS), Sport-Specific Quality of Relationship Inventory (S-SQRI)	Treinador	192 atletas	16 a 32 anos 20,14±2,66	Ambos	Individuais e coletivas	Regional (22,9%), Nacional (17,2%), Internacional (12,9%), Universitário (14,6%) e Clube (31,8%)
Shanmugam, Jowett, e Meyer (2014) ⁸	Inglaterra	Experiences in Close Relationships (ECR), Eating Disorder Examination Questionnaire (EDEQ), Sport-Specific Quality of Relationship Inventory	Geral	122 atletas	17 a 36 anos 21,22±4,02	Ambos	62% indiv. 38% coletivo	Nacional e Internacional (39%), Regional (18%), Universitário (22%), e Clube (21%)

(S-SQRI)

Felton e Jowett (2015) ⁹	Inglaterra	Coach–Athlete Attachment Scale (CAAS), Psychological Need Thwarting Scale (PNTS), Satisfaction with Life Scale (SLS), Athlete Satisfaction Questionnaire (ASQ), Brief Symptom Inventory (BSI), International Positive and Negative Affect Scale-Short Form (I-PANAS-SF)	Treinador	241 atletas	18 a 31 anos 20,74±2,23	Ambos	27% indiv. 65% coletivo 8% não informaram	Regional (20%), Nacional e Internacional (23%), Universitário (50%) e Clube (7%)
-------------------------------------	------------	---	-----------	-------------	----------------------------	-------	---	--

Bekaroglu e Bozo (2017) ¹⁰	Turquia	Experiences in Close Relationships-Revised (ECR-R), Demographic Information Form, Difficulty of Emotion Regulation Scale (DERS), Health-Promoting Lifestyle Profile II (HPLP-II).	Geral	109 atletas 202 não atletas	18 a 40 anos 27,7±6,20 atletas 24,8±4,75 não atletas	Ambos	Esportes radicais (individ.)	-
Felton e Jowett (2017) ¹¹	Inglaterra	Experiences in Close Relationships—Short version (ECR-S), The Need Satisfaction Scale (NSS), Subjective Vitality Scale (SVS), 10-item Rosenberg Self-Esteem Scale (RSE), The International Positive and Negative Affect Schedule—Short Form (I-	Geral	110 atletas	15 a 32 anos 20,96±3,07	Ambos	51% indiv. 49% coletivo	Regional (17%), Nacional e Internacional (25%), Universitário (34%) e Clube (24%)

PANAS-SF),
Elite Athlete
Self-
Description
Questionnaire
(EASDQ – 6-
item)

Milroy, et al.
(2018)¹²

Estados
Unidos

Coach-Athlete
Attachment
Scale (CAAS),
SRC
experience and
reporting

Treinador

284
estudantes-
atletas

18 a 22
anos
19.16±0.49

Ambos

60%
impacto
40% baixo
impacto

-

Tabela 2 – Indicadores positivos e negativos associados ao relacionamento de apego no contexto esportivo.

Sentimentos e emoções	Direção da correlação	Direção da correlação
(n° estudos = 8)	Apego Seguro	Apego Inseguro
Satisfação atlética ^{2,9}	(+) ⁹	(-) ² , (-) ⁹
Satisfação com o relacionamento ^{2,3,4}	(+) ⁴	(-) ² , (-) ³
Vitalidade ^{5,11}		(-) ⁵ , (-) ¹¹
Afeto positivo ^{5,7}	(+) ⁷	(-) ⁵ , (-) ⁷
Afeto negativo ^{5,7,9,11}	(-) ⁹	(+) ⁵ , (+) ⁷ , (+) ⁹ , (+) ¹¹
Satisfação com a vida ⁹	(+)	(-)
Depressão ⁹	(-)	(+)
Regulação de emoções ¹⁰		(+)
Aspectos sociais		

(n° estudos = 6)	Apego Seguro	Apego Inseguro
Qualidade do relacionamento ^{7,8}	(+) ⁷	(-) ⁷
Qualidade do relacionamento treinador-atleta ³		(-)
Relato de lesão relacionada ao esporte ¹²	(-)	(+)
Coesão de grupo ¹	(+)	(-)
Suporte social ⁶		(-) ⁶
Suporte de autonomia ⁶		(-) ⁶
Conflito interpessoal ⁶	=	=
Comportamento de controle ⁶	=	=
Aspectos pessoais		
(n° estudos = 6)	Apego Seguro	Apego Inseguro
Autoestima ^{5,11}		(-) ⁵ , (-) ¹¹

Autoconceito físico ^{5,11}		(-) ⁵ , (-) ¹¹
Necessidades psic. Básicas ^{5,6,11}		(-) ⁵ , (-) ⁶
Necessidades frustradas ⁹	(-)	(+)
Comportamento de promoção à saúde ¹⁰		(-)
Transtornos alimentares ⁸	=	=

Tabela 3 – Indicadores de associação relacionados ao apego no contexto esportivo.

	Aspectos emocionais	Apego Seguro (r valor)	Apego Inseguro (r valor)
Satisfação atlética ^{2,9}	Satisfação com a performance ^{2,9} Satisfação com o treinamento ² Satisfação com o tratamento ²	Seguro= ,13 ^{*9}	Evi= -,28 ^{*2} , -,21 ^{**9} , Ans= ,18 ^{*2} Evi= -,39 [*] , Ans=-,16 [*] Evi=-,48 [*] , Ans=-,22 [*]
Satisfação relacion. ^{2,3,4}	Satisfação com o relacionamento	Seguro= ,83 ^{*4}	Evi = -,53 ^{*2} , -,58 ^{*3} Ansioso = -,14 ^{*2} , -,21 ^{*3}
Vitalidade ^{5,11}	Vitalidade		Evi= -,24 ^{**5} , -30 ^{**11} , Ans=-,17 ^{**5}
Afeto positivo ^{5,7}	Afeto positivo	Seguro= ,37 ^{**7}	Evi= -,21 ^{**5} , -,20 ^{**7} Ans=- ,10 ^{*5} , -,25 ^{**7}
Afeto negativo ^{5,7,9,11}	Afeto negativo	Seguro= -,13 ^{*9}	Evi.= ,21 ^{**5} ,18 ^{**9} , 18 ^{*11} , Ans=,38 ^{**5} , 17 ^{*7} , 17 ^{**9} , 13 ^{*11}
Satisfação com a vida ⁹	Satisfação com a vida	Seguro= ,18 ^{**}	Evi= -,21 ^{**}
Depressão ⁹	Depressão	Seguro= -,21 ^{**}	Evi= ,28 ^{**} , Ans= ,27 ^{**}

Regulação de emoções	Falta de consciência sobre as emoções	Evi= ,24**, Ans= ,21*
	Falta de clareza	Evi= ,64**, Ans= ,54**
	Não aceitação das emoções	Evi= ,67**, Ans= ,50**
	Falta de estratégias para lidar	Evi= ,62**, Ans= ,44**
	Dificuldade de controlar impulsos	Evi= ,59**, Ans= ,36**
	Falta de atitude direcionada à meta	Evi= ,59**, Ans= ,21**

Aspectos sociais

Qualidade do relacionamento ^{7,8}	Suporte	Seguro= ,62** ⁷	Evi.= -,65** ⁷ , Ans= -,21** ⁷
	Profunda	Seguro= ,58** ⁷	Evi.= -,67** ⁷ , Ans= ,18* ⁷
	Conflituosa	Seguro= ,34** ⁷	Evi.= -,20** ⁷ , Ans= -,27** ⁷
RTA ³	Perspectiva direta		Evi.= -,35*
	Meta perspectiva		Evi.= -,41*, Ans= -,19*
Relato de concussão relacionada ao esporte ¹²	Relato de concussão relacionada ao esporte	Seguro= -,15*	Ans= ,13*

Coesão de grupo ¹	Atração individual ao grupo-Social Atração individual ao grupo-Tarefa Integração de grupo-Social Integração de grupo-Tarefa	Seguro = 0,45	Temeroso = -0,43* Preocupado = 0,61* Preocupado = -0,31*
Suporte social ⁶	Suporte social do treinador Conflito interpessoal treinador		Evi= -,17* ⁶
Suporte de autonomia ⁶	Suporte de autonomia		Evi= -,15* ⁶
Comportamento de controle ⁶			

Aspectos pessoais

Autoestima ^{5,11}	Autoestima		Evi= -,16** ⁵ , -,14** ¹¹ , Ans= ,16** ⁵ , -,16** ¹¹
Autoconceito físico ^{5,11}	Autoconceito habilidades Autoconceito performance		Evi=-,14** ⁵ Evi=-,17** ⁵ , Ans= -,19* ¹¹
NBP ^{6,11}	Satisfação das necessidades básicas		Evi=-,14** ⁵ , -,15* ⁶

NPF ⁹	Autonomia frustrada – treinador	Seguro= -,36**	Evi= ,36**, Ans= ,44**
	Competência frustrada – treinador	Seguro= -,42**	Evi= ,37**, Ans= ,49**
	Relacionamento frustrado – treinador	Seguro= -,44**	Evi= ,33**, Ans= ,48**
	Autonomia frustrada – esporte	Seguro= -,32**	Evi= ,33**, Ans= ,46**
	Competência frustrada – esporte	Seguro= -,36**	Evi= ,37**, Ans= ,47**
	Relacionamento frustrado – esporte	Seguro= -,31**	Evi= ,36**, Ans= ,41**

Promoção à saúde¹⁰ Comportamento de promoção à saúde Ans= -,28**

Transtornos alimentares⁸ Transtorno alimentar

Nota: Os resultados das correlação são referentes às associações encontradas nas investigações com os atletas. NPB = Satisfação das necessidades psicológicas básicas; NPF = Satisfação das necessidades psicológicas frustradas.

Na Figura 2, temos a representação por meio de uma rede nomológica de como as variáveis categorizadas em Aspectos Pessoais, Sociais e Sentimentos e Emoções, se associam aos estilos de apego seguro e inseguro (ansioso e evitativo). As arestas verdes representam associações positivas e as vermelhas, negativas. Quanto mais espessa as arestas, mais forte a associação. Nota-se um padrão de arestas vermelhas associadas ao apego inseguro, indicando associações negativas com as necessidades psicológicas básicas, satisfação atlética, autoestima, autoconceito físico e vitalidade, por exemplo. Entretanto, uma associação positiva é notada com o afeto negativo, sendo esta mais forte, notada pela proximidade entre os nodos e espessura da aresta. Para o apego seguro, notamos associações positivas com aspectos positivos, como a coesão de grupo e satisfação com o relacionamento; e negativas, com a depressão e as necessidades básicas frustradas, por exemplo.

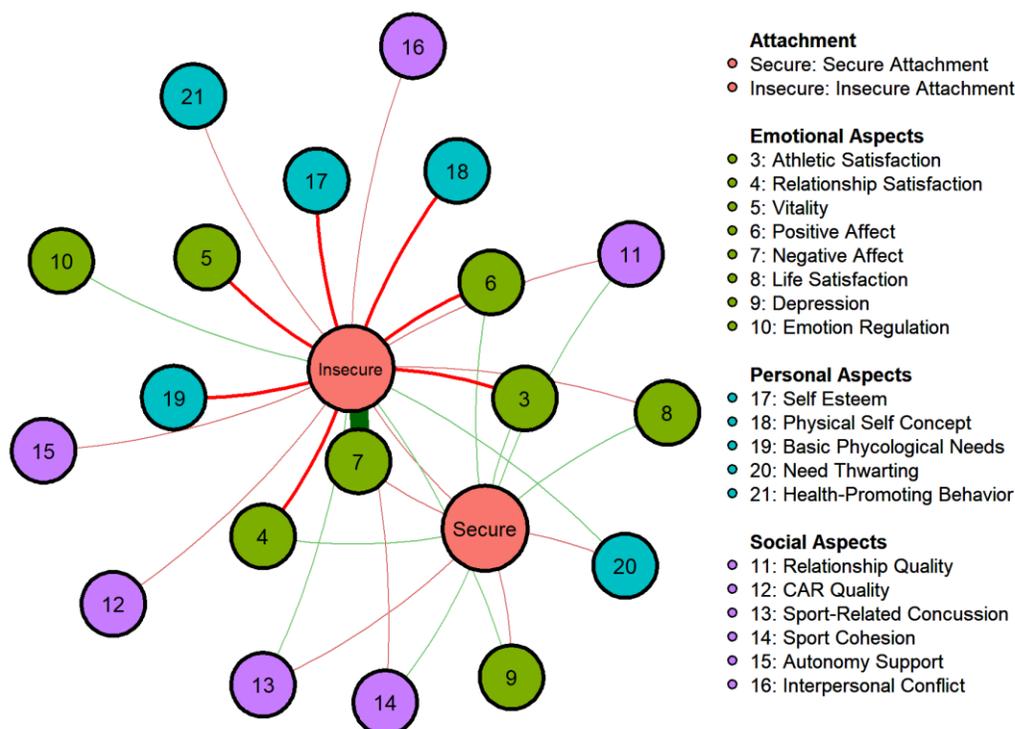


Figura 2 – Indicadores de associação relacionados ao apego no contexto esportivo, representados por meio de uma rede nomológica.

A seguir, a descrição sobre as categorias de primeira ordem, formadas a partir das variáveis identificadas nos estudos.

Aspectos emocionais – foram alocadas nessa categoria as variáveis relacionadas às sensações dos atletas e treinadores acerca dos aspectos vivenciados no contexto esportivo. Assim, oito estudos (66,7%) associaram o apego às variáveis que remetem aos sentimentos e/ou emoções, explorados a partir da identificação da satisfação atlética^{2,9}, satisfação com o relacionamento^{2,3,4}, vitalidade^{5,11}, afeto positivo^{5,7}, afeto negativo^{5,7,9,11}, satisfação com a vida⁹, depressão⁹ e regulação de emoções¹⁰. Observa-se que a satisfação foi avaliada em cinco estudos, direcionada à três diferentes aspectos da vida do sujeito (esportivo, relacionamentos e à vida). Esta variável é vista na literatura, como um importante indicador de entusiasmo ou felicidade (CHELLADURAI; RIEMER, 1997), referindo-se a satisfação atlética como um estado afetivo positivo, resultante de avaliações das estruturas, processos e resultados associados à experiência atlética (RIEMER; CHELLADURAI, 1998).

Nesse sentido, resultados indicaram que o apego evitativo contribui para menor satisfação com a performance, especialmente, quando mediada pela necessidade frustrada de competência (FELTON; JOWETT, 2015), sugerindo que atletas com perfil de apego inseguro, especialmente os evitativos, sentem desconforto com a proximidade, desconfiam do treinador e permanecem desconectados do ponto de vista comportamental e emocional com o treinador, tendo assim menor probabilidade de experimentar satisfação com aspectos do esporte e das relações atléticas. Desse modo, assim como sugerido pela literatura, os resultados dos estudos que investigaram a satisfação com o relacionamento^{2,3,4} mostraram que pessoas com menores níveis de apego inseguro experienciam melhores relacionamentos e com isso, mais emoções positivas (DAVIS, JOWETT, 2012; DAVIS, JOWETT, LAFRENIÈRE, 2013).

Atletas com perfil evitativo também mostraram experienciar menores níveis de satisfação com a vida, maiores níveis de depressão (FELTON; JOWETT, 2015) e afeto negativo (DAVIS, JOWETT, 2014; FELTON, JOWETT, 2015, FELTON, JOWETT, 2017), bem como reduzido senso de vitalidade (FELTON, JOWETT, 2013a; FELTON, JOWETT, 2017). Ainda, quanto mais ansioso for o estilo de apego de um indivíduo, maior sua dificuldade em regular as emoções. Foi observado relação direta positiva

entre o apego inseguro (evitativo e ansioso) e a falta de comportamento direcionado a objetivos enquanto lida com emoções negativas, falta de consciência e de clareza das emoções, impulsividade, não aceitação das emoções e falta de estratégias para lidar com as emoções negativas (BEKAROGLU; BOZO, 2017).

Em contrapartida, atletas que experienciam um perfil seguro de apego, vêem seu treinador como provedor sensível e responsivo de apoio e segurança, o que permite aos atletas ampliarem seus pontos de vista, fazendo-os com que se sintam atores das suas atitudes e esforços no contexto esportivo, o que, por sua vez, permite que os atletas construam relacionamentos e conexões de qualidade com os treinadores. Dessa forma, são capazes de experimentar emoções positivas, incluindo interesse, emoção, felicidade e zelo (DAVIS; JOWETT, 2014).

Aspectos sociais – os aspectos sociais foram projetados como as conexões estabelecidas pelos indivíduos no contexto esportivo, com pais, treinadores e colegas de equipe. Seis estudos (50%), investigaram os aspectos sociais, por meio da coesão de grupo¹, qualidade dos relacionamentos^{3,6,7}, suporte social⁶, suporte de autonomia⁶, comportamento de controle⁶, conflito interpessoal com pais e treinadores⁶ e relatos de concusão no contexto esportivo¹². Os resultados destacam que aqueles com apego evitativo tendem a ter dificuldade em criar e manter boa qualidade e interdependência nos relacionamentos, indicando que a desvalorização e o negligenciamento da relação treinador-atleta pode ter implicações negativas no desempenho (persistência, motivação, sucesso) e na saúde psicológica (por exemplo, felicidade, satisfação, e excessiva preocupação) (DAVIS; JOWETT; LAFRENIÈRE, 2013).

De modo contrário, indivíduos que mostram um estilo de apego seguro vêm a si mesmos e aos outros de maneira positiva, sentindo-se à vontade com a autonomia e a intimidade em seus relacionamentos. Isso explica as relações positivas encontradas entre a integração de grupo social e o estilo de apego seguro. À isso, deve-se ao fato de que esses atletas expressam suas emoções verbalmente, procuram apoio quando estão sob estresse e usam estratégias construtivas de enfrentamento. Mostram empatia com os demais, um dos pontos cruciais para que se alcance altos níveis de coesão dentro de um grupo (TIRYAKI; ÇEPIKKURT, 2007).

Aspectos pessoais – nesse bloco foram categorizados como temas de segunda ordem as variáveis que referem-se à percepção do sujeito sobre si e suas questões motivacionais pessoais. Seis estudos (50%) avaliaram percepções pessoais associadas ao apego, por meio da autoestima^{5,11}, autoconceito físico^{5,11}, necessidades psicológicas básicas^{5,6,11}, necessidades psicológicas básicas frustradas⁹, comportamento de promoção à saúde¹⁰ e transtornos alimentares⁸.

Verificou-se que o estilo de apego evitativo foi capaz de predizer negativamente as necessidades básicas de relacionamento (FELTON, JOWETT, 2017). Resultados semelhantes foram encontrados por Felton e Jowett (2013b), que apontaram associação negativa entre o apego evitativo sobre a satisfação da necessidade psicológica básica voltada ao treinador, com mediação dos comportamentos de suporte social e suporte de autonomia, indicando que quanto maiores os níveis evitativos de apego, menores eram as percepções de suporte fornecido pelo treinador, o que leva a menor satisfação das necessidades básicas dos atletas (FELTON; JOWETT, 2013b). Além disso, as necessidades psicológicas básicas também tiveram papel de mediação no estudo de Felton e Jowett (2013a), o qual encontrou relação negativa entre o estilo de apego evitativo e todas as medidas subjetivas de bem-estar (vitalidade, auto estima, afeto positivo e negativo, autoconceito físico de performance e de habilidade) (FELTON; JOWETT, 2013a).

Além disso, o apego evitativo indicou aumentar a percepção das necessidades frustradas de competência e de relacionamento, o que resultou em menor satisfação com a performance. Os resultados de Felton e Jowett (2015) revelaram que o apego inseguro mostrou associação positiva com todas as dimensões das necessidades psicológicas frustradas, enquanto que o apego seguro apresentou relações negativas, indicando que maiores níveis de apego seguro podem reduzir a frustração das necessidades psicológicas básicas (FELTON; JOWETT, 2015).

Por fim, resultados indicaram que conforme o aumento do perfil inseguro de apego dos atletas (ansioso e evitativo) menores são os níveis de autoestima apresentados (FELTON, JOWETT, 2013a; FELTON, JOWETT, 2017). Assim, atletas com perfil de apego ansioso apresentaram maior dificuldade em lidar com as emoções, levando a menores níveis de comportamentos direcionados à promoção de sua saúde

(BEKAROGLU; BOZO, 2017), enquanto que os atletas com maiores níveis de apego evitativo, apresentaram menores níveis de autoconceito de performance. Ressalta-se que os transtornos alimentares não apresentaram relação com os estilos de apego (SHANMUGAM; JOWETT; MEYER, 2014).

Discussão

Até onde conseguimos encontrar, esse é o primeiro estudo que buscou investigar de forma sistemática, a literatura sobre a relação de apego e as variáveis associadas ao desempenho esportivo, resumizando as evidências e proporcionando sugestões para futuras investigações. Um total de 12 estudos que investigaram a relação de apego dentro do contexto esportivo, em diferentes níveis competitivos, de modalidades coletivas e individuais, atingiram os critérios de elegibilidade e foram incluídos nesta revisão sistemática (Tabela 1).

Primeiramente, é importante ressaltar que resultados indicaram que o treinador pode ser visto como figura de apego, sendo capaz de preencher aos três propósitos da figura de apego: base segura, porto seguro e manutenção de proximidade (DAVIS; JOWETT, 2010). Além disso, foi apontado pelos estudos que a base teórica do apego, desenvolvida originalmente por John Bowlby (1969/1982,1973,1979) tem potencial teórico e prático para estudar as relações dentro do contexto esportivo (DAVIS, JOWETT, 2010), podendo ajudar a entender os processos envolvidos na formação e manutenção dos laços emocionais de qualidade entre treinadores e atletas (DAVIS, JOWETT, LAFRENIÈRE, 2013).

No geral, o apego parece estar associado de forma positiva às variáveis que contribuem para o desempenho esportivo (satisfação atlética, com os relacionamentos, e com a vida; afeto positivo, qualidade dos relacionamentos, vitalidade, coesão de grupo, autoestima, autoconceito físico e necessidades psicológicas básicas) e de modo negativo às variáveis distratoras à boa performance (afeto negativo, depressão, dificuldade na regulação das emoções e necessidades psicológicas frustradas) (Tabela 2).

Nessa perspectiva, o estilo de apego seguro prediz positivamente a satisfação do relacionamento, enquanto um estilo de apego inseguro se mostrou como um preditor negativo da satisfação do relacionamento (DAVIS; JOWETT, 2013). Além da satisfação com o relacionamento, o estilo de apego mostrou afetar também a qualidade dos relacionamentos (DAVIS, JOWETT, LAFRENIÈRE, 2013; DAVIS; JOWETT, 2014). Especificamente, foi apresentada relação negativa entre o estilo de apego evitativo e a percepção de qualidade do relacionamento, indicando que altos níveis de perfil evitativo estão associados a baixa qualidade do relacionamento (DAVIS, JOWETT, LAFRENIÈRE, 2013).

Comportamentos do treinador voltados ao suporte social e ao suporte de autonomia, tiveram relação negativa com o apego evitativo, além de papel mediador na relação desses comportamentos de apoio com as necessidades psicológicas básicas⁶ (Tabela 2 e 3). Uma possível explicação para esses achados se relacionam apenas ao apego evitativo pode ser a natureza desse estilo de apego inseguro. Indivíduos com um estilo de apego evitativo não têm expectativa de apoio de pessoas próximas (ou seja, o treinador), enquanto indivíduos com um estilo de apego mais ansioso têm expectativas de apoio (AINSWORTH et al., 1978; BOWLBY, 1982).

Assim, é plausível que, entre os dois estilos de apego inseguros, o estilo de apego evitativo seja mais disfuncional, uma vez está em desacordo com a formação de relacionamentos interdependentes, característica essencial para o treinamento esportivo (DAVIS; JOWETT; LAFRENIÈRE, 2013). Isso reforça os indícios que mostram que atletas seguros se sentem confortáveis com a proximidade e a interdependência emocional, o que permite que percebam seus treinadores como disponíveis para fornecer apoio (DAVIS, JOWETT, 2014). Isso é consistente com a teoria do apego, que retrata que os indivíduos evitativos são altamente preocupados em ser independentes e auto-suficientes, geralmente negando a importância de relacionamentos íntimos (MIKULINCER; SHAVER, 2007).

Nesse sentido, as necessidades psicológicas básicas apontaram três indicadores que os indivíduos devem satisfazer para atingir um crescimento psicológico, integridade e bem-estar (DECI; RYAN, 2000). Para tanto, estilos de apego inseguro apresentaram associação com as necessidades frustradas de competência e

relacionamento no contexto esportivo, que por sua vez, se relacionam a satisfação com a performance, satisfação com a vida, depressão e afeto negativo (FELTON, JOWETT, 2015), indicando que o relacionamento de apego inseguro não satisfaz as necessidades psicológicas dos sujeitos, podendo levar a disfuncionalidades psicológicas, além de prejudicar o desempenho esportivo.

Dessa forma, foi identificado que quanto maior o nível de apego evitativo dos atletas, menores eram as necessidades psicológicas básicas de relacionamento, indicando que menores eram as expectativas de que nenhum apoio seria prestado (FELTON, JOWETT, 2013b; FELTON, JOWETT, 2017). Tais achados recebem suporte da teoria de Bowlby (1982), que propõe que aqueles com apego evitativo percebem aos outros como não apoiantes e indisponíveis; portanto, desenvolvem um modelo de apego negativo, orientado pela expectativa de que não receberão apoio. Em contrapartida, ambientes sociais conduzidos por pessoas significativas (como professores, treinadores e pais) favorecem a satisfação das necessidades básicas dos atletas, visto que proporcionam experiências psicológicas que atuam positivamente sobre sua motivação e desempenho.

Tais resultados (reportados na Tabela 3), vão ao encontro dos estudos que mostram o impacto negativo que o estilo de apego evitativo tem no desempenho esportivo, como na baixa percepção de desempenho, por exemplo (FELTON, JOWETT, 2017). Atletas com apego evitativo foram identificados com menores níveis subjetivos de bem-estar (vitalidade, auto estima, afeto positivo e negativo e autoconceito de habilidade e desempenho) em comparação com atletas com apego seguro (FELTON; JOWETT, 2013b). Esses resultados também foram confirmados por Felton e Jowett (2017), que encontrou em uma modelagem multinível que estilos de apego inseguros (ansiosos e evitativos) previam resultados de bem-estar nos níveis intra e inter-pessoal, confirmando que maiores níveis de apego evitativo levam a menor satisfação das necessidades básicas, que por sua vez, leva a menores níveis de bem-estar atlético

Assim, conforme o aumento do perfil inseguro de apego dos atletas (ansioso e evitativo) menores são os níveis de autoestima apresentados (FELTON, JOWETT, 2013a; FELTON, JOWETT, 2017). Resultados que vão ao encontro da teoria do apego

(BOWLBY, 1982), que aponta que o apego inseguro é resultado de um modelo negativo de trabalho, onde o sujeito apresenta visão negativa sobre si e sobre os outros. Além disso, sujeitos com apego inseguro, especialmente o ansioso, apresentam falta de consciência sobre suas emoções e falta de objetivos ao lidar com emoções negativas, o que os leva a não demonstração de comportamentos de promoção à saúde (BEKAROGLU; BOZO, 2017). Uma possível explicação pode estar ligada ao fato que indivíduos com apego ansioso tender a ficar presos em suas emoções, o que dificulta a concentração em outras coisas, como realizar o trabalho ou pensar em outra coisa (características semelhantes à falta de objetivos em lidar com emoções negativas). Dessa forma, esses sujeitos têm mais probabilidade de deixar que suas emoções atrapalhem seus objetivos da vida cotidiana, incluindo os relacionados à sua saúde (STEVENS, 2014; BEKAROGLU; BOZO, 2017).

Este estudo apresenta algumas limitações importantes que precisam ser consideradas. A nossa revisão se propôs abranger apenas os estudos que envolvem atletas e treinadores. Dessa forma, a literatura envolvendo o apego entre pais e filhos, ainda que estes fossem atletas, não foi incluída na revisão. Outra limitação foi a falta de acesso a cinco artigos, que não estavam disponíveis nas bases da Capes, Duke University e bases de pesquisa da China. Outra limitação foi a não apresentação das associações (registradas por dois artigos) com a população de treinadores (as associações apresentadas foram apenas as relativas às percepções dos atletas). Tal medida foi adotada visto que a revisão tem um espaço limitado para apresentação dos resultados, além de permitir um maior agrupamento dos dados, gerando maiores evidências e direcionamentos.

Conclusão

Apesar das limitações encontradas, os resultados da sumarização do presente estudo toruxeram importantes contribuições à literatura. As variáveis identificadas nos estudos foram agrupadas em três temas: aspectos pessoais, sociais e emocionais. Desse modo, verificou-se que o relacionamento de apego entre treinador e atleta esteve associado positivamente à estes aspectos, ainda que em magnitude de força fraca à moderada, destacando-se principalmente a satisfação atlética, satisfação com a

vida, com o relacionamento e a coesão esportiva. Em contrapartida, o apego inseguro foi positivo e fortemente associado à aspectos negativos, como o afeto negativo, tendo também sido identificadas associações negativas e moderadas com aspectos como afeto positivo, satisfação atlética e com o relacionamento, autoestima, autoconceito e vitalidade, indicando que relacionamentos de apego seguro trazem maiores contribuições ao relacionamentos sociais formados dentro do contexto esportivo.

Como implicações práticas, este estudo auxilia treinadores a compreender as razões pelas quais os atletas se comportam de maneira mais fria e distante, colocando-os em melhor posição para interagir com seus atletas e guiá-los a responderem melhor às situações. Isso porque, sujeitos com apego evitativo, por exemplo, podem ter dificuldade em interagir com as figuras próximas, como o treinador, para obtenção de apoio e orientação, visto que valoriza a dependência e autossuficiência; enquanto que sujeitos ansiosos, ainda que busquem com mais facilidade essa aproximação, têm uma visão muito negativa sobre si, o que pode prejudicar seu desempenho esportivo. Uma vez que os treinadores não têm conhecimento da causa desses comportamentos, pode percebê-los como não cooperativos, inacessíveis e hostis.

Com base nos resultados deste estudo, diversas direções futuras de pesquisa podem ser identificadas. Percebe-se que todos os estudos utilizaram a Teoria do Apego como base teórica dos estudos, as vezes em conjunto com outras teorias (como a Teoria da Autodeterminação), os quais apontaram relevância prática e teórica para futuros estudos que queiram entender a natureza dos laços formados dentro do contexto esportivo. Além disso, os questionários mais utilizados foram o *Experiences in Close Relationships Scale* (ECR; Brennan et al., 1998), que avalia a relação de apego do sujeito em um contexto geral, seguido pelo *Coach-Athlete Attachment Scale* (CAAS, DAVIS, JOWETT, 2013), que avalia o apego no contexto esportivo, entre treinadores e atletas, indicando a existência de instrumentos na literatura, que permitem futuras investigações quantitativas.

Referências

As referências encontram-se dispostas ao final desta tese.

Artigo Original 2

4.2 Adaptação transcultural e propriedades psicométricas do *Coach-Athlete Attachment Scale (CAAS)*

Resumo

Este estudo investigou as propriedades psicométricas da versão brasileira da *Coach-Athlete Attachment Scale (CAAS)*. O instrumento foi traduzido e adaptado por 11 especialistas da área. A amostra de validação foi composta por 814 atletas e treinadores, de modalidades coletivas e individuais. Os resultados demonstraram traduções claras e pertinentes entre os especialistas, e consistência interna satisfatória dos itens em português. O modelo da AFC apresentou índices de ajuste satisfatórios [$\chi^2(138) = 797.493$; CFI = 0.963; TLI = 0.958, RMSEA = 0.08], dando suporte à estrutura original da escala, com três fatores. A escala apresentou adequada confiabilidade (CC > 0.80). Verificou-se validade convergente do CAAS com a subescala de satisfação com o relacionamento (BNSS) e com a subescala de proximidade do questionário de relacionamento treinador-atleta (CART-q), confirmando the instruments' ability to behave as expected in relation to the theoretical concept. A análise fatorial multigrupo indicou invariância para o sexo e para o grupo de treinadores e atletas ($\Delta CFI < 0.001$ e < 0.003 , respectivamente). Concluiu-se que a versão brasileira do CAAS apresentou boas propriedades psicométricas para atletas e treinadores.

Palavras-chave: Apego, Esporte, Psicometria.

Introdução

Atletas e treinadores precisam uns dos outros para crescimento, desenvolvimento e conquista do sucesso (independente de qual seja sua definição de sucesso, que pode ser vista desde satisfação pessoal à conquista de recordes) (JOWETT, 2017). Relações que oferecem cuidado e proporcionam satisfação são mais propensas a se tornar veículo para criatividade e desenvoltura, ingredientes importantes para o sucesso no esporte de alto nível (JOWETT; SHANMUGAM, 2016). Nesse sentido, os relacionamentos próximos com figuras que se mostram disponíveis, sensíveis e dão suporte quando requeridas, podem se tornar relações de apego, de modo que quando os sujeitos encontram segurança nesse relacionamento, tendem a apresentar estratégias de enfrentamento efetivas, regular suas emoções com sucesso

e ter uma perspectiva positiva e esperançosa mesmo em situações de dificuldade (MIKULINCER, SHAVER, 2007). Dessa forma, avaliar as relações dentro do contexto esportivo se faz importante, uma vez que sabe-se que quando o indivíduo se sente seguro com esse vínculo, apresenta comportamentos essenciais ao sucesso esportivo.

Para avaliar a relação entre treinador e atleta, tem sido amplamente utilizado na literatura o Questionário de Relação Treinador-Atleta (CART-q) (JOWETT; NTOUMANIS, 2004), que avalia a qualidade da relação de díade treinador-atleta, tanto na perspectiva do atleta quanto do treinador, avaliando as percepções de proximidade, comprometimento e complementariedade. Entretanto, mais recentemente foi desenvolvido por Davis e Jowett (2013), o *Coach-Athlete Attachment Scale* (CAAS), que avalia a relação de apego no contexto esportivo. O objetivo da escala é avaliar a relação treinador-atleta na perspectiva da Teoria do Apego, uma teoria psicossocial, criada por John Bowlby (1972) que investiga o apego das crianças com seus cuidadores na infância e como esses modelos de trabalho internalizados conduzem suas relações ao longo da vida, uma vez que podem ser constituídas relações seguras, ansiosas ou evitativas.

Existem inúmeros questionários utilizados para avaliar o relacionamento de apego em outros contextos de vida, como idade adulta (FEENEY; NOLLER; HANRAHAN, 1994), relacionamentos românticos (SIMPSON; RHOLES, 1996; COLLINS, 1996; KUNCE, SHAVER, 1994) e experiência em relacionamentos próximos (GRIFFIN; BARTHOLOMEW, 1994; BRENNAN; CLARK; SHAVER, 1998). Entretanto, até então, não havia um questionário que se destinasse a avaliar esse tipo de relação dentro do contexto esportivo. A adaptação transcultural do instrumento se faz importante uma vez que a literatura reporta a escassez de instrumentos de avaliação, principalmente na perspectiva do treinador (LORIMER, 2009). Até onde sabemos, não há estudos relatando a validade e a confiabilidade do construto do CAAS em treinadores e atletas em outras línguas, além da língua original em que o instrumento foi construído (inglês), sendo este estudo o primeiro a realizar a adaptação transcultural desta escala.

O CAAS torna possível a avaliação da relação de apego no contexto esportivo, especificamente entre treinador e atleta, tendo em vista que a escala é de fácil

administração e relativamente curta (19 itens), o que torna viável sua aplicação e utilização combinada com outras escalas. Além disso, a escala avalia três estilos de apego que podem ser formados: o estilo seguro, apresentado por indivíduos que têm conexões de qualidade com a figura de apego, sendo estes mais psicologicamente ajustados, com menores níveis de estresse e caracterizados por experimentar emoções positivas como alívio, alegria e gratidão. Em contrapartida, os indivíduos com apego inseguro, exibido em forma de ansioso ou evitativo, tendem a sentir-se indignos de amor e indiferentes à figura de apego, com comportamentos inconsistentes (estilo ansioso) ou evitativos durante os momentos de necessidade (DAVIS; JOWETT, 2010).

Assim, relacionamentos interpessoais que transmitem segurança no ambiente esportivo são ferramentas relevantes na conquista do sucesso atlético de treinadores e atletas, uma vez que indivíduos seguros percebem a si mesmos como capazes de lidar com seus problemas e são mais propensos a enxergar os problemas como desafios ao invés de ameaças, características desejáveis a um atleta de alto nível (MIKULINCER, SHAVER, 2007). Portanto, os objetivos deste estudo foram (a) desenvolver a primeira tradução e adaptação sistemática do CAAS em português, do Brasil e (b) analisar as propriedades psicométricas da escala em treinadores e atletas, de diferentes contextos esportivos, criando evidências de confiabilidade, validade de construto e validade externa.

Método

Participantes

A tradução e adaptação transcultural foi realizada por um comitê de 11 profissionais (4 tradutores fluentes, 6 doutores da área de Psicologia do esporte e Educação Física e um treinador, graduado em Educação Física), que aceitaram participar voluntariamente do processo de validação do CAAS (*Coach-Athlete Attachment Scale*).

Instrumento de Validação

O questionário original foi o *Coach-Athlete Attachment Scale* (CAAS) (Anexo A), desenvolvido por Davis e Jowett (2013) que objetiva avaliar a relação de apego dos treinadores/atletas com os atletas/treinadores no contexto esportivo.

O questionário é composto por 19 itens que identificam o estilo de apego dos treinadores/atletas, na perspectiva do treinador e do atleta, e avalia três dimensões: a) estilo evitativo, onde os atletas/treinadores não parecem esperar conforto, tranquilidade e/ou proteção durante tempos de necessidade; b) estilo ansioso, em que não veem seu treinador/atleta como uma base segura, pois parecem angustiados e incertos quanto à consistência da relação e, c) estilo seguro, onde há percepção de que podem confiar em seus treinadores/atletas para conforto, tranquilidade e proteção, permitindo relação de proximidade, segura. Os itens são respondidos em uma escala *Likert*, que varia de (1) “Discordo totalmente” a (7) “Concordo totalmente”. O escore de cada dimensão é avaliado por meio da média dos itens que a compõem, de modo que valores mais elevados em determinada dimensão, indicam o estilo de apego predominante na percepção do sujeito.

Tradução e Adaptação Transcultural

Primeiramente, as autoras do questionário original, no idioma inglês, foram consultadas (DAVIS; JOWETT, 2013). Ao obter autorização para tradução e adaptação transcultural do instrumento, foi realizado contato com os 4 tradutores, 6 professores doutores da área de Psicologia do Esporte e 1 treinador com formação em Educação Física, para a formação do comitê de tradução e avaliação da clareza e pertinência dos itens do *Coach-Athlete Attachment Scale* (CAAS). Dois tradutores bilíngues (de língua materna Português) inicialmente traduziram o CAAS para a língua portuguesa (Brasil) de forma independente. Em seguida, outros dois tradutores realizaram a tradução reversa (*back translation*) para o inglês das versões traduzidas em português (VALLERAND, 1989; PASQUALI, 2010).

Para analisar as *evidências baseadas no conteúdo dos itens da escala*, um conjunto de discussões foi realizado com os juízes especialistas. Isso serviu para verificar: (a) a relevância prática, b) a clareza de linguagem do instrumento traduzido e (c) a coerência teórica dos itens. O trabalho realizado pelos profissionais e

especialistas foi realizado inicialmente de forma independente e, posteriormente, em forma de comitê para abordar discordâncias e melhorar a qualidade da tradução (Apêndice A).

Foi discutida a semântica das questões pelo comitê optando-se por separar as versões do treinador e do atleta, buscando assim a adequação de alguns termos visando a compreensão do público alvo (PASQUALI, 2010). Após a tradução para a língua portuguesa (Brasil), o *Coach-Athlete Attachment Scale* (CAAS) foi intitulado “Escala de Apego Treinador-Atleta”, sendo representado pela mesma sigla da língua inglesa (CAAS).

Após o processo de tradução e adaptação do teste, foi realizada coleta de dados piloto com a versão final do instrumento com vistas a atender aos objetivos: (a) aferir o grau de compreensão dos atletas e treinadores quanto aos itens do questionário traduzido; (b) verificar a compreensão das instruções do questionário, bem como da utilização da escala de frequência; (c) apontar falhas durante a aplicação e preenchimento do questionário; e (d) verificar o tempo médio necessário para responder aos itens e ainda sugerir instruções mais efetivas para as dinâmicas de coleta de dados no processo final da validação do instrumento. Para tanto, um grupo de 25 sujeitos (10 treinadores e 15 atletas) selecionados por conveniência, avaliou as questões do instrumento nos aspectos referentes à linguagem e forma de apresentação do conteúdo do questionário visando criar *evidências baseadas no processo de resposta*, segundo as recomendações de Standards for Educational and Psychological Testing (APA, 2014).

Coleta de dados

A população do estudo foi constituída por treinadores e atletas pertencentes à distintos nichos esportivos, com vistas a buscar diferentes contextos que representassem o esporte no Brasil. Dessa forma, foram sujeitos 814 do estudo (127 treinadores e 687 atletas).

Os sujeitos foram treinadores participantes do Curso de Alto rendimento promovido pela Academia Brasileira de Treinadores em parceria com o Comitê

Olímpico Brasileiro (COB), edição 2018, totalizando 90 sujeitos. Além disso, treinadores que aceitaram participar do estudo (n=34), responderam ao questionário, enviaram os questionários aos seus respectivos atletas (n=30) (de forma online).

Foram convidados treinadores e atletas da cidade de Maringá-PR, município reconhecido por seu sistema esportivo, com grande destaque no cenário esportivo estadual e nacional a participar do estudo. As coletas ocorreram nos campeonatos estaduais: Jogos da Juventude do Paraná e Jogos Abertos do Paraná, edições 2018, com a participação de treinadores (n=5) e atletas (n=108).

Também foram sujeitos do estudo, atletas (n=424) e treinadores (n=88) participantes dos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs), de diferentes modalidades e atletas participantes do Campeonato Brasileiro de Vôlei de Praia (n=125), realizados em Maringá-PR no segundo semestre de 2018. Dessa forma, totalizaram-se 127 treinadores, sendo 105 do sexo masculino e 22 do sexo feminino, com média de idade de 37,60 ($\pm 10,10$) anos, e 687 atletas (344 do sexo masculino e 343 do sexo feminino), com idade de 21,43 ($\pm 5,52$) anos, de modalidades coletivas e individuais (basquete, futebol, futsal, vôlei, vôlei de praia, levantamento de peso olímpico, basquete 3x3, handebol, judô, karatê, atletismo, natação, ciclismo, rugby, e-games, remo e tênis de mesa).

Os participantes foram selecionados de forma não probabilística por conveniência. Os critérios de inclusão dos treinadores e atletas no estudo foram a aceitação voluntária após o convite e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B), além da participação em competições regionais, estaduais, nacionais e/ou internacionais. Foi critério de exclusão dos participantes o preenchimento incorreto dos itens do questionário.

O projeto é integrante do projeto institucional aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (Parecer nº 1.324.411/2015) (Anexo B). Foram fornecidas instruções aos atletas e treinadores para preenchimento do questionário, de modo que as respostas foram dadas de forma individual, com duração de 15 minutos, aproximadamente.

Análise dos dados

A caracterização dos sujeitos foi reportada usando estatística descritiva (média, desvio-padrão e distribuição de frequência). Todas as análises foram realizadas utilizando Linguagem R para software de computação estatística (TEAM RC, 2014).

Evidências baseadas na estrutura interna

Com base na estrutura teórica do instrumento, optou-se por realizar análise de redes para verificar a distribuição das variáveis observadas em clusters que formam as variáveis latentes, para a amostra do presente estudo. Redes são consideradas representações gráficas de modelos que estimam associações entre as variáveis, compostas por nodos (variáveis) e arestas (conexões entre as variáveis).

A adequação do modelo da análise fatorial confirmatória (AFC) foi testada usando índices comumente aceitos, com o objetivo de avaliar o ajuste do modelo (KLINE, 2010). Foi utilizado a média ponderada dos mínimos quadrados e variação ajustada (WLSMV), que produz estimativas de carregamento dos fatores e do erro padrão robusto de forma mais precisa. Além disso, os seguintes índices de ajuste foram utilizados para testar o ajuste do modelo: Qui-quadrado (χ^2 e valor-p), erro médio quadrático de aproximação da raiz (RMSEA $<0,08$, IC 95%), índice de Tucker-Lewis (TLI $> 0,95$) e Comparativo Índice de ajuste (CFI $> 0,95$). Também calculamos a variância média extraída (VME), que indica quanto o fator tem de variância comum com os itens, considerando os valores acima de 0,50 como um indicador satisfatório da validade do construto (HAIR, 2006).

Confiabilidade

Para testar a confiabilidade dos itens, foram realizadas as análises do Omega de McDonald's e a Confiabilidade composta, considerando coeficientes acima de 0,7 como aceitáveis (DeVELLIS, 2003).

Evidências baseadas em relação à outras variáveis

Com vistas à criar evidências convergentes, realizamos a correlação das subescalas do CAAS com a subescala de satisfação com o relacionamento (BNSSS) (Anexo C) e com a subescala de proximidade do questionário de relacionamento

treinador-atleta (CART-q) (Anexo D). Correlações positivas (moderadas a fortes) entre o CAAS e satisfação com o relacionamento (DAVIS; JOWETT, 2013) e a qualidade no relacionamento treinador-atleta (DAVIS; JOWETT; LAFRENIÈRE, 2013) foram previamente reportadas na literatura, dando suporte à nossa hipótese.

Dessa forma, nossa hipótese era de que a subescala do apego seguro do CAAS se correlacionaria positivamente com a subescala “proximidade” do CART-q, uma vez que essa busca por proximidade é uma estratégia primária e natural de um sistema comportamental de apego quando o indivíduo necessita de suporte e proteção (MIKULINCER; SHAVER, 2007). Além disso, indivíduos que experimentam uma relação de segurança, mostram maior satisfação com a relação (FELTON; JOWETT, 2013).

Resultados

Participaram do estudo 814 sujeitos, com idade de 23,96 ($\pm 8,73$) anos. Destes, são atletas 687 sujeitos, com idade de 21,43 ($\pm 5,52$) anos, sendo 344 do sexo masculino (51%) e 343 do sexo feminino (49%), de modalidades coletivas (n=530, 77%) e individuais (n=156, 33%), incluindo atletismo, basquete, ciclismo, e-games, futebol, futsal, levantamento de peso olímpico, handebol, judô, karatê, natação, rugby, voleibol e vôlei de praia. Os atletas apresentaram nível competitivo nacional (n=436), internacional (n=142), estadual (n=69) e regional (n=29).

Quanto aos treinadores, foram sujeitos 127 treinadores, com idade de 37,60 ($\pm 10,10$) anos, sendo 105 do sexo masculino (83,2%) e 22 do sexo feminino (16,8%), de modalidades coletivas (n=84, 66%) e individuais (n=42, 33%). As modalidades incluíram atletismo (n=12), basquete (n=16), ciclismo (n=1), futebol (n=1), futsal (n=1), levantamento de peso olímpico (n=9), handebol (n=11), judô (n=7), karatê (n=2), natação (n=6), remo (n=2), voleibol (n=23) e vôlei de praia (n=19). Os treinadores apresentaram nível competitivo: nacional (n=95), internacional (n=16), estadual (n=10) e regional (n=6).

Tabela 1 – Caracterização dos sujeitos do estudo (atletas e treinadores, n=814).

Caracterização dos sujeitos		n	%
Sujeitos	Treinadores	127	16%
	Atletas	687	84%
Sexo	Masculino	449	55%
	Feminino	365	45%
Idade	≤ 21 anos	397	49%
	> 21 anos	417	51%
Região	Norte	85	10%
	Nordeste	168	21%
	Centro-Oeste	94	12%
	Sudeste	203	25%
	Sul	212	26%
	Exterior	4	0%
	Não responderam	50	6%
Tempo de experiência	< 10 anos	439	54%
	≥ 10 anos	356	44%
	Não responderam	19	0,2%
Escolaridade	Superior	440	54%
	Pós-graduação	119	15%
	Ensino básico	110	14%
	Não responderam	145	18%
Modalidade	Coletiva	614	75%
	Individual	195	25%

Evidências baseadas no processo de resposta

Na figura 1 são representadas as medidas descritivas baseadas no processo de resposta do instrumento, pelos sujeitos do estudo. A Figura A mostra a frequência de resposta na escala Likert do instrumento (1 a 7 pontos), para cada item (representados no eixo y da figura). Na figura B, podemos verificar a distribuição da média dos itens (1 a 7 pontos) para cada item da escala (representada no eixo x do gráfico).

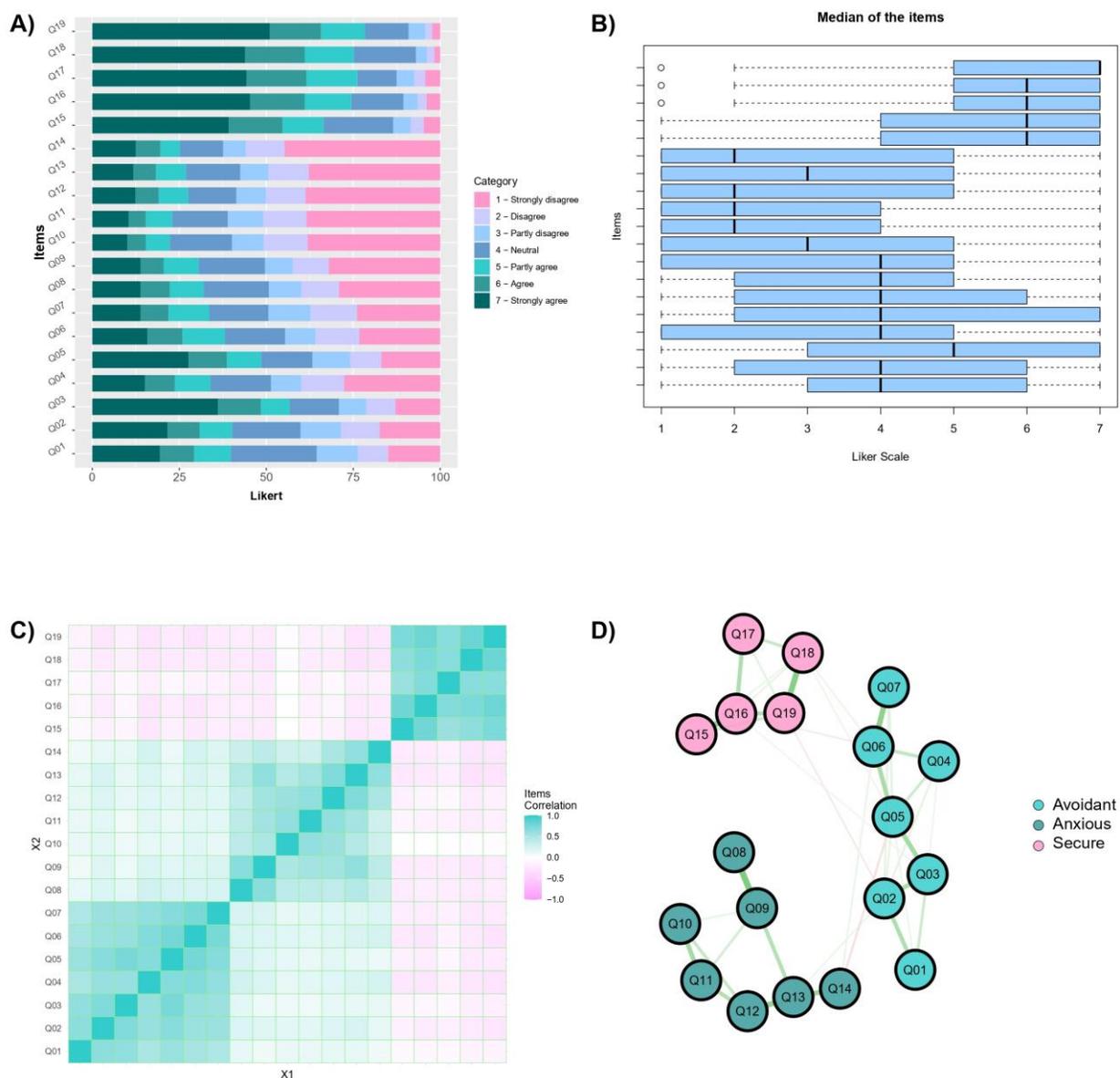


Figura 1 – Representação descritiva dos itens do CAAS.

Observamos na Figura A que as maiores frequências de resposta na escala *Likert* 7 (pontuação mais alta do instrumento) ocorreram nos itens referentes ao estilo de apego seguro (itens 15 a 19), e as pontuações mais baixas podem ser observadas para os itens que correspondem ao estilo ansioso (itens 8 a 14). Tais resultados também são observados na Figura B, por meio da mediana dos itens, que mostram-se em torno de 6 para os itens do estilo seguro e 2, para o estilo ansioso.

Evidências baseadas na estrutura interna e confiabilidade da escala

A análise da matriz de correlação entre os itens sugeriu que os itens poderiam ser explicados por fatores latentes, assim como indicado na literatura (DAVIS; JOWETT, 2013), uma vez que apresentaram correlações significativas fortes ($>0,50$) com os itens das mesmas dimensões. Na Figura 1C, a matriz de correlação está representada em forma de um *heatmap*. Nota-se que nítidos quadrados se formaram (na cor verde), indicando forte correlação entre os itens: 1 a 7; 8 a 14 e 15 a 19.

A Figura 1D mostra a correlação entre os itens pertencentes à sua respectiva dimensão, conforme identificado na literatura, representada por uma *network*. Arestas verdes representam correlações positivas, enquanto que as arestas vermelhas indicam correlações negativas. Dessa forma, nota-se que os itens da dimensão “Apego Seguro” (Secure) se correlacionam negativamente com os itens das dimensões “Apego Ansioso” (Anxious) e “Apego Evitativo” (Avoidant) (ainda que com correlações fracas – representadas pela intensidade da cor).

O modelo de 3 fatores (seguindo o modelo original do instrumento, que teoriza as dimensões de apego Evitativo, Ansioso e Seguro) explicou 61% da variância dos dados. Esse modelo apresentou ajuste adequado ($KMO = 0,88$; *Bartlett* $p < 0,001$).

Tabela 2 – Resultados das propriedades psicométricas para a validade de constructo.

CFA	CAAS
X ² (Df) / P-value	797.493 (138) / 0.000
RMSEA (IC 95%)	0.08 (0.07;0.08)
TLI	0.958
CFI	0.963
NNFI	0.958
Variância média extraída	Evitativo: 0,63 Ansioso: 0,50 Seguro: 0,72
Confiabilidade	
Variância explicada	Evitativo: 0,23 Ansioso: 0,20 Seguro: 0,19
Omega	Evitativo: 0,92 Ansioso: 0,88 Seguro: 0,92
Confiabilidade composta	Evitativo: 0,83 Ansioso: 0,76 Seguro: 0,82

A Tabela 2 e a Figura 2 apresentam as estimativas do modelo final do CAAS, que permaneceu com 19 itens, assim como na escala original. Em relação ao ajuste geral do modelo, a estrutura fatorial do modelo do CAAS apresentou indicadores adequados, com exceção do χ^2 (138) = 797,493 ($p < 0,001$), que sugeriu ajuste inadequado. No entanto, essa medida é muito sensível ao tamanho da amostra. Como são necessárias amostras volumosas para realizar o CFA, existe uma forte possibilidade de que o χ^2 seja significativo mesmo quando o modelo apresenta bom ajuste. Dessa forma, ainda que seja comum relatar valores do teste do χ^2 , outros índices são comumente usados com mais confiança (BROWN, 2012; RIGONI, et al.,

2018). Desse modo, a análise fatorial confirmatória (AFC) deu suporte para a distribuição da escala em três dimensões: RMSEA [IC90%] = 0,08 [0,07-0,08]; TLI = 0,958; CFI = 0,963; NNFI = 0,958. A carga fatorial dos itens variou entre 0,62 e 0,91 (Figura 2). A consistência interna foi de 0,92; 0,88 e 0,92, para o estilo Evitativo, Ansioso e Seguro, do Ômega e 0,83; 0,76 e 0,82, para confiabilidade composta, respectivamente, indicando bons índices de ajuste e confiabilidade do modelo.

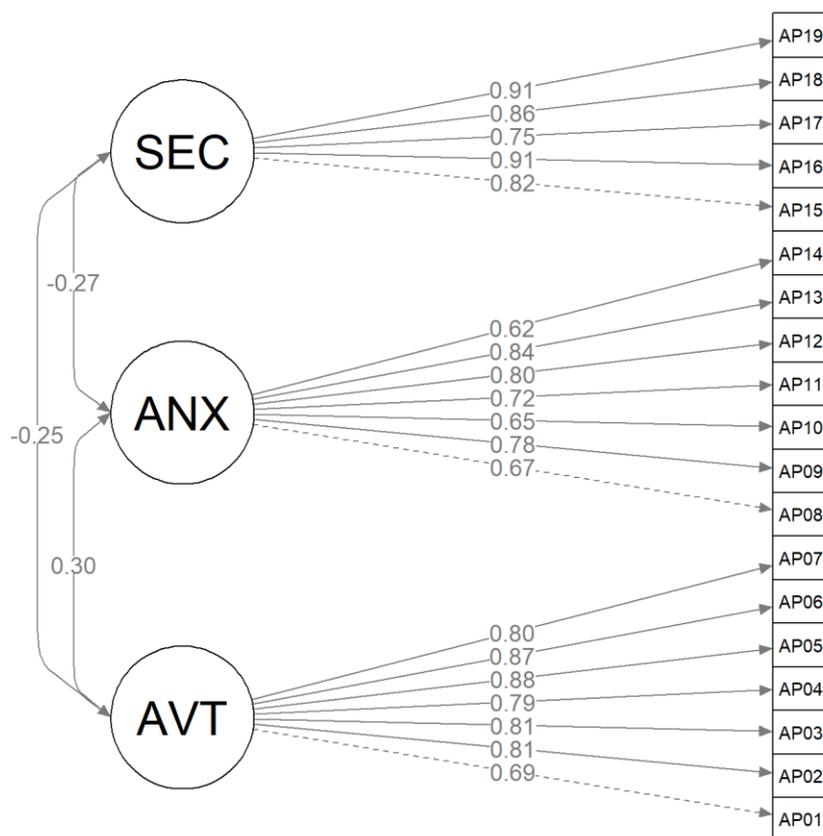


Figura 2 – Diagrama de análise fatorial confirmatória e cargas fatoriais para CAAS. Os números à esquerda dos itens indicam as cargas fatoriais, enquanto os números à esquerda das variáveis latentes mostram as covariâncias entre elas.

Evidências baseadas na relação com outras variáveis

A Figura 3 contém a correlação entre as dimensões do CAAS, a dimensão do CART-q, Proximidade, e Satisfação com o relacionamento (BNSSS). A dimensão apego seguro do CAAS mostrou correlação de força moderada e positiva com a dimensão proximidade do RTA ($r = 0,50$, $p = 0,001$) e baixa correlação positiva com a satisfação com o relacionamento ($r = 0,23$, $p = 0,001$) (Figura 3). O apego inseguro (ansioso e evitativo) apresentou correlações negativas com a proximidade e a satisfação com o relacionamento, conforme esperado. Isso confirma a capacidade dos instrumentos de se comportar conforme o esperado em relação ao conceito teórico.

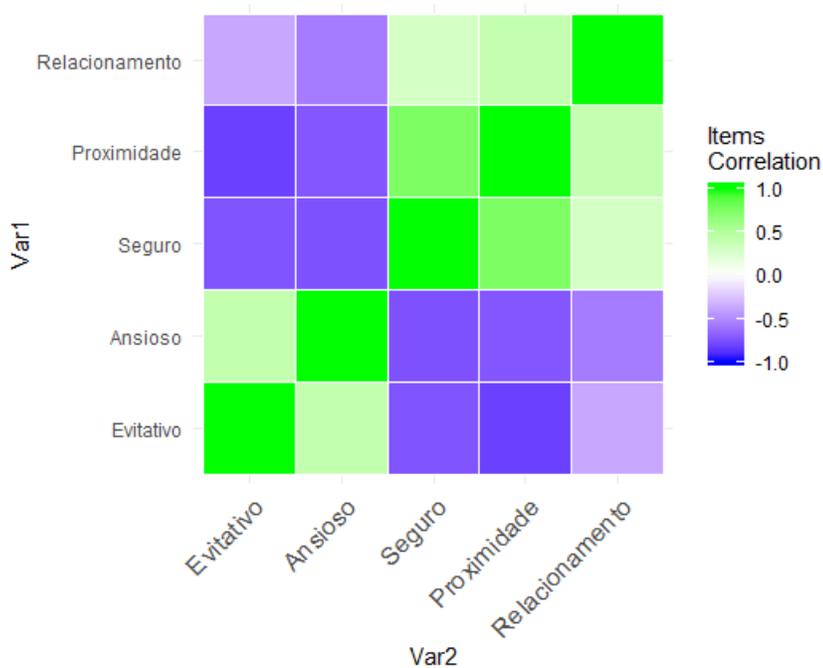


Figura 3 – Correlação entre o CAAS, BNSSS e CART-q (dimensões do relacionamento de apego, proximidade do relacionamento treinador-atleta e satisfação no relacionamento, das necessidades psicológicas básicas).

Análise fatorial confirmatória multigrupo

A seguir, na Tabela 3 será apresentada a análise fatorial confirmatória multigrupo. Essa análise nos permite avaliar se a configuração e os parâmetros do

instrumento são invariantes (equivalentes) para diferentes grupos de pessoas. No presente estudo, realizamos a análise multigrupo para investigar a utilização da escala em relação ao sexo e ao grupo treinador ou atleta.

Tabela 3 - Invariância do modelo conforme sexo e grupo (treinador/atleta).

	Invariância	X ²	df	RMSEA (90% IC)	CFI	ΔCFI	TLI
Invariância de medida por sexo	Configural	1044.020	298	0.079 (0.073-0.084)	0.964	--	0.959
	Métrica	1074.095	314	0.077 (0.072-0.082)	0.963	0.001	0.960
	Escalar	1067.455	311	0.077 (0.072-0.083)	0.964	>0.001	0.960
Invariância de medida por grupo treinador e atleta	Configural	1056.488	298	0.079 (0.074-0.084)	0.964		0.959
	Métrica	1138.614	314	0.081 (0.076-0.086)	0.961	0.003	0.957
	Escalar	1131.666	311	0.081 (0.076-0.086)	0.961	0.003	0.957

Observa-se na Tabela 3, que houve invariância tanto para o sexo, quanto para o grupo de treinadores e atletas, mostrando que o CAAS é equivalente dentre esses grupos. A invariância observada por meio do ΔCFI, onde uma variação <0.05 é esperada (Svetina, Rutkowski, Rutkowski, 2020), quando os grupos <300 sujeitos, como na comparação entre treinadores e atletas (treinadores=127, atletas=685) ou de <0.01, quando o grupo >300 sujeitos, como na invariância por sexo (homens=449, mulheres=363).

Discussão

O objetivo deste estudo foi avaliar as propriedades psicométricas da versão em português do CAAS como ferramenta de identificação do estilo de relacionamento de apego treinador-atleta no contexto esportivo. Este é o primeiro estudo a relatar as propriedades psicométricas de uma escala que avalia tal constructo dentro do contexto esportivo, no Brasil. A versão brasileira do CAAS apresentou propriedades psicométricas satisfatórias, com evidências baseadas no conteúdo do teste, na estrutura interna, na relação com outras variáveis, além de coeficientes de consistência interna satisfatórios. Quanto à validade convergente, o nível significativamente alto de correlação positiva entre o CAAS e o CART-q encontra suporte na literatura (DAVIS; JOWETT; LAFRENIÈRE, 2013) indicando que ambos os instrumentos medem conceitos teóricos semelhantes quanto ao relacionamento treinador-atleta.

Em relação à estrutura fatorial, o CAAS suporta conceitualmente 3 dimensões: apego seguro, apego evitativo e apego ansioso (DAVIS; JOWETT, 2013). As análises do presente estudo mostraram que todos os itens do CAAS apresentaram cargas fatoriais satisfatórias nas respectivas dimensões, assim como apresentado pelo estudo original. Os coeficientes de consistência interna para cada fator atenderam aos critérios reportados na literatura - igual ou superior a 0,70 (HAIR, et al. 2006). Calculamos os coeficientes de consistência interna alternativos como a Confiabilidade composta e coeficientes Omega, que apresentaram pontuações satisfatórias (>0.70) (PADILLA, DIVERS, 2016) para a população brasileira do CAAS, por serem consideradas medidas mais adequadas na literatura psicométrica (GRAHAM, 2006; PADILLA, DIVERS, 2016).

As análises de estrutura interna do instrumento mostraram que os itens carregaram satisfatoriamente (>0.50) dentro de cada respectivo fator. Além disso, identificou-se correlações moderadas a alta entre os itens (Figura 3), confirmando a presença dos fatores que compõem a escala, conforme suportado na teoria que divide os componentes em inseguro (estilo evitativo e ansioso) e seguro (DAVIS; JOWETT, 2013). Entre os fatores, foram encontradas associações moderadamente fracas e positivas entre as dimensões evitativa e ansiosa, e correlações negativas entre essas dimensões com o apego seguro (Figuras 3 e 4). Esses achados recebem suporte dos resultados apresentados no estudo original do instrumento, o qual indica fraca

associação entre os estilos de apego inseguro e associação negativa entre os estilos de apego seguro e inseguro (DAVIS; JOWETT, 2013).

As análises de invariância mostraram que a escala é equivalente, tanto para homens e mulheres, quanto para aplicação em atletas e treinadores (com a ressalva que, para este grupo, a linguagem é adequada à cada contexto). Esta equivalência já era esperada e recebe suporte na literatura (DAVIS; JOWETT, 2013).

Limitações

Existem limitações potenciais neste estudo, que devem ser relatadas. Primeiramente, assim como qualquer estudo de auto-relato, as medidas estão sujeitas a viés de resposta uma vez que dependem da honestidade e auto-conhecimento do participante. Nesse sentido, quando o medo e a autodefesa se fazem presente (ou seja, quando o sistema de apego é ativado), a honestidade e a autopercepção dos participantes da pesquisa podem ficar enviesadas, já que influenciam o tipo de respostas que fornecem. É importante observar, no entanto, que as medidas de auto-relato de apego não exigem que os participantes compreendam completamente sua própria dinâmica de relacionamento, histórias ou defesas para classificá-las (DAVIS; JOWETT, 2013). Assim, embora as medidas de auto-relato de apego contenham essas limitações, as versões do CAAS apresentadas neste estudo podem ajudar a determinar as crenças que atletas e treinadores mantêm sobre si mesmos e entre si no contexto esportivo.

Além disso, este estudo usou mais de um método de coleta dos dados, dentre eles, o método de coleta de dados online. Embora os métodos de coleta de dados online apresentem vantagens, como permitir que os pesquisadores alcancem grandes amostras de participantes em potencial, reduzindo erros *missings* nas respostas, sendo conveniente e econômico, é importante reconhecer os desafios associados à coleta de dados usando o Internet como por exemplo a competição por atenção do respondente, além de questões éticas como alguém que não seja o participante pretendido responder à medida (DAVIS; JOWETT, 2013). No entanto, a coleta de dados on-line parece ter beneficiado o objetivo deste estudo.

Por fim, ressalta-se que no presente estudo, o n amostral é composto por 814 sujeitos, em que destes, 127 treinadores e 687 atletas. Optou-se por realizar a adaptação transcultural da escala com todo o grupo de sujeitos por entender que o instrumento é o mesmo para ambos os grupos. Destaca-se que o n amostral utilizado para testagem das propriedades psicométricas do instrumento original no contexto esportivo da Inglaterra (DAVIS; JOWETT, 2013) foi de 405 treinadores e 298 atletas (n=703 sujeitos).

Em conclusão, esse estudo apresenta a primeira versão em português do CAAS para treinadores e atletas brasileiros (Apêndice C). Esse instrumento fornece à profissionais envolvidos no contexto esportivo uma ferramenta válida para investigação da relação de apego entre treinadores e atletas. Tais dados podem trazer à luz evidências acerca dos laços formados dentro deste contexto, para que sejam investigadas as associações com variáveis intervenientes no desempenho atlético.

Referências

As referências encontram-se dispostas ao final desta tese.

Artigo Original 3

4.3 Pode o relacionamento de apego treinador-atleta mediado pelo estilo de liderança do treinador ter impacto na robustez mental dos atletas do contexto mundial de vôlei de praia?

Resumo

O técnico esportivo desempenha um papel importante no desenvolvimento emocional e psicológico do atleta, por meio das interações diárias e pela forma como conduz o ambiente de treinamento. Assim, podem se tornar uma figura de apego, uma vez que o treinador tem potencial para formar laços estreitos e oferecer segurança em momentos de necessidade. Experiências interpessoais com figuras de apego refletem um modelo de auto-representação, que molda a autoimagem e guia os padrões de cognição, afeto e comportamento do indivíduo, uma vez que as pessoas contam com experiências de apego como fonte de informação para aprender sobre si mesmas. Nesse sentido, o desenvolvimento de habilidades psicológicas como a robustez mental, que auxiliam os atletas a atingir desempenho consistente na presença de demandas contextuais, destaca a importância do relacionamento treinador-atleta, tendo em vista que este construto pode ser explicado como um estado que varia de acordo com as situações. Assim, esse estudo objetivou analisar o impacto do estilo de apego treinador-atleta, mediado pelo estilo de liderança do treinador, na robustez mental de atletas no contexto mundial do vôlei de praia. Fizeram parte do estudo atletas de vôlei de praia de elite ($n=65$), participantes do World Tour 2018, de etapas realizadas na China, Estados Unidos e México; Como instrumentos utilizou-se o Coach-Athlete Attachment Scale (CAAS), Mental Toughness Index (MTI) e Leadership Scale for Sport (LSS). As análises de dados foram realizadas no Programa R for Statistical Language, utilizando-se de correlação policórica, análise em redes e regressão linear múltipla, adotando-se $p<0,05$. Por fim, uma análise de trajetórias, similar à análise de equações estruturais foi aplicada, utilizando-se de um modelo de mediação sequencial, com vistas a verificar em que medida o relacionamento com o treinador e seu estilo de liderar podem contribuir para a robustez mental dos atletas. Foi observada associação negativa e fraca entre o estilo de apego seguro e o estilo de decisão autocrático do treinador ($r=-0,15$). As análises de trajetórias (BCFSPA) mostraram que o estilo de decisão democrático associou-se positivamente com o estilo de interação de suporte social (0,85), treino-instrução (0,91) e reforço positivo (0,91) de forma significativa ($p<0,001$). A percepção de apego seguro associou-se positivamente com a robustez mental dos atletas (0,24; 0,31; 0,25), porém os estilos de liderança não mediaram essa relação. Para atletas com perfil de apego ansioso, o estilo autocrático de liderança do treinador associou-se ao suporte social (0,96), treino-instrução (0,98) e reforço positivo (0,98), indicando que o estilo de decisão adotado pelo treinador não sugere uma forma específica de interação com os atletas. A percepção de estilo autocrático de liderança

associou-se à robustez mental dos atletas (1,01; $p=0,03$), quando seu estilo de interação é voltado ao treino-instrução, indicando que, para os atletas com perfil de apego ansioso, o estilo de decisão do treinador parece ser mais fortemente ligado ao aumento da robustez mental do que ao estilo de interação. Observou-se também que perceber o estilo de apego como evitativo diminui a percepção de suporte social e de interações voltadas ao treino-instrução dos atletas (-0,13 e -0,14, respectivamente) e associa-se positivamente à adoção de um estilo autocrático de liderança, independente do estilo de interação adotado (0,50, 0,50 e 0,59; $<0,001$). Conclui-se que a relação de apego seguro entre treinador e atleta pode trazer aumentos dos níveis de robustez mental atlética, enquanto que para os atletas com apego inseguro, o estilo autocrático mostrou-se associado aos maiores níveis de robustez mental.

Palavras-chave: Esporte; Vôlei de Praia; Atleta; Apego; Robustez Mental.

Introdução

A busca por recursos que melhoram a *performance* em condições desafiadoras faz parte da rotina atlética, sendo que a manutenção do alto nível de desempenho sob uma grande variedade de estressores é objetivo de todo atleta de alto rendimento. Dentre os recursos que possibilitam aos atletas a utilização de seus mecanismos cognitivos, emocionais e comportamentais para manter ou melhorar sua *performance* encontra-se a robustez mental (BEATTIE, et al., 2018; JONES; PARKER, 2019), importante constructo para atletas de modalidades como o vôlei de praia, que enfrentam adversidades nas partidas, e que, por regra, substituições, que poderiam servir como estratégias de melhora da *performance* da equipe, não são permitidas.

Diante dos aspectos apresentados, pesquisa desenvolvida com atletas medalhistas olímpicos desta modalidade apontou que as técnicas mais efetivas para superação do estresse e adversidades, foram as cognitivas (STEFANELLO, 2007; VIEIRA, et al., 2013), reforçando a relevância dos recursos anteriormente descritos. Em se tratando da robustez mental, especificamente, é um subsídio intencional, flexível e eficiente que visa a promulgação e manutenção dos objetivos propostos (GUCCIARD, 2017), reunindo recursos pessoais que ajudam o indivíduo a atingir um desempenho consistente na presença de diferentes demandas contextuais (GUCCIARDI, et al., 2015).

Sua conceitualização tem sido discutida, no sentido de entender a robustez mental como um traço de personalidade estável ou como sendo uma mentalidade que pode variar entre situações e ao longo do tempo (GUCCIARDI, et al., 2015; LIN, et al., 2017). Um estudo de revisão sistemática apontou que a robustez pode, em 50% ser proveniente de características pessoais, enquanto que o ambiente pode atuar fortemente em seu desenvolvimento de igual maneira (LIN, et al., 2017).

Nesse sentido, a promoção de habilidades psicológicas para lidar com as demandas do contexto esportivo, especificamente, é considerada função dos psicólogos esportivos. No entanto, observa-se que os treinadores esportivos desempenham importante papel no desenvolvimento psicológico e emocional dos atletas, por meio das interações diárias no ambiente de treinamento e competições (NICHOLLS, MORLY, PERRY, 2016; WYLLEMAN, et al., 2016; KAGELAERS; WYLLEMAN, 2019). Seu papel na construção sócio-emocional do atleta recebe suporte na Teoria do Apego, que fornece uma estrutura psicológica que contribui significativamente para a compreensão dos vínculos emocionais formados em relacionamentos próximos, assim como os que permeiam o contexto esportivo (DAVIS; JOWETT, 2010).

Evidências apontam que o treinador esportivo pode ser uma figura de apego, similar ao papel representado pelos pais e professores na infância, sendo visto pelos jovens como “o mais forte e o mais sábio” (DAVIS; JOWETT, 2014, p. 1457). Por meio das conexões emocionais do indivíduo com a figura apegada, três estilos de apego diferentes podem ser estabelecidos denominados apego seguro, evitativo e ansioso (Ainsworth, et al., 1978). O apego seguro é considerado um vínculo emocional positivo, apresentado por indivíduos que têm conexões de qualidade com a figura de apego, sendo estes mais psicologicamente ajustados, com menores níveis de estresse e caracterizados por experimentar emoções positivas como alívio, alegria e gratidão. Em contrapartida, os indivíduos com estilo de apego considerado inseguro, exibido em forma de estilo ansioso e evitativo, tendem a apresentar modelos negativos de trabalho, como sentir-se indigno de amor, indiferentes à figura de apego, repetindo as interações que tiveram durante sua infância, em que experimentaram comportamentos

inconsistentes com seus cuidadores (estilo ansioso) ou mesmo rejeição durante os momentos de necessidade (estilo evitativo) (Ainsworth, et al., 1990).

Destaca-se ainda que os estilos de apego podem auxiliar a compreender os processos formativos dos atletas (DAVIS; JOWETT; LAFRENIÈRE, 2013), uma vez que estes moldam as representações mentais dos sujeitos sobre si e sobre os outros, implicando em um mapeamento do sujeito, visto que as experiências de apego moldam a autoimagem das pessoas, que contam com as experiências de apego como fonte de informação para aprender sobre si mesmas (BOWLBY, 1973; MIKULINCER, 1995; TIRYAKI; CEI'IKKURT, 2007). Além dos estilos individuais de apego, que permitem ao indivíduo predizer suas futuras relações (BOWLBY, 1973), a forma como o treinador estabelece relação com o atleta está também associada ao seu perfil de liderança, visto que molda seu perfil de comportamento, por meio das tomada de decisão e estilos de interação que opta por utilizar com sua equipe (LOPES; SAMULSKI; NOCE, 2004).

De acordo com o Modelo Multidimensional de Liderança, desenvolvido por Chelladurai e Saleh (1978), a liderança é vista dentro de um processo de interação relacional, visto que é proposto que o líder considere as características situacionais, as características do líder e as dos membros que compõem o grupo. A performance e satisfação da equipe são consideradas, resultado de um trabalho harmônico do líder em relação a esses três aspectos do comportamento do líder (requerido, real e preferido). Assim, os treinadores trabalham tanto por meio dos relacionamentos interpessoais, quanto por meio das orientações instrumentais, que direcionam as metas e fornece estrutura para suas equipes (LOPES, SAMULSKI, NOCE, 2004).

Em relação aos perfis de apego do líder, um estudo realizado com militares e seus liderados, identificou importantes aspectos (Davidovitz et al., 2007). Os resultados demonstraram que quanto mais evitativos eram os perfis dos líderes, mais eram descritos como menos hábeis para lidar efetivamente com a emoção dos militares e quanto mais ansiosos, menos habilidosos em parabenizar o grupo pelo cumprimento das tarefas. Os líderes ansiosos mostraram efeito negativo no funcionamento instrumental dos soldados, mediados pela falta de eficácia em lidar com as situações focadas na tarefa, indicando que o apego ansioso interfere fortemente no sucesso do cumprimento das tarefas de grupo, o que por sua vez, corrói a confiança dos liderados,

uma vez que as dúvidas de um líder ansioso sobre sua própria capacidade ecoa sobre as habilidades dos atletas em completar as tarefas.

Diante das considerações apresentadas, observa-se a relevância das investigações sobre as variáveis investigadas e suas implicações sobre a capacidade dos atletas de enfrentar as demandas do contexto esportivo de rendimento. Entretanto, apesar dos argumentos e evidências científicas anteriormente apresentadas, não foram encontrados estudos hipotetizando a associação entre a relação de apego treinador-atleta, liderança do treinador e robustez mental atlética, sendo esta uma lacuna que o presente estudo pretende preencher. Tal investigação fundamenta-se cientificamente ao considerar que treinadores têm potencial para se tornarem uma figura de apego no ambiente esportivo (DAVIS, JOWETT, 2010), que a forma como os treinadores interagem com seus atletas têm relação com o estilo de apego adotado entre as figuras (treinador e atleta) e que ambientes positivos têm implicações sobre as estratégias e mecanismos que influenciam o processo de desenvolvimento da robustez mental (GUCCIARDI; GORDON; DIMMOCK, 2009).

Assim, o presente estudo visa contribuir para o preenchimento da lacuna apresentada, objetivando analisar o impacto do estilo de apego treinador-atleta, mediado pelo estilo de liderança do treinador, na robustez mental de atletas no contexto mundial do vôlei de praia. Como hipóteses conceituais, temos que: a) a percepção de apego seguro, mediado pelo estilo de liderança democrático e interação de suporte social levam ao aumento da robustez mental e que b) percepções de apego inseguras (ansiosa e evitativa), quando mediadas por um estilo autocrático e interação voltada ao treino-instrução, podem impactar na robustez mental atlética. Tais considerações recebem suporte na literatura, que evidenciou relação positiva entre comportamentos de promoção de autonomia e percepções positivas sobre a relação treinador-atleta e trajetórias negativas entre comportamentos controladores do treinador e construtos da relação treinador-atleta (Lafreniere, Jowett, Vallerand, 2011; Nicholls, et al., 2016).

Método

Participantes

Fizeram parte do estudo atletas de vôlei de praia de elite (n=65), participantes do World Tour 2018, de etapas realizadas na China, Estados Unidos e México, sendo esta última, uma etapa destinada apenas ao sexo feminino. As etapas são classificadas como competições de quatro estrelas (China e Estados Unidos) e três estrelas (México), consideradas uma das principais competições da modalidade em nível mundial. O evento abrange delegações do mundo todo e conta com a participação de até cinco duplas por país, em cada sexo (feminino e masculino).

Assim, cada etapa é composta por 64 duplas (128 atletas) de cada sexo, totalizando 256 atletas. Entretanto, adotamos como critério de inclusão os atletas que apresentavam proficiência em inglês, não sendo possível contemplar os atletas de nacionalidades Chinesa, Japonesa, Tailandesa, Russa, Tcheca em função da limitação do idioma. Dessa forma, todos os atletas participantes das etapas que atendiam aos critérios de inclusão (n=180) foram convidados a participar do estudo. Alguns se recusaram a participar voluntariamente da pesquisa (n=65) e outros não retornaram os questionários à pesquisadora (n=45). Foi critério de exclusão o preenchimento incorreto dos itens dos questionários (n=5), totalizando a amostra em 65 atletas (38 mulheres e 27 homens), representantes da Austrália, Áustria, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Grécia, Itália, Lituânia, México, Noruega, Polônia, Qatar, República Checa, Rússia, Servia, Slovakia e Suíça, com média de idade de 28,16 anos (dp=4,85).

Instrumentos

Escala de apego treinador-atleta (CAAS)

O estilo de apego treinador-atleta foi avaliado por meio do Coach-Athlete Attachment Scale (CAAS) (Anexo A), na sua versão em inglês (DAVIS; JOWETT, 2013). O questionário avalia a relação de apego entre atleta e treinador, e foi utilizado em sua versão original. A escala é composta por 19 itens, distribuídos em três dimensões: Estilo Evitativo (ex.: “Eu não recorro ao meu treinador/atleta para me tranquilizar”); Estilo Ansioso (ex.: “Às vezes, eu me preocupo que meu atleta/treinador não é comprometido comigo, assim como sou com ele”) e Estilo Seguro (ex.: “Eu sei

que posso contar com meu treinador/atleta”). As respostas são dadas numa escala *Likert*, que varia de “Discordo Totalmente” (1) a “Concordo Totalmente” (7). O escore de cada dimensão é calculado por meio de média aritmética dos itens que a compõem, e para sua interpretação, considera-se que os valores mais elevados em determinada dimensão representam o estilo de apego predominante do atleta.

Questionário de Robustez Mental

A escala de Mental Toughness Index (MTI), desenvolvida por Gucciardi e cols. (2015) foi utilizada em sua versão original (inglês) com os atletas (Anexo B). O instrumento é unidimensional, composto por oito itens que avaliam como os atletas pensam, sentem e se comportam em seu esporte, neste caso, no vôlei de praia. O MTI contém itens como “Eu acredito na minha habilidade de atingir minhas metas” e “Eu constantemente supero as adversidades”. As respostas são dadas numa escala *Likert* de sete pontos, variando num continuum de “Falso 100% do tempo” (1) a “Verdade 100% do tempo” (7). O escore é calculado a partir da média do somatório dos itens que o compõem. Valores mais elevados significam maior robustez mental.

Escala de Liderança no Desporto (ELD)

Para avaliar o estilo de liderança dos treinadores, utilizou-se a Leadership Scale for Sport (LSS), desenvolvida por Chelladurai e Saleh (1978) (Anexo C). Utilizou-se a escala que avalia a percepção dos atletas acerca do estilo de liderança do seu treinador, e foi aplicada na versão inglês. A escala é composta por 40 questões, distribuídas em cinco dimensões. Duas baseadas no estilo de decisão do treinador: “Autocrático” e “Democrático”, e três baseadas no estilo de interação do treinador: “Suporte social”, “Reforço” e “Treino-instrução”. As respostas são dadas numa escala tipo *Likert* de 5 pontos, variando de “Nunca” (1) a “Sempre” (5). O escore é calculado a partir da média do somatório dos itens que compõem cada dimensão.

Procedimentos de coleta

Após a aprovação do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COPEP) quanto aos aspectos éticos e metodológicos da pesquisa científica

com seres humanos (Parecer nº 1.324.411/2015) (Anexo D), a coleta foi realizada no segundo semestre de 2018, pela própria pesquisadora. Os atletas participantes das etapas do World Tour, realizadas respectivamente na China, Estados Unidos e México, foram convidados a participar da pesquisa. Aos que se adequaram aos critérios de inclusão, foram entregues os questionários, juntamente ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A). A coleta foi realizada nos locais da competição, com duração média de 15 minutos para o preenchimento das escalas.

Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada por meio do Programa de Linguagem Estatística R studio, versão 3.3. Os resultados descritivos foram apresentados por meio de Média (M) e Desvio-Padrão (dp) e frequência absoluta e relativa. Também foi utilizada correlação policórica, análise em redes e regressão linear múltipla, adotando-se $p < 0,05$.

Uma análise em redes foi utilizada, visando representar as correlações entre as variáveis latentes e sociodemográficas. Utilizou-se os pacotes qgraph e igraph no R Studio, utilizando de correlações policóricas, considerado o método mais adequado para dados ordinais.

Por fim, uma análise de trajetórias, similar a análise de equações estruturais foi aplicada, utilizando-se de um modelo de mediação sequencial, com vistas a verificar em que medida o relacionamento com o treinador e seu estilo de liderar podem contribuir para a robustez mental. A análise de trajetória de escores fatoriais corrigidos (bias-corrected factor score path analysis - BCFSPA) é uma alternativa robusta, ainda pouco conhecida, para estimar SEM. O BCFSPA é um estimador de máxima verossimilhança que aborda várias limitações importantes dos métodos de informação completa em SEM, enquanto melhora os métodos convencionais, com dados e informação limitada (KELCEY, 2019).

Justifica-se a escolha por tal modelo, uma vez que as estimativas dos coeficientes geradas a partir da análise do BCFSPA foram praticamente imparciais em cada instância e demonstraram, uniformemente, mais consistência em relação aos resultados apresentados pelo modelo SEM, o que recebe suporte da literatura

(KELCEY, 2019). O estimador convencional usa a matriz de variância-covariância de pontuação de fator para estimar as relações estruturais, enquanto a abordagem corrigida, introduz ajustes baseados em modelo de medição para corrigir a matriz de variância-covariância de pontuação de fator e, assim, fornecer uma estimativa imparcial da verdadeira variância-covariância matriz. Para sua implementação, quatro passos, descritos a seguir, são necessários.

Primeiramente, para implementar o estimador BCFSPA, estimou-se separadamente os modelos fatoriais confirmatórios para cada variável latente (apego, estilo de decisão e de interação de liderança e robustez mental) - *step a*. Depois, precisamos estruturar as conexões entre as variáveis latentes para estimar os coeficientes entre as trajetórias. Para isso, primeiro predizemos os escores fatoriais para cada latente, utilizando o método de regressão. Subsequentemente, uma matriz de variância e covariância foi estimada com os escores fatoriais gerados (*step b*).

Em seguida, corrigimos a matriz de covariância e soluções padronizadas com a escala de cada variável latente foram consideradas, definindo assim a variância da variável para o modelo de medição. Para implementar essas correções com os escores fatoriais obtidos por meio das regressões, a covariância entre cada conjunto de pontuações foi dividida pelos respectivos produtos dos escores fatoriais e das cargas fatoriais (*step c*). Por fim, uma análise típica de trajetórias foi implementada para obter estimativas dos coeficientes do modelo estrutural. Especificamente, uma análise de trajetórias foi conduzida com a matriz de covariância corrigida, inserindo uma matriz de covariância amostral simulada ($n=100$), corrigindo o tamanho da amostra igual ao número de casos em nosso conjunto de dados (*step d*). Optou-se por $n=100$, visto que Kelcey (2019) identificou como sendo um N amostral de maior confiabilidade e robustez, após diversas simulações com números amostrais diferentes.

Para isso, um modelo conceitual, baseado na Teoria do Apego (DAVIS; JOWETT, 2010) e no Modelo Multidimensional de Liderança (adaptado de Chelladurai, 2006) foi hipotetizado (Figura 1), em que o Estilo de apego, Estilo de decisão e Estilo de interação correspondem às variáveis latentes, que foram combinadas, de acordo com as hipóteses teóricas, em nove diferentes modelos (três para cada estilo de apego).

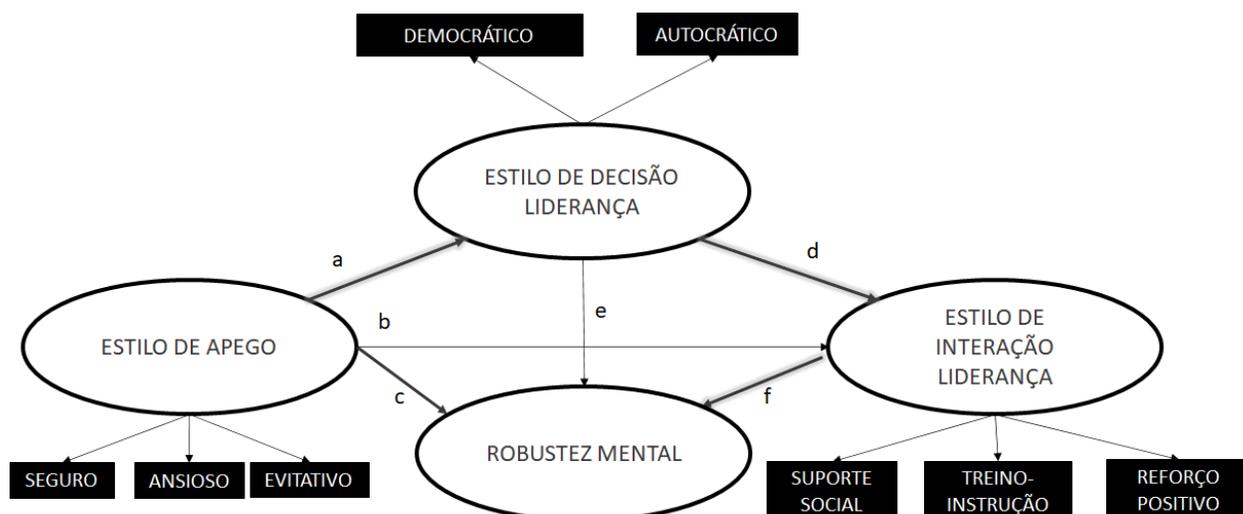


Figura 1. Diagrama conceitual do modelo hipotético de equação estrutural de mediação sequencial com trajetórias rotuladas.

Fonte: a autora.

O modelo ilustrativo mostra quatro variáveis latentes, representadas por círculos: apego seguro, estilo democrático (estilo de decisão do treinador), suporte social (estilo de interação de liderança do treinador) e robustez mental. Optamos por utilizar uma mediação sequencial, que permite detalhar até que ponto a influência do apego (seguro, ansioso ou evitativo), na robustez mental opera por meio do estilo de liderança (autocrático e democrático) e do estilo de interação oferecido pelo treinador (suporte social, treino-instrução e reforço positivo). Estatisticamente, o processo de mediação sequencial foi sumarizado como o produto das relações entre apego e estilo de liderança (caminho rotulado como *a* na Fig. 1), estilo de liderança e de interação (caminho rotulado como *b* na Fig. 1) e interação e robustez mental (caminho rotulado como *f* na Fig. 1). Assim, o Modelo 1 visa testar o impacto do apego seguro, na robustez mental, mediado pelo estilo democrático e suporte social oferecido pelo treinador. O Modelo 2 e 3, utiliza como estilo de interação de liderança “Treino-instrução” e “Reforço positivo”, respectivamente, seguindo a mesma ordem de mediação sequencial apresentada no Modelo 1.

Modelos investigando o impacto do apego inseguro foram empregados nos Modelos 4 a 9. O apego ansioso foi testado nos modelos 4, 5 e 6, utilizando-se como

trajetórias: apego ansioso -> estilo autocrático -> suporte social (Modelo 4)/ treino-instrução (Modelo 5)/ reforço positivo (Modelo 6) -> robustez mental.

Por fim, o apego evitativo, foi testado nos Modelos 7, 8 e 9, seguindo a mesma ordem dos modelos apresentados anteriormente: apego evitativo -> estilo autocrático -> suporte social (Modelo 7)/ treino-instrução (Modelo 8)/ reforço positivo (Modelo 9) -> robustez mental.

Resultados

A seguir, na Tabela 1, são apresentados os resultados descritivos da amostra que compôs esse estudo (n=65). Nota-se que a maioria (58,5%) dos sujeitos são do sexo feminino, com tempo médio de experiência de 9,57 (5,63) anos e com experiência esportiva prévia, anterior à carreira no voleibol de praia (93,8%).

Em relação às variáveis investigadas, o apego com maior prevalência percebido pelos atletas foi o apego seguro (M=5,69), seguido pelo apego evitativo (M=3,32). O estilo de decisão de liderança adotado pelo treinador mais apontado pelos atletas foi o autocrático (M=3,62), enquanto que o estilo de decisão mais percebido foi o suporte social (M=2,63). A robustez mental foi percebida como relativamente alta (M=5,74), considerando que o valor máximo da média na pontuação da escala é de 7,00 pontos.

Tabela 1 – Caracterização dos atletas mundiais de vôlei de praia (n=65).

VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS	
Idade (anos), Média (dp)	28,16 (4,85)
Sexo feminino, n (%)	38 (58,5)
Tempo de Experiência (anos), Média (dp)	9,57 (5,63)
Tempo de dupla (anos), Média (dp)	2,89 (3,39)
Tempo no vôlei indoor, Média (dp)	8,5 (4,24)
Experiência esportiva anterior, n (%)	
	Sim 61 (93,8)
	Não 4 (6,2)
VARIÁVEIS DE DESFECHO	
Apego, Média (dp)	
	Ansioso 2,28 (1,45)
	Evitativo 3,32 (1,33)
	Seguro 5,69 (1,39)
Liderança, Média (dp)	
	Treino-instrução 2,09 (1,01)
	Suporte Social 2,63 (0,97)
	Reforço 2,01 (1,1)
	Autocrático 3,62 (1,02)
	Democrático 2,41 (0,91)
Robustez Mental, Média (dp)	5,74 (0,62)

Na Figura 2, observamos a rede de associações entre as variáveis sociodemográficas, estilos de apego, robustez mental do atleta e estilo de liderança do treinador percebido pelo atleta. Os nodos representam as variáveis, enquanto que as arestas indicam as associações positivas (representadas pelas arestas verdes) e

negativas (arestas vermelhas). A proximidade entre os nodos e a espessura das arestas representam a força das associações.

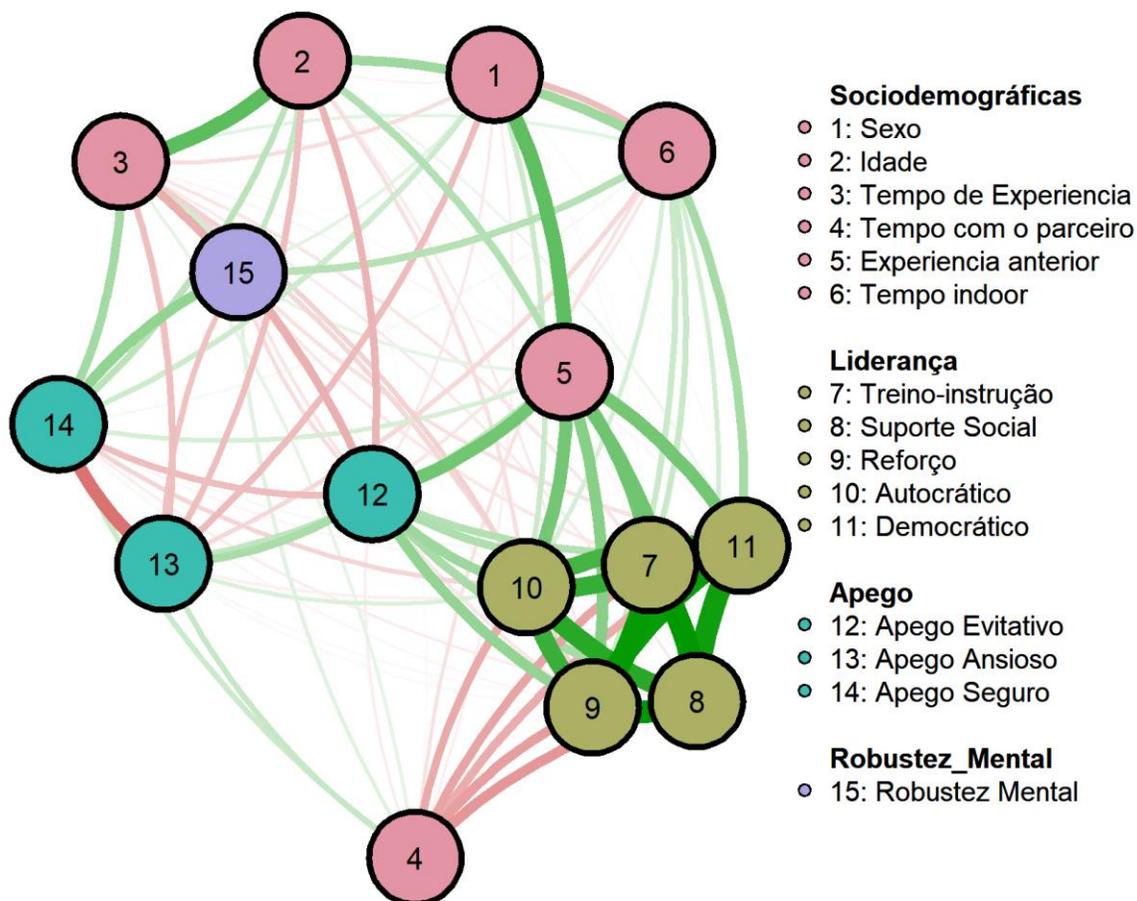


Figura 2. Representação das associações entre as variáveis sociodemográficas, do relacionamento de apego treinador-atleta, estilos de liderança percebidos e robustez mental atlética, por meio de uma *network*.

Nota-se que a robustez mental (representada pelo nodo 9) associou-se positivamente com o estilo de apego seguro (nodo 8) ($r=0,40$) e negativamente, ainda que em magnitude de força fraca ($r=-0,12$; $r=-0,23$, respectivamente) com os estilos de apego evitativo e ansioso (Figura 2). Foi observada associação negativa e fraca entre o estilo de apego seguro e o estilo de decisão autocrático do treinador ($r=-0,15$), enquanto que o estilo de apego evitativo associou-se positivamente à todas as

dimensões da liderança, variando em magnitude da correlação de $r=0,28$ com o estilo de decisão democrático, à $r=0,40$, para o estilo de interação Reforço Positivo (Figura 2).

O efeito de mediação e de cada trajetória, gerados a partir dos estimadores do BCFSPA são apresentados na Tabela 2, indicando o impacto do apego seguro na robustez mental, mediado pelo estilo democrático de liderança e os estilos de interação de liderança, conforme indicados nos Modelos 1, 2 e 3.

Tabela 2 - Resultado do modelo estrutural sobre o impacto do *apego seguro* na robustez mental dos atletas de vôlei de praia, mediado pelo *estilo democrático* de liderança e os estilos de interação suporte social (Modelo 1), treino-instrução (Modelo 2) e reforço positivo (Modelo 3), baseado na análise de BCFSPA.

Modelo estrutural	Modelo 1 Suporte Social			Modelo 2 Treino-instrução			Modelo 3 Reforço positivo		
	Estimate	SE(B)	p valor	Estimate	SE(B)	p valor	Estimate	SE(B)	p valor
Trajatórias									
a	-0,12	0,09	0,21	-0,15	0,10	0,12	-0,12	0,10	0,21
b	0,02	0,05	0,64	-0,02	0,04	0,64	-0,02	0,04	0,68
c	0,24	0,09	0,01*	0,31	0,10	0,001*	0,25	0,09	0,01*
d	0,85	0,05	<0,001*	0,91	0,04	<0,001*	0,91	0,04	<0,001*
e	-0,21	0,18	0,24	0,06	0,23	0,79	0,03	0,24	0,90
f	0,25	0,18	0,16	-0,04	0,23	0,85	-0,03	0,24	0,91
Efeito de mediação: a-d-f	-0,03	-	-	0,01	-	-	0,01		

Nota: SE (B) são erros padrão estandardizados. BCFSPA é a análise corrigida da trajetória da análise fatorial. A trajetória a = Apego - Estilo de decisão, b = Apego - Estilo de interação, c = Apego - Robustez mental, d = Estilo de decisão - Estilo de interação, e = Estilo de decisão - Robustez mental, f = Estilo de interação - Robustez mental. Fonte: a autora.

O estilo de decisão democrático associou-se positivamente com o estilo de interação de suporte social (0,85), treino-instrução (0,91) e reforço positivo (0,91) de forma significativa ($p<0,001$) (Tabela 2). A percepção de apego seguro associou-se positivamente com a robustez mental dos atletas (0,24; 0,31 e 0,25, respectivamente -

Tabela 2), porém os estilos de liderança não mediaram a relação entre percepção de apego e robustez mental.

A seguir, na Tabela 3, apresentamos o impacto do apego ansioso na robustez mental, mediado pelo estilo autocrático de liderança e os respectivos estilos de interação, indicados conforme Modelo 4, 5 e 6.

Tabela 3 - Resultado do modelo estrutural sobre o impacto do *apego ansioso* na robustez mental dos atletas de vôlei de praia, mediado pelo *estilo autocrático* de liderança e os estilos de interação suporte social (Modelo 4), treino-instrução (Modelo 5) e reforço positivo (Modelo 6), baseado na análise de BCFSPA.

Modelo estrutural	Modelo 4 Suporte Social			Modelo 5 Treino-instrução			Modelo 6 Reforço positivo		
	Estimate	SE(B)	p valor	Estimate	SE(B)	p valor	Estimate	SE(B)	p valor
Trajetórias									
a	0,11	0,09	0,24	0,11	0,09	0,24	0,20	0,09	0,04*
b	-0,04	0,03	0,21	-0,09	0,02	<0,001*	0,03	0,02	0,08
c	-0,06	0,09	0,52	-0,18	0,11	0,09	-0,10	0,10	0,31
d	0,96	0,03	<0,001*	0,98	0,02	<0,001*	0,98	0,02	<0,001*
e	-0,59	0,34	0,09	1,01	0,45	0,03*	1,00	0,57	0,08
f	0,62	0,34	0,09	-1,02	0,45	0,02*	-0,99	0,57	0,08
Efeito de mediação: a-d-f	0,07	-	-	-0,16			-0,19		

Nota: SE (B) são erros padrão estandardizados. BCFSPA é a análise corrigida da trajetória da análise fatorial. A trajetória a = Apego - Estilo de decisão, b = Apego - Estilo de interação, c = Apego - Robustez mental, d = Estilo de decisão - Estilo de interação, e = Estilo de decisão - Robustez mental, f = Estilo de interação - Robustez mental. Fonte: a autora.

O estilo autocrático de liderança do treinador associou-se ao suporte social (0,96), treino-instrução (0,98) e reforço positivo (0,98), indicando que o estilo de decisão adotado pelo treinador não sugere uma forma específica de interação com os atletas. A percepção de estilo autocrático de liderança associou-se à robustez mental dos atletas (1,01; $p=0,03$), quando seu estilo de interação é voltado ao treino-instrução, indicando que, para os atletas com perfil de apego ansioso, o estilo de decisão do treinador parece ser mais fortemente ligado ao aumento da robustez mental do que ao

estilo de interação. Isso porque, a percepção direta de interação voltada ao treino-instrução associou-se negativamente à robustez mental (-1,02).

A seguir, na Tabela 4, apresentamos o impacto do apego evitativo na robustez mental, mediado pelo estilo autocrático de liderança e os respectivos estilos de interação, indicados conforme Modelo 7, 8 e 9.

Tabela 4 - Resultado do modelo estrutural sobre o impacto do *apego evitativo* na robustez mental dos atletas de vôlei de praia, mediado pelo *estilo autocrático* de liderança e os estilos de interação suporte social (Modelo 7), treino-instrução (Modelo 8) e reforço positivo (Modelo 9), baseado na análise de BCFSPA.

Modelo estrutural	Modelo 7 Suporte Social			Modelo 8 Treino-instrução			Modelo 9 Reforço positivo		
	Estimate	SE(B)	p valor	Estimate	SE(B)	p valor	Estimate	SE(B)	p valor
Trajetórias									
a	0,50	0,09	<0,001*	0,50	0,09	<0,001*	0,59	0,08	<0,001*
b	-0,13	0,03	<0,001*	-0,14	0,02	<0,001*	0,01	0,02	0,48
c	-0,04	0,12	0,73	-0,32	0,13	0,01*	-0,15	0,12	0,22
d	1,02	0,03	<0,001*	1,04	0,02	<0,001*	0,98	0,02	<0,001*
e	-0,55	0,40	0,17	1,49	0,52	0,00*	1,12	0,57	0,05
f	0,60	0,37	0,11	-1,36	0,49	0,00*	-1,05	0,57	0,06
Efeito de mediação: a-d-f	0,31	-	-	-0,71	-	-	-0,60	-	-

Nota: SE (B) são erros padrão estandardizados. BCFSPA é a análise corrigida da trajetória da análise fatorial. A trajetória a = Apego - Estilo de decisão, b = Apego - Estilo de interação, c = Apego - Robustez mental, d = Estilo de decisão - Estilo de interação, e = Estilo de decisão - Robustez mental, f = Estilo de interação - Robustez mental. Fonte: a autora.

Perceber o estilo de apego como evitativo diminui a percepção de suporte social e de interações voltadas ao treino-instrução pelos atletas (trajetória *b* = -0,13 e -0,14, respectivamente - Tabela 4) e associa-se positivamente à adoção de um estilo autocrático de liderança, independente do estilo de interação adotado (trajetória *a* = 0,50, 0,50 e 0,59; <0,001 - Tabela 4). Adotar uma liderança autocrática, aumenta a interação de suporte social, treino-instrução e reforço positivo (trajetória *d*, Tabela 4). Por fim, assim como o apego ansioso (ver Tabela 3), sujeitos com percepção de apego

evitativo, percebem aumento da sua robustez mental (1,46) quando os treinadores adotam um estilo de liderança autocrática - em meio à interação treino-instrução. Porém, a percepção do estilo de liderança de treino-instrução adotado pelo treinador, que preconiza um comportamento voltado para a melhoria da performance dos atletas através da focalização nas técnicas e táticas da modalidade, diminui em 1,36 a robustez mental do atleta com percepção de apego evitativo (Tabela 4).

Discussão

Após as buscas realizadas na literatura, verificou-se que este é o primeiro estudo a investigar o impacto do relacionamento de apego treinador-atleta, mediado pelos estilos de liderança do treinador na robustez mental de atletas de vôlei de praia no contexto mundial. Os resultados confirmaram parcialmente a hipótese do estudo, uma vez que observamos que o estilo seguro de apego pode levar a um aumento da robustez mental (0,30) de atletas nesse contexto, porém de forma não mediada pelo estilo de liderança do treinador (Tabela 2). De mesmo modo, a hipótese de que esse impacto na robustez mental dos atletas seria mediado pelo estilo de liderança democrático do treinador, foi refutada, visto que o estilo autocrático indicou aumento de 1 ponto na robustez mental, quando em meio à interação de treino-instrução e relacionamento de apego ansioso (Tabela 3 e 4).

Tanto atletas com percepção de relacionamento de apego ansioso, quanto evitativo, que percebem seus treinadores como autocráticos, demonstraram associação positiva com a robustez mental, confirmando parcialmente a segunda hipótese conceitual deste estudo, uma vez que essa associação deu-se de forma direta e não mediada pelo estilo de interação treino-instrução adotado pelo treinador. A literatura mostra que o padrão de relacionamento atual do indivíduo, é resultado de um padrão bastante consistente de interações com as figuras de apego durante a infância, e que os modelos de interação mais representativos tornam-se parte do conhecimento implícito e tendem a operar automática e inconscientemente (MIKULINCER; SHAVER, 2007). Nesse sentido, infere-se que o padrão de relacionamento para esses atletas, funciona de maneira similar à relação que tinham com seus pais, na infância: modo de decisão que requer pouca participação das crianças, ainda vistas pelos cuidadores

como incapazes para tais atitudes. Ficam assim, imersos em relações vistas como desejáveis, porém com interações pouco acessíveis às figuras, característica peculiar ao desenvolvimento do apego inseguro (BOWLBY, 1973).

Em contrapartida, para estes mesmos indivíduos com apego inseguro, a percepção da interação voltada ao treino-instrução, pareceu contribuir de forma negativa à robustez mental, refutando assim, a hipótese conceitual do estudo. Isso recebe suporte na teoria do apego, uma vez que mostra que as dúvidas dos indivíduos com apego ansioso sobre sua própria capacidade, reflete nas habilidades instrumentais dos envolvidos na relação (Davidovitz et al., 2007). Sujeitos com percepção de apego evitativo podem ter dificuldades em aceitar o suporte recebido, que visa por meio do treino-instrução, coordenar e estruturar as atividades dos atletas durante as sessões e rotinas atléticas, visto que vai de encontro à ideia de superioridade e autonomia destes indivíduos (HOLMES, 2014).

De forma mais ampla, líderes com apego inseguro focam em suas próprias inseguranças e insatisfações, podendo assim não responder às necessidades dos seus liderados. Chamam muita atenção para si, deixando de promover percepção de competência em seus liderados, fazendo com que duvidem de suas próprias capacidades (MIKULINCER, SHAVER, 2007). Infere-se que, talvez por isso, a percepção de uma interação voltada às atividades instrumentais, como o treino-instrução, tenha se associado de forma negativa à robustez mental, em atletas com perfil de apego ansioso e evitativo, no presente estudo.

Ainda assim, saber que a robustez mental é, em parte, adaptável e se desenvolve ao longo do tempo, pode sugerir que treinadores sejam influentes no processo de desenvolvimento deste constructo, por meio de intervenções no contexto no qual os sujeitos estão envolvidos, como o ambiente de treinamento (GUCCIARDI, et al., 2009). É apontado que uma relação treinador-atleta positiva e um comportamento construtivo do treinador, podem dar suporte aos atletas para fortalecer sua habilidade de superar os desafios (WHITE; BENNIE, 2015). Tais achados dão suporte aos resultados do presente estudo, que indicam a associação apenas do estilo seguro de apego com a robustez mental, não sendo identificadas tais associações com o apego ansioso e evitativo. Isso acontece, porque essa influência sob os atletas pode

acontecer de forma mais poderosa, quando são criados laços afetivos entre as figuras envolvidas, uma vez que o treinador pode atuar como porto seguro e fonte de conforto, que promove segurança em tempos de necessidade (DAVIS; JOWETT, 2010).

Foi observado que os estilos de liderança democrático e autocrático, associaram-se positivamente aos três estilos de interação de liderança (suporte social, treino-instrução e reforço positivo), independente do estilo de apego percebido (trajetória d; Tabelas 2, 3 e 4). Isso demonstra que a forma de decisão adotada pelo treinador não prediz sua forma de interação com os atletas. Diversos comportamentos do treinador podem ser esperados, com vistas a se adequar às diferentes situações atléticas (CHELLADURAI, SALEH, 1978; CHELLADURAI, SALEH, 1980). Nesse sentido, o Modelo Multidimensional de Liderança, proposto por Chelladurai (1978), especifica que a eficácia do comportamento do líder vai ser resultado da congruência entre as preferências dos membros, as características situacionais e as características particulares do líder.

Essa pode ser a explicação das associações positivas entre os estilos de decisão e de interação da liderança percebidos pelos atletas. Independente do relacionamento de apego percebido, e do estilo autocrático ou democrático adotado, os treinadores parecem fazer uso dessa congruência, que alinha às expectativas de liderança, em decorrência da situação, da preferência dos membros e de suas características pessoais (CHELLADURAI; SALEH, 1980). Dessa forma, ainda que comportamentos controladores possam se associar à desmotivação (BORGUI, et al., 2017) e ter efeitos negativos no relacionamento treinador-atleta e na forma como respondem às adversidades (NICHOLLS, et al., 2016), resultados positivos são mais prováveis quando o treinador consegue alinhar os três comportamentos da liderança (CHELLADURAI; SALEH, 1980), uma vez que isso pode diminuir os efeitos de comportamentos que não oferecem suporte durante o treinamento (NICHOLLS, et al., 2016).

Embora o presente estudo forneça evidências empíricas sobre a importância dos aspectos da liderança como mediador das relações entre apego e robustez mental em atletas mundiais de vôlei de praia, algumas limitações precisam ser apontadas. Dentre as limitações, destaca-se a utilização da escala apenas na versão em inglês, o que

limitou a participação de atletas não dominantes do idioma. Destaca-se que, apesar dessa limitação, a utilização das escalas em um idioma mundialmente conhecido, permite o avanço no conhecimento científico sobre o relacionamento de apego entre treinador e atleta, seus aspectos de liderança percebidos e o constructo da robustez mental, ainda pouco explorados na modalidade. Finalmente, ainda que a coleta se deu em três momentos diferentes (três etapas do circuito mundial), o formato de estudo transversal possibilitou previsões significativas acerca das relações entre as variáveis, mas não permitiu relações causais, ao passo que um estudo longitudinal permitiria inferências mais robustas. Por fim, sugere-se também, que futuras pesquisas que investiguem os aspectos de liderança, investiguem o estilo de preferência dos atletas, uma vez que no presente estudo, apenas a percepção foi averiguada.

Conclusão

Este estudo revelou que uma relação de apego seguro entre treinador e atleta pode trazer aumentos dos níveis de robustez mental atlética, o que confirma de forma parcial a hipótese conceitual do estudo, uma vez que essa associação deu-se de forma direta e não mediada pelos estilos de liderança do treinador. Para os atletas com apego inseguro, o estilo autocrático mostrou-se associado aos maiores níveis de robustez mental, o que também confirma de forma parcial a hipótese do estudo, visto que tal resultado foi observado na trajetória direta entre estilo autocrático e robustez mental.

Ressalta-se entretanto, que a percepção de interação de liderança voltada às atividades instrumentais, como o treino-instrução foi percebida como negativamente associada à robustez mental para os atletas com apego ansioso e evitativo. Indicando que a insegurança acerca de suas capacidades, reflete-se nos atletas ansiosos e que, para os atletas evitativos, demonstrar necessidade e aceitar tal ajuda, não condiz com sua representação mental sobre autonomia e superioridade.

Os achados deste estudo contribuem para que os treinadores e demais envolvidos no contexto esportivo, compreendam a importância dos laços emocionais formados nestes ambientes para o desenvolvimento de habilidades psicológicas como a robustez mental. Tais contribuições se estendem à utilização de diversas interações de liderança com os atletas, que buscam promover ambientes esportivos que sejam

positivos ao desenvolvimento atlético e não apenas limitem-se à instruções instrumentais. Isso porque, especificamente no contexto do vôlei de praia, a figura do treinador torna-se ainda mais importante, visto que as equipes são reduzidas (comparadas às modalidades coletivas convencionais) e que, para as duplas pesquisadas, participantes do circuito mundial, que passam meses longe de casa, têm no treinador, sua única fonte para suporte pessoal.

Referências

As referências encontram-se dispostas ao final desta tese.

Artigo Original 4

4.4 Compreensão do relacionamento de apego e o significado do líder na construção da robustez mental: a perspectiva de atletas medalhistas olímpicos de vôlei de praia.

Resumo

O sonho olímpico é vivenciado por uma pequena parcela da população. Conquistas nesse contexto são ainda mais raras e requerem um alto desempenho das habilidades técnicas, táticas e psicológicas. Nesse sentido, a robustez mental pode ser um importante, uma vez que auxilia os atletas na manutenção de desempenho frente à adversidades. Uma vez que o treinador é uma figura buscada pelos atletas em meio à situações adversas para restauração do equilíbrio emocional, pode assim atuar na promoção de habilidades psicológicas como a robustez mental. O objetivo do estudo foi compreender as percepções de atletas medalhistas olímpicos acerca das figuras significativas no decorrer da sua carreira atlética, as associações entre os constructos de liderança e relacionamento de apego que permearam o relacionamento treinador-atleta e o papel da figura do treinador no processo de construção da robustez mental para alcançar um alto nível de desempenho, como a conquista da medalha olímpica. Foram sujeitos do estudo, nove atletas medalhistas olímpicos de vôlei de praia (entre os anos 1996 e 2016), sendo três homens com média de idade de 32 anos e seis mulheres com média de idade de 27 anos. Os dados foram coletados por meio de entrevista semi-estruturada. A base teórica utilizada para interpretação dos resultados foi John Bowlby (1972) adotando-se as orientações de Bardin (2011) para análise de conteúdo. Os resultados foram apresentados em quatro principais eixos temáticos identificados a partir das narrativas: trajetória esportiva, figuras significativas, robustez mental e medalha olímpica. A trajetória esportiva iniciou-se sumariamente na infância, por meio do esporte lazer ou esporte escolar; as figuras citadas como mais significativas foram os primeiros treinadores esportivos e para a maioria dos entrevistados, os treinadores mais responsáveis pela conquista da medalha olímpica. O processo de construção da robustez mental atlética é percebido como algo inerente à trajetória esportiva, desenvolvido por meio das adversidades encontradas dentro e fora do contexto esportivo. Assim, verificou-se que relacionamentos mais duradouros são percebidos como um relacionamento de apego seguro, trazendo mais conforto por oferecer suporte social e liderança democrática. Além disso, o treinador foi percebido como importante dentro do processo de desenvolvimento da robustez mental, porém fatores pessoais e adversidades vivenciadas fora do contexto esportivo também foram percebidas como importantes para o desenvolvimento de tal constructo.

Palavras-chave: Apego; Liderança; Robustez Mental; Jogos Olímpicos; Atleta.

Introdução

Participar de uma competição que reúne os melhores atletas do mundo é um privilégio que poucos conseguem alcançar (SKAF, 2015), sendo a conquista de um lugar ao pódio experimentada por um grupo ainda menor de atletas. Tal conquista, advinda de muita fibra e força de vontade para superar as constantes dificuldades, tem o poder de inspirar outros atletas. Indivíduos que chegam nesse lugar de destaque, trazem a esperança do sonho, uma vez que o desejo do êxito olímpico vem da inspiração de conquistas de outros atletas, configurando um modelo de identidade e sucesso a ser alcançado (GONÇALVES, 2015).

Para crescimento e desenvolvimento da carreira atlética, figuras inseridas nesse contexto se tornam importantes, onde atletas e treinadores se complementam para o alcance do sucesso (JOWETT, 2017). Esse compartilhamento de desejos e metas em comum forma relacionamentos próximos, estabelecidos com figuras significativas que se entrelaçam em comprometimento e confiança, refletindo em satisfação e autoestima para os envolvidos (JOWETT; COCKERILL, 2003). Isso porque, relações que oferecem suporte, cuidado, satisfação e propósito são mais propensas a se tornar veículo para criatividade e desenvoltura em comparação às relações fracas, que podem limitar e consumir o indivíduo e a relação treinador-atleta (JOWETT; SHANMUGAM, 2016).

Para explicar os relacionamentos próximos, formados no contexto esportivo, a Teoria do Apego, formulada em 1969 por John Bowlby, oferece um quadro teórico útil (DAVIS; JOWETT, 2010), que mostra que ao longo da vida espera-se que os indivíduos desenvolvam ligações com outros indivíduos que não seus pais (BOWLBY, 1988). Desse modo, o treinador têm potencial para formar esses vínculos emocionais de apego com os atletas, sendo alvo de proximidade e fornecendo porto-seguro e base segura durante os momentos de necessidade, que funcionam como um preditor para o desenvolvimento emocional saudável, tão importante para o contexto esportivo (DAVIS; JOWETT, 2010).

A teoria do apego de Bowlby (1969/1982) permite entender o desenvolvimento social, que descreve as origens dos laços interpessoais com pessoas importantes que oferecem cuidado e segurança (DAVIS, JOWETT, LAFRENIÈRE, 2013). Esses laços emocionais são formados com seus cuidadores na infância e seu modelo de

funcionamento é transferido para os próximos relacionamentos ao longo da vida do sujeito (TIRYAKI; CEI'IKKURT, 2007). O fundamento básico da teoria, que é um importante fator para o contexto esportivo, sustenta a ideia da construção de um modelo interno, que explica duas representações dos sujeitos: a de si e a de outros. Ou seja, a teoria explica como o sujeito enxerga a si mesmo com representações positivas e otimistas ou negativas e pessimistas sobre suas capacidades; e como percebe aos demais (positiva ou negativamente) em relação ao quanto responsiva e disponível é a figura em tempos de necessidade.

Importante destacar que nem todas as pessoas as quais o indivíduo têm relacionamento próximo serão potenciais figuras de apego. O relacionamento de apego ocorre quando a figura serve a três propósitos específicos: alvo de proximidade, porto seguro e base segura (BOWLBY, 1972, AINSWORTH, 1991). A manutenção da proximidade é preenchida quando o sujeito sente a necessidade de estar muito próximo à figura de apego. O porto seguro é cumprido quando uma figura atua como uma fonte de conforto e fornece segurança para o indivíduo em momentos de necessidade. Por fim, a base segura é satisfeita quando a figura de apego fornece uma plataforma para o indivíduo apegado explorar atividades autônomas fora do relacionamento (DAVIS, JOWETT, 2010).

Assim, o treinador pode ser uma figura procurada pelos atletas em meio à situações adversas, para regulação das emoções e restauração do equilíbrio emocional (WYLLEMAN, et al., 2016; KAGELAERS; WYLLEMAN, 2018), podendo atuar assim, na promoção de habilidades psicológicas como a robustez mental (GUCCIARD, et al., 2009; NICHOLLS, MORLY, PERRY, 2016). O treinador pode atuar ainda como mediador dos relacionamentos interpessoais, oferecendo orientação para a tomada de decisões e motivação aos atletas (GOMES; PAIVA, 2010; KAO et al., 2015), sendo considerado o ponto de equilíbrio dentro do grupo é fundamental para o direcionamento e alcance de objetivos da equipe (MOEN; HEIGAARD; PETERS, 2014).

Além do apoio às metas instrumentais normalmente oferecido pelos treinadores esportivos, o suporte social ofertado dentro de um relacionamento de apego seguro (MIKULINCER; SHAVER, 2007) é um dos pilares para o desenvolvimento da robustez mental (CONNAUGHTON et al, 2008; GUCCIARDI, et al, 2009), porém ainda não

investigada na perspectiva do apego, sendo esta uma lacuna que o presente estudo pretende preencher. Tal habilidade psicológica é considerada uma habilidade que possibilita aos atletas a utilização de seus recursos cognitivos, emocionais e comportamentais para manter ou melhorar sua performance (BEATTIE, et al., 2018; JONES; PARKER, 2019). Em sua definição, a robustez mental é uma coleção de experiências vivenciadas, valores, atitudes, cognições e emoções inerentes e específicas do esporte, que influenciam a maneira como um indivíduo aborda, responde e avalia pressões, desafios e adversidades construídas de forma negativa e positiva para atingir seus objetivos de maneira consistente (GUCCIARDI, et al., 2009a). Sujeitos com altos escores nessa habilidade mental, são capazes de permanecer comprometidos quando confrontados com o estresse, tendo confiança para concluir a tarefa com sucesso e sendo assertivos em situações sociais (LIN, et al., 2017).

Tendo em vista a importância dos laços emocionais formados dentro do contexto esportivo para satisfação e sucesso dos envolvidos, bem como o papel do suporte social oferecido pelo treinador para o desenvolvimento da robustez mental, esse estudo busca entender o papel das relações interpessoais formadas entre treinador e atleta, por meio de uma abordagem qualitativa. Esta pode fornecer qualidade para interpretações complexas, uma vez que transpassam o formato exploratório, gerando conhecimentos de direito próprio (VERGER, 2000). Dessa forma, o objetivo do estudo foi compreender, por meio de um desenho qualitativo, as (a) percepções de atletas medalhistas olímpicos acerca das figuras significativas no decorrer da sua carreira atlética, (b) as associações entre os constructos de liderança e relacionamento de apego que permearam o relacionamento treinador-atleta e (c) o papel da figura do treinador no processo de construção da robustez mental para alcançar um alto nível de desempenho, como a conquista da medalha olímpica.

Método

Desenho de estudo

Estudo de campo de caráter qualitativo. Foram elaboradas entrevistas sob a narrativa de atletas medalhistas olímpicos brasileiros de vôlei de praia, entre os anos

de 1996 (inserção da modalidade nos Jogos) e 2016 (último Jogos até o presente momento), com o intuito de reconhecer a trajetória esportiva, as figuras significativas no decorrer da vida atlética e como se deu o processo de construção da robustez mental desses atletas, até a chegada à medalha olímpica.

Sujeitos do estudo

Todos os atletas (17) medalhistas olímpicos de vôlei de praia foram convidados a participar do estudo. No entanto, a amostra foi composta por nove atletas (houveram 8 recusas), sendo três homens com média de idade de 32 anos e seis mulheres com média de idade de 27 anos, naturais das regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil.

Instrumentos e procedimentos para coleta de dados

A coleta de dados se deu por meio de entrevista semiestruturada, uma vez que permite a organização de um conjunto de questões relacionadas aos objetivos do estudo, permitindo que o entrevistado tenha liberdade para falar sobre os assuntos que vão surgindo no decorrer da entrevista (PÁDUA, 2004). Essa semiestruturação se deu por meio de questões norteadoras pré-estabelecidas, que orientaram o diálogo, buscando favorecer a liberdade para os entrevistados articularem suas respostas com autonomia. A matriz de entrevista foi construída com base na Teoria do Apego, utilizando-se três eixos para investigação dos laços emocionais: a) trajetória esportiva e figuras importantes dentro deste contexto, b) relacionamentos próximos e aspectos de liderança do treinador e c) processo de construção da robustez mental dos atletas (APÊNDICE A).

Os sujeitos foram contatados inicialmente por telefone. A entrevista foi conduzida individualmente no dia agendado, pelo aplicativo de conferências remotas Zoom®, que permite videoconferência e gravações das entrevistas com uma boa qualidade de áudio e vídeo. O local foi de livre escolha do sujeito, sendo o mais confortável e que apresentasse uma boa qualidade de sinal de internet e silencioso. As entrevistas duraram em média 70 minutos. Em seguida, foram transcritas, com duração média de 120 min, para que o conteúdo pudesse ser analisado, em atendimento aos objetivos elencados para essa pesquisa.

Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa nº do parecer 4.022.246, da Universidade Estadual de Maringá, Brasil. Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e autorizaram a gravação e manuseio dos dados para fins acadêmicos/científicos.

Análise de dados

Para a análise dos dados, adotamos as orientações da Análise de Conteúdo, de Bardin (2011). Esse caminho metodológico é composto por um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das falas. Ressalta-se que esse não é considerado um método rígido, fechado e inflexível, mas sim um compilado com formas diversificadas de aplicação. Por ser um método muito empírico, dependente do tipo de fala e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo.

Baseado nos procedimentos sistemáticos fornecidos por Bardin (2011) para orientar as análises, organizamos a análise de conteúdo em três diferentes etapas: a) pré-análise: fase de organização do material e a sistematização das ideias iniciais; b) exploração do material: fase de codificação (recortes, enumerações e classificações); c) tratamentos dos resultados obtidos e interpretação: a fase de reflexão, de confrontação entre material e inferências. Para fins de garantir o anonimato dos participantes, os atletas foram codificados em AF1 a AF6 para atletas do sexo feminino e AM1 a AM3 para os atletas do sexo masculino.

Resultados

A partir das entrevistas realizadas com os atletas medalhistas olímpicos participantes, verificou-se que cinco já encerraram sua carreira esportiva, e destes, quatro continuam envolvidos com o esporte em sua atividade profissional. Os outros quatro atletas continuam em atividade em sua carreira esportiva, estando dois atletas classificados para as Olimpíadas de Tóquio 2021. Observou-se que a iniciação esportiva destes atletas ocorreu na infância e início da adolescência, entre 10 e 14 anos, em esportes variados, por meio de brincadeiras de rua e em atividades não-organizadas que foram percebidas como importantes para o desenvolvimento motor

geral destes atletas, além da maioria ter reportado participação no desporto escolar e clubes na iniciação e categorias de base do voleibol indoor. Dessa forma, a iniciação na modalidade de vôlei de praia aconteceu de forma tardia, entre os 17 e os 26 anos e deu-se por motivos variados, como recuperação de lesão obtida no vôlei de indoor, atividade física de lazer aos finais de semana ou atividade física utilizada como meio de manter a forma entre as temporadas do vôlei indoor.

Verificou-se também que a localização geográfica onde os atletas estavam inseridos, foi considerada importante para inserção esportiva, e posteriormente, desenvolvimento da carreira atlética. Assim, observou-se que cinco atletas eram provenientes da região Sudeste e três eram provenientes do Nordeste, regiões que se destacam pela importância das políticas de lazer e de iniciação escolar, sendo apenas uma atleta advinda da região Sul do Brasil. Entretanto, a relevância geográfica foi ainda mais ressaltada no período de profissionalização esportiva, em que identificou-se o Rio de Janeiro como base de desenvolvimento (principalmente para o sexo feminino) e o nordeste (Fortaleza e João Pessoa), principalmente para o sexo masculino.

Trajetória esportiva

Observa-se no Quadro 1, temas verificados a partir da aproximação das falas dos entrevistados, relativos ao eixo temático trajetória esportiva.

Quadro 1 - Representações que emergiram nas falas dos atletas medalhistas de vôlei de praia no eixo central sobre a trajetória esportiva.

TRAJETÓRIA ESPORTIVA
Iniciação esportiva em atividades não organizadas, desporto escolar ou esporte de base
Treinadores significativos na iniciação/esporte de base
Sonho de infância: viver do esporte
Importância dos ídolos para iniciação no esporte
Importância das políticas públicas de incentivo ao esporte (CBV, escolas, faculdades)
Parcerias com figuras significativas (mais experientes, que contribuíram para o desenvolvimento pessoal e profissional)
Paixão pela modalidade e pela vida atlética

Nota-se que a participação em atividades não organizadas de lazer e o desporto escolar foram identificados como importantes para o desenvolvimento atlético posterior. Além disso, a maioria (oito) atletas participaram do voleibol indoor na escola ou em clubes de iniciação, enquanto um atleta indicou a participação no futebol de campo como primeira modalidade esportiva competitiva (que perdurou até os 19 anos), como relatam os depoimentos:

Eu era uma criança que brincava, como naquela época não tinha computador essas coisas, nós normalmente brincávamos com nossos amigos, amiguinhas, era brincadeira de rua, brincadeira de pique. Mas eu morava perto da praia, nos finais de semana eu frequentava a praia, meu pai era uma pessoa muito atlética, jogava voleibol de praia, e eu comecei a jogar voleibol na praia nos finais de semana, então foi assim que eu aprendi a jogar vôlei. (AF5)

Aí quando foi em 80, 1980 mais ou menos a gente foi morar na praia Vermelha, que é aqui na Urca, no Rio, e lá tem um clube com várias quadras de vôlei, então ali que realmente comecei, porque eu chegava da escola, tipo 1 hora da tarde, fazia o dever de casa e passava de 3 da tarde, 4 da tarde, até 7 da noite jogando vôlei em dupla [...] era muito engraçado, o meu início foi muito engraçado porque eu não queria responsabilidades, eu queria ficar jogando dupla lá onde eu jogava, e aí eu ia, o treino era só terça e quinta. (AF1)

Os atletas relataram ter como sonho de infância, participar dos Jogos Olímpicos. Relataram ter essa conexão com o esporte e desejo de fazer parte desse contexto, a partir do papel de expectador que ocupavam na infância, e por influência dos ídolos (jogadores) da época, que ganhavam lugar de destaque nas vitórias das equipes de voleibol indoor (para os atletas participantes das Olimpíadas de 1996 e 2000). Já os atletas participantes das edições de 2008, 2012 e 2016, indicaram os atletas de vôlei de praia (participantes das primeiras edições em que a modalidade foi inserida nos Jogos Olímpicos) como ídolos e inspirações para adentrarem na modalidade com afinco. Estes aspectos podem ser observados nos relatos:

Eram as cenas que mais me emocionavam, que mais me prendiam. Sempre fui ligada aos esportes, ainda nem sabia o que era Olimpíada, mas eu já gostava e já me prendia àquele grande evento. [...] Nos meus 13/14 anos eu já imaginava, eu já tinha sonho de ir pra Olimpíada, sem nunca imaginar que tudo isso ia acontecer com a praia, que ia existir o circuito, a modalidade de vôlei de praia, enfim. (AF4)

Sempre tive o sonho de representar o país nos Jogos Olímpicos e a minha vida acabou sendo pautada por isso... então, com 10 anos entrei numa escolinha de vôlei e meus olhos brilharam em 92 quando eu vi os Jogos Olímpicos lá em Barcelona, que eu vi o vôlei masculino e vi o vôlei feminino... Então ali o meu olho brilhou e eu falei: cara eu quero viver isso também. (AF2)

[...] aí tem outra, outra curiosidade, eu comecei a jogar vôlei de praia porque a Sandra e a Jackie ganharam a medalha Olímpica em 1996, e o meu biquini e da minha parceira, tinha os detalhezinhos iguais aos delas. Eu já falei isso pra elas. (AF3)

Outro aspecto observado nas falas dos atletas foi referente ao reconhecimento da importância do voleibol escolar e das políticas de incentivo ao esporte, como fornecimento de bolsas escolares e posteriormente, nas faculdades, e apoio da CBV por meio de projetos que visam a captação e desenvolvimento de atletas de base (Quadro 1). Além disso, durante a vida profissional, a geração dos atletas que participaram nas três últimas edições dos jogos (2008 a 2016), apontaram a importância de ter jogado com atletas mais experientes durante sua carreira esportiva (atletas que participaram das três primeiras edições dos jogos (de 1996 a 2004), para crescimento pessoal e profissional:

[...] minha vida no voleibol começou na quadra, eu comecei num projeto social em Marataízes, e nesse projeto social você tinha que estar estudando, tinha que estar jogando os Jogos Escolares, então eu sempre joguei os Jogos Escolares. Era fundamental para a prática de políticas públicas, os Jogos Escolares; juntamente com o 3º setor dos projetos sociais. Então eu fiz toda a minha trajetória em projetos sociais, fui para os Jogos Escolares e então comecei a jogar os jogos da Federação de voleibol. (AM3)

[...] Foi muito bom porque eu sempre tive atletas com quem eu joguei que tinham uma experiência muito maior do que eu, então eles tinham um nível muito superior, e eu estava no início, então eu tive que brigar pra tentar igualar onde eles estavam. (AM2)

[...] joguei com outras pessoas, outras parceiras, aí a Jackie me chamou pra jogar que foi uma grande experiência. Olha só, vi ela jogando, e acabei jogando com ela [...]. Então foi muito bom a parceria com ela, aprendi muito com ela. Tudo o que ela falava pra mim, era uma lei, então, imagina você ter a oportunidade de estar com uma pessoa mais velha no qual era espelho pra você. (AF3)

Por fim, foi percebida como característica comum destes atletas, a paixão pelo esporte e pela carreira atlética. Em muitas falas, uma paixão obsessiva, que resulta de uma internalização e desejo incontrolável do indivíduo em participar e dedicar-se com mais intensidade à atividade, foi observada nos discursos.

Antes de ir pra praia, eu machuquei minha mão, perdi os movimentos e operei minha mão e o médico falou que eu não voltaria mais a jogar. Foi toda uma insistência, aprendi a jogar com a mão esquerda, e o pessoal lá em casa “você ta loca, como é que você vai voltar a jogar, o médico falou que não podia”, enfim eu me reinventei, porque eu queria viver daquilo ali, era feliz dentro da quadra, era feliz, acho que eu só era feliz ali naquela quadra. Era minha vida, eu sonhava, eu acordava, eu dormia... eu sempre fui muito apaixonada pelo esporte. (AF4)

Eu não, eu peguei cedo, peguei cedo, ali juvenil e tal já tava recebendo pra jogar e fazer o que eu mais amava a vida né. Então não tem coisa melhor no mundo você se remunerar e fazer do que você mais ama. Daquela atividade que você mais ama, a sua fonte de renda também. Muito bom. (AF1)

Figuras significativas ao longo da trajetória esportiva

A partir da inserção no esporte organizado, por meio do esporte escolar ou clubes de iniciação, figuras significativas emergiram nas falas, apontando o treinador de base como a primeira figura importante para sua carreira. No Quadro 2, observa-se os principais temas comuns nas falas dos atletas entrevistados.

Quadro 2 - Temas que emergiram dos atletas medalhistas de vôlei de praia investigados no eixo central sobre as figuras significativas.

FIGURAS SIGNIFICATIVAS
Primeiro treinador significativo na base
Relações duradouras mais significativas
Demonstração de suporte social e comprometimento com o atleta
Maior satisfação e conforto com estilos democráticos
Insatisfação com o estilo autocrático
Liderança pelo exemplo
Relacionamento como alvo de proximidade e porto seguro
Comunicação efetiva na relação
Aprendizagem de habilidades para vida
Percepção de paixão dos treinadores

Como características em comum das relações significativas, foi identificado que as relações eram duradouras (de 4 a 12 anos). Pela análise dos discursos dos atletas, as relações duradouras são importantes porque promovem maior conhecimento intrapessoal entre as figuras envolvidas, e conseqüentemente, mudanças e contribuições mais efetivas no comportamento dos sujeitos, tanto pessoal, quanto na vida profissional.

Eu tenho vários defeitos.. até outro dia eu tava conversando, que até uns 4 anos atrás eu reclamava do vento do lado ruim. A gente só treinava do lado ruim da quadra, mas eu fazia. De 4 anos pra cá, eu não reclamo. E o meu técnico fala assim: é, eu consegui. Eu falo: é, consegui, não reclamo, eu até peço. (AM1)

O R. ficou comigo nove anos, ele me conhecia bem, quando eu estava zangado, quando tinha que segurar, ele teve esse carinho, essa participação comigo. É um cara com quem eu falo até hoje, quando eu estava zangado, quando eu estava irritado, ele sabia porque me conhecia bem, isso era importante. Nós não jogávamos em duplas, jogávamos em trio, eu, M. e o R. (AM3)

Eu tenho que agradecer muito, ter tido a oportunidade de ter uma pessoa como ele na minha vida esportiva, durante mais de 10 anos [...] Então eu não tenho medo nenhum

de falar que, com certeza, juntamente com a educação da minha família, dos meus pais, ele tem uma importância absurda na minha formação como pessoa (AF1)

Foi percebida a satisfação dos atletas com os treinadores que tinham uma preocupação com a formação humana, que ofereciam suporte social e tinham comprometimento. Conforme mencionado, tais comportamentos do treinador pareciam trazer mais confiança para os atletas, trazendo maior satisfação com a relação pessoal e com os resultados conquistados, podendo ser esta a base para uma relação segura, como pode-se verificar nos relatos:

Tem duas pessoas que me fizeram chegar até aqui. Um é o Leandro, que foi quem me descobriu, que foi quem acreditou em mim. Eu falei pra uma vez: pô cara, você tá viajando, eu não sei nem andar na areia. E ele falou: calma, você vai! Todo mundo acha que ele descobre atletas, mas pelo contrário, ele forma seres humanos. E isso, pra mim é o maior legado que ele pode deixar pra mim. (AM1)

Sem dúvida o Wesley, primeiro treinador meu e da Larissa, foi muito significativo, porque ele acreditou muito em mim e na Larissa. Ele fez das tripas coração para que as coisas dessem certo, e eu acredito que no começo ele acreditava mais do que a gente até, ele via na gente uma coisa que nem a gente via, até um pouco exagerado (AF3).

[...] não vou esquecer nunca de uma lesão no ombro que eu tive, então já não estava jogando do mesmo jeito, e você não jogar do mesmo jeito, não treinar do mesmo jeito, faz perder um pouco da confiança... Então, ele sempre tinha um jeito de chegar de abordar, de tocar e dizer “calma vamos por aqui, eu sei...”. É uma palavra na hora certa, no momento certo. (AF1)

Nos discursos dos atletas foi percebido um perfil mais democrático de liderança apresentado pelos treinadores, indicando que adotam um estilo de liderança compartilhada com os outros membros dentro da equipe, proporcionando assim maior segurança aos atletas sobre as decisões tomadas. Além disso, um modelo de liderança pelo exemplo foi muito citado, indicando mais uma vez que a liderança não vinha de forma imposta, o que trazia efeitos mais significativos para confiança na relação com os líderes. Por fim, insatisfação e desconforto com os estilos de liderança autocráticos foram percebidos, indicando que os atletas gostam de participar e ter conhecimento do que está acontecendo durante o processo, como verifica-se nos depoimentos:

Então os quatro foram ensinando, os quatro aprendendo, os quatro. Era um caminho, e a gente fez um caminho, onde nós quatro ensinamos e aprendemos com os 4, entendeu? (AF3) - referindo-se sobre as duas atletas, treinador e preparador físico

Então ele mostrava para nós, ele era o primeiro a entrar na quadra, era o primeiro e o último a sair, no treino a mesma coisa, ele chegava cedo e era o último a sair. Ser líder hoje, é ser o exemplo (AM3)

Ele sempre era muito, tipo assim ele era um treinador mais carrasco, que falava coisas muito duras... E olhando agora, eu era muito menina na época pra viver isso.... e com certeza na época eu não entendia, mas pra mim a sensação que ficou do período, era uma sensação tipo “ai não precisava ter passado por isso” sabe? (AF2)

Características como comprometimento do treinador com a equipe parecem gerar maior confiança na relação, preenchendo o papel de base segura, ocupado por uma figura de apego significativo na vida do indivíduo (DAVIS; JOWETT, 2010). Além disso, relacionamentos percebidos como seguros, promoviam interações mais positivas e segurança mesmo em momentos de conflito. Dessa forma, os discursos mostraram a formação de relacionamentos próximos e significativos com as figuras de treinadores, principalmente com os que promoviam comunicação efetiva, sinceridade e era assim, alvo para proximidade dentro do contexto esportivo (quando os indivíduos buscam a figura de apego quando em momentos de necessidade, para conforto e proteção), como pode ser observado nos relatos:

Então... só não pergunte quem foi o melhor. (risos) isso aí eu não preciso nem falar [...]. Acho que a relação acaba se tornando um, além de profissional ela acaba se tornando familiar, porque você cria um vínculo, uma sintonia muito forte, então quando você deposita em pessoas que trabalham com você toda a confiança, não fica só no profissional, né?! Eu acho que o lado emocional acaba tomando parte... (choro), acho que a vivência vai, vai fortalecendo mais. (AM2)

Ele me dizia coisas que eu não tinha, eu não havia pensado. Então era como se ele me desse, tivesse colocado uma luz em várias coisas que eu já fazia, que eu tinha uma consciência dentro de mim, mas eu não sabia como ligar aquilo, e ele me dava o interruptor daquelas coisas todas sabe. (AF5)

E a gente tinha muitos atritos nesses aspectos, eu também era muito danada assim, de temperamento forte, na época do vôlei de quadra, e ele chegava junto, e eu discutia, batia boca, eu sempre saia perdendo, né porque aí ele me substituía e me tirava, mas até, tudo isso me fazia ter mais segurança e confiança para jogar. Essa relação era muito forte, de confiança, de tudo; de admiração, acho que era um pacote de tudo, era tudo. É óbvio, que a confiança tá no meio disso tudo, ou vem na frente, ou vem do lado, vem atrás, mas ela tava ali presente o tempo todo, eu achava que em algum momento

eu só conseguia jogar bem se o Marco Aurélio fosse meu treinador. Você sente segurança, sente confiança (AF1)

Por fim, foi apontada em vários discursos, a paixão do treinador, muitas vezes identificada como obsessiva, de acordo com o Modelo Dualístico da Paixão (Vallerand, et al., 2003), pela sua prática profissional. Essa característica foi vista pelos atletas como importante ao sucesso do treinador e conseqüentemente, como benéfico ao seu rendimento e desenvolvimento, como relatam os atletas:

[...] E ele faz isso porque ele se dedica demais, entendeu? É um cara que aprendeu a, alias eu acho que ele é um viciado, acho não, ele virou um viciado, um vôlei maníaco com certeza. (AF3).

O que eu aprendi com a Letícia é que, eu acho ela muito intensa, com muita paixão. Isso realmente é fantástico. Eu acho que quando você faz o trabalho com paixão, você se dedica, e a dedicação da Letícia sempre foi 100%, 110% pra gente sabe? Depois eu vendo ela com as outras duplas também, a vida dela é muito apaixonada, intensa, vive aquilo 24 horas. Acho que ela acorda pensando no treino seguinte, na programação, nos campeonatos, em como fazer o melhor possível para os atletas... e realmente isso é maravilhoso, sabe? (AF4)

Você conversa com o olho daquele cara que vive de voleibol, aquele técnico que vive, que se entrega no movimento, na paixão do voleibol, você vê que esse cara ele é 100% empenhado no que ele ta fazendo, ele quer a evolução de qualquer técnica, é aquele que quando o time dele perde, ele perde, ele fica morrendo por dentro. É essa paixão que eu vi nos outros. (AM3)

Robustez mental

No Quadro 3, observa-se os principais temas que emergiram em comum das falas dos atletas entrevistados dentro do eixo temático de robustez mental, que foram divididos entre fatores pessoais e situacionais.

Quadro 3 - Temas que emergiram dos atletas medalhistas de vôlei de praia investigados no eixo central sobre a robustez mental.

ROBUSTEZ MENTAL	
Fatores pessoais	Fatores situacionais
Características da personalidade para responder às situações	Treinamento situacional
Determinação	Importância do trabalho em equipe - apoio dos(as) parceiros (as)
Motivação pessoal	Contribuição dos treinadores para a força mental
Paixão pela modalidade	Suporte Psicológico
	Decepções e derrotas como importantes no processo de construção da robustez
	Pressão e cobrança
	Percepção da força mental como resultados das situações vividas

A robustez mental foi percebida pelos atletas como sendo um conjunto entre aspectos pessoais da personalidade e como processo formado por situações vivenciadas, dentro e fora do esporte. Como fatores pessoais, além de características de personalidade, os atletas percebem os fatores motivacionais, de determinação ao cumprimento da tarefa e a paixão pela modalidade como determinantes para superação das adversidades encontradas no esporte.

Acho que o temperamento ajuda, eu sempre tive um temperamento, ainda mais naquela idade, naquela fase novinha de adolescente, eu era um cão, contestadora e chatíssima, e tudo tinha que me explicar o porquê...talvez não vai adquirindo talvez você tenha tudo isso dentro de você, as situações, as circunstâncias... e acaba que você busca de algum lugar que tá aqui, tava la dentro, tava por aqui, tá por dentro e você reage de uma determinada maneira... inclusive personalidade, temperamento. (AF1)

Eu acho que também eu tenho uma característica minha, que é minha forma de pensar, e isso vem um pouco da criação, um pouco da minha época. (AF6)

As pessoas não podem te empurrar sabe. O primeiro passo para acreditar no teu objetivo, você que tem que dar, as pessoas não podem te empurrar, eles podem pegar

na tua mão, te levar, mas se você não for e não der o primeiro passo, não adianta. Então esse fortalecimento, cada um teve suas parcerias, mas isso vem da sua história. Eu falo assim, se isso não vem de dentro de você procure outra coisa, você está no caminho errado. (AM3)

Poxa eu to muito realizada porque eu to fazendo o que eu amo, ainda ganho pra isso, ainda sou vitoriosa pra isso, ainda sou reconhecida por isso, então, esse meu outro lado mental, tinha que ser muito mais forte do que as reclamações de 'meu Deus porque eu to fazendo isso?'. (AF3).

Dentro dos fatores situacionais, os atletas identificaram aspectos vivenciados dentro e fora do ambiente esportivo como importantes para a conquista de suas habilidades para lidar com as adversidades do contexto esportivo. Assim, dificuldades enfrentadas durante sua carreira esportiva, como falta de dinheiro, decisões difíceis tomadas no decorrer da vida, viagens constantes, adaptações à culturas e fusos-horários diferentes em curto espaço de tempo, lesões e abdições necessárias e inerentes à vida atlética, como saudade da família e perda de familiares próximos no decorrer das longas viagens.

Com a minha vivência do esporte, você tem tantas tristezas das derrotas, também tantas alegria nas vitórias, vamos pra frente, a gente tá sempre pensando no próximo. Então assim, não dá pra ficar chorando derrota, já perdeu, vamos ver o que a gente fez aqui e vamos pra frente [...] tem que encarar, tem que aprender a lidar com as coisas, você vai criando uma casca porque encara muita coisa. Pra você encarar uma arena com 15 mil pessoas te assistindo, onde se você falhar você é vaiado, se você estiver inseguro todo mundo percebe... aí você aprendendo a lidar. (AF6)

A melhor forma, o que te ensina mais sobre você mesmo, ser forte mentalmente é a vida. Tudo é muito da sua história que você passou. (AM3)

Um dia que você está mais cansado, numa quinta, sexta-feira, a semana tá puxada, você tá cansado, quer que chegue o final de semana logo, pra descansar, esfriar a cabeça. Se você parar pra pensar, é igual ao domingo de circuito. Você está mais cansado, você tá chegando numa final, você quer ganhar, o seu corpo não tá respondendo, mas você tem que ter um foco [risada]. É exatamente isso. Então, se você conseguiu treinar a sua mente, para esse momento, você vai estar preparado para qualquer momento. É fácil? Nenhum pouco. Se fosse, todo mundo fazia. Consigo sempre? não, sou um ser humano, normal.(AM1)

Além disso, foram verificadas aproximações quanto aos blocos de discursos sobre a contribuição de figuras presentes ao longo da carreira, neste processo. Os atletas investigados reconhecem métodos utilizados pelos treinadores como importantes para seu processo de construção da robustez mental, ainda que gerasse

muito desconforto no momento ocorrido. Reconhecem também o papel da equipe, como os parceiros dentro deste processo de crescimento e construção.

[...] ele era mais pelo mental dos atletas assim, ele testava os atletas a todo momento nos treinos, sempre [...] rapaz e eu chegava em casa louco da vida, mas aquilo, de certa forma, ele usava para fortalecer, pra você começar a saber absorver. Era o que ele tinha como arma para tentar fortalecer o nosso psicológico. Ele trabalhava também muito bem a parte tática, a parte técnica nos treinamentos e tudo, mas na parte mental era terrível, eu me via louco, eu me via louco, até eu me habituar, me acostumar com ele, com o jeito dele de tentar fazer com que você melhore, tentando acelerar o processo de desconforto. (AM2)

Porque não dá para fazer um treino como o jogo, não dá, e adrenalina no jogo é outra, tá todo mundo te observando ali, então ele acaba te estressando no treino, também pra você começar a lidar com aquilo ali no jogo. (AF5)

Você tem que contar com uma parceira, eu acho que uma parceira que te apoia numa hora dessa é fundamental... vivi situações em que eu tinha que me virar sozinha literalmente porque não tinham parceiras pra me ajudar. Não passa por amizade... depois dessa relação de trabalho pode até se tornar amiga, mas é uma questão de entender que vai fazer um time forte com objetivos em comum. Você precisa de uma força, de uma luz. (AF1)

Medalha Olímpica

A carreira dos atletas entrevistados levou-os ao lugar mais especial que o esporte pode proporcionar: o pódio olímpico. Dessa forma, observa-se no Quadro 4, os principais subtemas que emergiram em comum da análise dos discursos, sobre o eixo temático medalha olímpica.

Quadro 4 - Temas que emergiram dos atletas medalhistas de vôlei de praia investigados no eixo central sobre a medalha olímpica.

MEDALHA OLÍMPICA
Sensação de conquista de um sonho de criança, felicidade, realização e gratidão
Todas as adversidades enfrentadas, renúncias no decorrer da vida, valeram a pena.
Motivo de inspiração e reconhecimento. Referência social para as futuras gerações
Construção da história da modalidade
Abertura de novos caminhos: importância para o esporte, não para o indivíduo
Impacto comercial no marketing esportivo
Mistura de sentimentos positivos e negativos
Figuras significativas para a conquista

Verificou-se que a conquista olímpica tem significados pessoais e sociais, associados à sentimentos e emoções proporcionadas pelo momento, que culminaram num segundo momento em uma sensação de responsabilidade para com as próximas gerações. Percepções de sentimentos de dever cumprido, com sensação de que todos as adversidades, esforços e renúncias feitas durante a carreira esportiva valeram a pena de ser vividos, foram relatados. Junto a isso, essa sensação é permeada pela conquista de um sonho de criança e realização pessoal, que traz muita gratidão por todo processo vivido.

Acho que o reconhecimento de dedicação, de superação, até pessoal também, não só profissional, mas pessoal. (AM2)

E aí tem um momento muito marcante, que é um momento no qual a gente tava toda arrumada para receber a medalha, e chegam as crianças com as medalhas. Na hora que eu olhei aquela medalha eu falei assim “cara que coisa mais linda do mundo”, independente de qual seja o metal, aquilo ali, e aí eu, a Larissa tava, sei lá o que a Larissa tava fazendo ela olhou pra mim e fez “o que foi Juliana?”, aí eu tava com os olhos cheios de lágrima eu falei “cara, tu tem noção o que é isso?”, aí ela falou assim “cara a gente conseguiu vencer isso aqui”. (AF3)

Ah ela significa muito pra mim, significa... é o que eu falei, a minha vida foi pautada atrás desse sonho. Desde os 10 aninhos, eu correndo atrás de uma Olimpíada, e então eu consegui chegar lá e ainda conquistar uma medalha, pra mim é a realização de tudo que eu trabalhei desde os meus 10 anos de idade né?! Então é uma sensação de realização mesmo, de olhar pra trás e pensar assim, nossa, passei por isso, passei por aquilo, caramba, mas valeu a pena entendeu (risos). (AF2)

E assim, acho que rapidamente passou tudo né, é inacreditável... não acreditando que eu tava de novo né, no melhor da festa, naquele lugarzinho, naquele espaço ali, não acreditava. (AF1)

Mas além dos sentimentos pessoais da conquista, relatos sobre a importância da medalha olímpica para o esporte foram muito presentes nos discursos, demonstrando percepção sobre sua importância para divulgação e democratização da modalidade, impacto comercial gerado e referência social para as futuras gerações. Isso porque os atletas reconhecem em todas as suas falas a importância dos ídolos para iniciação esportiva, sabendo que assim, tornam-se parte da história da modalidade, que possibilita abertura de portas e caminhos dentro do contexto político social esportivo.

Aí você vai pra casa, festa, festa, festa e de repente, se você pára, aquilo acaba e aquele brilho desaparece. Ele vai se trancar numa caixinha, não adianta você ficar polindo aquilo, não adianta. Ou você trabalha com aquela história ali e faz com que ela realmente tenha uma vida longa, e ela tem que ter vida longa! Vida longa é trabalhar com aquilo, fazer com aquilo, ser tudo aquilo, virar livro, virar um caminho, virar uma quadra, virar um não sei o que. Ir para uma escola, ir pra não sei aonde. Aí poxa, isso sim é uma medalha de ouro, entendeu, aí realmente você vai e faz "pow que legal", porque ela vai ter continuidade. Tem que girar a roda, e ela gira e ela passa pra frente, ela dá oportunidade pra outras pessoas, ela chega em lugares que, por exemplo, eu tenho uma quadra de voleibol de areia que eu coloquei em uma escola pública, sabe. (AF5)

As pessoas que me conheciam antes, sabem que não impactou em nada, porque eu não mudei, eu continuo a mesma pessoa, então, não impactou. Agora impactou comercialmente, em relação a marketing, em relação a abrir novas portas, mídia né, patrocinadores, tudo isso com certeza impactou. (AF2)

Elas tiveram muito impacto na minha vida, nossa senhora! Eu acho que as medalhas não, não só em minha vida, mas ela transformou o esporte também, acho que o esporte ganhou uma proporção muito maior [...] se tornou mais conhecido, mais praticado, e isso acaba mexendo né. Eu lembro que a gente recebe muitos emails de técnicos agradecendo pela medalha... teve um mesmo que, ficou muito marcado, ele falava assim "Ricardo", uma semana depois, não foi muito tempo depois, agradecendo porque antes ele tinha quase 80 atletas e 10 dias depois, 8 dias depois ele já tinha 200, "Ricardo bati 200 atletas". Então acho que ele muda o esporte, não muda só a vida do

atleta. Então acho que isso é bacana, você vê, você acaba abrindo um leque, ela não fica só na vida pessoal do atleta, então isso é interessante, pro atleta é muito gratificante. (AM2)

A gente entende o que aconteceu, o quanto é importante, não é só o título, o que representa aquilo ali, o que nós somos exemplos, espelhos. Eu to aqui fazendo essa matéria com você exatamente por isso. (AF6)

Além de emoções e sentimentos positivos, alguns aspectos negativos foram citados, como frustrações, que apareceram como fazendo parte da caminhada olímpica. Tanto pelo sentimento de que o resultado não foi o esperado e a meta proposta não foi alcançada, quanto pela sensação de falta de acolhimento por parte dos brasileiros e imprensa que receberam esses atletas no pós campeonato. Ainda, o cansaço físico, presente na rotina atlética, apareceu de forma extenuante no momento pós medalha.

A medalha Olímpica, é uma especial né, a primeira, a gente era muito superior, em 99 a gente tava... e a gente chega na Olimpíada como as, eu lembro a gente saiu daqui era capa de jornal, "a única medalha certa pro Brasil é Shelda e Adriana", quer dizer, e chega lá, a gente fica em 2º... foi um trauma pra mim. Quando eu voltei, a gente foi recebida muito mal pela imprensa, pelas pessoas aí, a gente chegou, da mesma forma que a gente saiu como "não tinha medalha mais certa do que a nossa", a gente chegou com uma decepção do país, era estampado assim "maior decepção do país". Eu lembro que eu chegando no aeroporto, saindo da sala de desembarque e a repórter me pede assim "como é que você se sente sendo a decepção do país?", "oi?". (AF4)

Eu não sei como a gente perdeu a semifinal, eu não sei como a gente ganhou 3º e 4º. Nunca vi, não tenho condições de ver, tenho problemas pra ver isso, enfim, não consigo. Eu nunca vi, eu joguei e nunca vi. Só as pessoas me relatam coisas, eu digo a beleza e tal, mas eu não vejo e não vou ver. Sei lá, um dia quando eu tiver filho, ele pedir pra fazer isso eu vejo. (AF3)

Foi bem bacana, sabe, mas aí depois, que você chega em casa, que você fica com a família que você vai aliviar, e nessa época eu tinha ficado 4 meses fora, então tinha passado muito tempo fora. Aí você volta, você quer voltar pra casa, você não quer ficar na rua, eu queria voltar pra casa sabe... me esconder, ver meus filhos, ver minha atual esposa que na época a gente tava namorando. (AM2)

Por fim, as figuras foram retomadas como parte importante da caminhada até a conquista. Treinadores significativos foram apontados em específico, principalmente os que experienciaram relações mais duradouras. Mas todos retomaram a importância de todos os treinadores importantes durante a sua carreira esportiva, desde a base

(iniciação no desporto escolar e em clubes de iniciação), que foram os responsáveis por apresentá-los ao esporte, quanto os treinadores que incentivaram e descobriram seu talento, chegando em alguns casos, aos treinadores presentes no momento da conquista olímpica. Parcerias importantes e significativas também foram apontadas como fontes de amadurecimento e para divisão do mérito da conquista.

[...] e um treinador americano meu, fantástico, Petz Artman, se ele não tivesse existido talvez eu não tivesse nem ido pra Olimpíada, não tinha menor vontade de jogar aquela Olimpíada. (AF5)

Assim, tem dois técnicos que me fizeram chegar nesse momento que eu to aqui hoje, na sua frente, conversando com essa cabeça. E eu não chegaria bem preparado em 2016, se eu não tivesse vivenciado e aprendido tudo o que eu aprendi com a Letícia em 2012. Tanto é que eu consegui uma medalha de prata com ela. E eu não estaria podendo passar isso tudo para o Bruno, na época, e pra essa comissão técnica, em 2016, se eu não tivesse vivenciado aquilo com a Letícia. Então os dois foram fundamentais na minha carreira. E os parceiros que eu tive também, o Emanuel e o Bruno. (AM1)

Mas eu acho que a medalha Olímpica, para mim, tem muito mais a ver com tudo que se viveu até chegar aquele momento. Porque pra viver aqueles 4 anos, eu tive que colocar muita coisa na minha bagagem, muita ferramenta pra viver aqueles 4 anos. Então, eu creditaria a todos os treinadores que eu tive a oportunidade de trabalhar. (AF2)

Com base nas narrativas dos atletas brasileiros medalhistas olímpicos de vôlei de praia, percebemos que a trajetória esportiva, em sua maioria, iniciou por meio de atividades de lazer e esporte escolar, tendo sido citados os primeiros treinadores como uma de suas figuras significativas para manutenção da carreira esportiva. O processo de construção e desenvolvimento da robustez mental dos atletas é percebido por eles como um aspecto inerente à sua trajetória, com contribuição de aspectos pessoais e adversidades encontradas dentro e fora do contexto esportivo. Por fim, a medalha olímpica é a realização de um sonho, mas que traz também responsabilidades como a abertura de caminhos que podem proporcionar à democratização do esporte e especificamente, da modalidade.

Discussão

De acordo com as buscas na literatura, esse foi o primeiro estudo a investigar a importância da figura do treinador no decorrer da trajetória esportiva e no processo de construção da robustez mental de atletas medalhistas olímpicos de vôlei de praia, desde a inserção das Olimpíadas, em 1996, até 2016. Verificou-se que treinadores que demonstram confiança no atleta e na equipe, características de base segura e alvo de proximidade, princípios de uma relação de apego, trazem benefícios para a relação e para o desempenho atlético. Além disso, atletas que tiveram relações duradouras (4 a 12 anos) a apontaram maior importância do treinador em suas vidas, indicando que talvez, o apego precisa de um tempo para desenvolvimento dos laços emocionais entre as figuras, além de promover mudanças e contribuições mais efetivas no comportamento dos sujeitos (Quadro 2).

Ter alguém a quem recorrer nos momentos de dificuldade, pode trazer inúmeros benefícios ao sujeito (MIKULINCER; SHAVER, 2007), uma vez que o ambiente esportivo a todo momento, expõe o atleta à adversidades e a situações que o tiram de sua zona de conforto. Dessa maneira, de acordo com a Teoria do Apego, sentir-se seguro faz com que a pessoa possa prestar atenção em outras coisas mais importantes do que gastar energia com sua autoproteção, podendo se arriscar em algumas situações e/ou atividades, uma vez que se sente confiante, já que a ajuda se mostra disponível (MIKULINCER; SHAVER, 2007). Essa confiança na relação, proporciona ao sujeito confiança para ousar em suas decisões e ações esportivas, além de segurança durante possíveis conflitos que surgem no dia a dia da relação, podendo utilizar-se de franca comunicação, já que percebem segurança na relação, conforme apontado pelos atletas no decorrer dos discursos.

Assim, essa relação do apego acontece via de realização de proximidade, um estado de relaxamento, no qual o indivíduo pode começar a obter benefícios dessa proximidade, podendo prosseguir em busca de suas metas (HOLMES, 2014). Para que o laço emocional seja firmado entre as figuras e produza mudanças mais duradouras no sistema de apego (BOWLBY, 1982), infere-se que um tempo mais longo de relacionamento seja necessário (Quadro 2). Isso porque, efeitos a longo prazo são promovidos pelas representações sobre as interações significativas com a figura, que ficam armazenadas na sua rede neural associativa. Esses modelos internos de

representação permitem ao indivíduo predizer as futuras interações com as figuras na busca por proximidade (MIKULINCER; SHAVER, 2007).

Verificou-se que as figuras significativas tinham em comum um estilo de interação de suporte social (Quadro 2), comportamento do treinador que se caracteriza pelo interesse acerca dos atletas e do seu bem-estar, e busca por um bom ambiente de grupo, favorecendo as relações interpessoais entre os atletas (CHELLADURAI; SALEH, 1978). Tais características recebem suporte na Teoria do Apego, que demonstra a preocupação pela manutenção de um relacionamento entre as partes (HOLMES, 2014). Além disso, a liderança dos treinadores foi percebida como compartilhada, indicando que os treinadores adotam um estilo de liderança democrático, o que gerava satisfação e confiança nos atletas e recebe suporte na literatura (WEINBERG; GOULD, 2015).

Todos os atletas investigados citaram seus primeiros treinadores como figuras importantes para desenvolvimento de sua paixão e manutenção no esporte (Quadro 1 e 2). Os treinadores têm papel central no desenvolvimento psicossocial dos atletas, especialmente na adolescência, onde são vistos como “experts” e tipicamente influenciam os sujeitos (GUCCIARDI, et al., 2009). De forma indireta, isso suporta a transposição da Teoria do Apego para o esporte, que indica que o treinador pode se tornar uma figura de apego importante ao contexto relacional específico do esporte (SHAVER, MIKULINCER, 2008; JOWETT, FROST, 2007), visto que o treinador é sugerido como uma figura de dependência dos atletas para suporte em tempos de necessidade, desenvolvendo um laço afetivo, cognitivo e comportamental com as figuras (DAVIS, JOWETT, 2010).

Esse relacionamento mais duradouro, pareceu ser fator gerador de maior conhecimento intrapessoal entre os envolvidos, característica percebida na maior parte da fala dos atletas investigados (Quadro 2), que percebem a importância de tal conhecimento para o sucesso nas relações na forma de liderá-los rumo à suas metas. Isso reforça os achados sobre os padrões individuais de apego, proposto por Ainsworth (1967) para descrever os padrões de comportamentos dos sujeitos. Conhecer os estilos de apego dos atletas permite ao treinador predizer como o atleta irá reagir em

meio à situações de agonia e necessidade, uma vez que permanecem estáveis ao longo da vida (BOWLBY, 1982).

A busca pelo líder tende a acontecer em momentos de crise pessoal ou coletiva; trauma ou incerteza. Assim, o estilo de apego na relação de liderança é apontado como importante característica a ser entendida, visto que líderes com perfil seguro inspiram senso de coragem, esperança e dedicação nos seguidores, enquanto que uma abordagem insegura de liderança, inspira ansiedade, raiva, desorganização, desonestidade e aflição (MIKULINCER, SHAVER, 2007). Deste modo, aspectos pessoais mais profundos das figuras permeiam o relacionamento treinador-atleta, sendo estes responsáveis por características apontadas pelos atletas como importantes, como a comunicação aberta e efetiva. Líderes percebidos como seguros, geram maior confiança e abertura para conselhos e orientações direcionadas ao desempenho e organização pessoal (DAVIDOVITZ et al., 2007).

Estas relações significativas com o treinador foram apontadas pelos atletas como fonte de aprendizado pessoal e profissional ao longo da trajetória esportiva dos atletas medalhistas olímpicos investigados (Quadro 3 e 4). Indicaram aprendizados de habilidades para vida, como responsabilidade, comportamento social, trabalho em equipe e autonomia. Isso acontece porque em uma relação de segurança, as ações e comportamentos dos líderes, aumentam as chances de sucesso do grupo e aprimoram o senso de competência e valor dos membros do grupo (MIKULINCER, SHAVER, 2007).

Nesse sentido, os indivíduos seguros normalmente vêem os outros como bem intencionados, o que reforça a confiança nas figuras e em sua capacidade em lidar com os problemas. Assim, são mais propensos a confiar nas figuras e apresentaram mais habilidade para lidar com os desafios porque tendem a ser mais estáveis, com sentimentos bem integrados de autoaceitação, autoestima e autoeficácia (BOWLBY, 1972; MIKULINCER, SHAVER, 2007). Características importantes da robustez mental (GUCCIARDI, et al., 2009), percebidas pelos atletas como sendo a soma de características pessoais e ambientais vividas. As adversidades enfrentadas no decorrer da trajetória esportiva e suas características pessoais de personalidade foram

consideradas tão importantes quanto as situações criadas pelo treinador nas rotinas de treinamento e suporte oferecido em momentos de necessidade (Quadro 3 e 4).

Ainda que o presente estudo tenha suas potencialidades e seja o primeiro estudo a reunir medalhistas olímpicos de diferentes gerações para análise do relacionamento treinador-atleta no decorrer da trajetória esportiva, algumas limitações devem ser apontadas. Estudos qualitativos nos proporcionam maior aprofundamento da temática estudada, visto que embora partam de falas únicas, com um número reduzido de sujeitos, a ideia é apresentar as impressões de como atletas olímpicos constroem relacionamentos significativos de apego ao longo de sua carreira esportiva, avaliando a importância desta para aspectos de desenvolvimento pessoal, como a robustez mental e profissional destacada neste estudo, no caminho da medalha olímpica.

Conclusão

Os atletas medalhistas olímpicos entrevistados percebem seus treinadores como figuras singularmente importantes para seu desenvolvimento pessoal e profissional no decorrer de sua trajetória atlética, indicando que esta manutenção de relacionamento próximo forma laços de apego, que serviram aos propósitos de alvo de proximidade e base segura. Os relacionamentos mais duradouros foram percebidos como mais seguros, trazendo mais conforto porque ofereciam suporte social e estilos de liderança mais democráticos. Por fim, o treinador é visto como uma das bases para o desenvolvimento da robustez mental, mas sem desconsiderar os fatores pessoais individuais dos atletas e as adversidades vivenciadas no decorrer da vida, também tidas como importantes para o desenvolvimento de tal constructo.

Referências

As referências encontram-se dispostas ao final desta tese.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos achados desta tese, algumas considerações foram elaboradas acerca do relacionamento de apego treinador-atleta, os estilos de liderança do treinador e a robustez mental de atletas de voleibol de praia do contexto mundial. Ao ser pontuadas, tais considerações podem contribuir para discussões e atuações científico-práticas de atores envolvidos nos contextos esportivos, que buscam avançar no campo dos relacionamentos sociais.

Os objetivos da tese foram alcançados ao verificar-se as associações entre a relação de apego treinador-atleta e o desempenho esportivo por meio de uma revisão sistemática da literatura, identificando-se nos 12 estudos incluídos pelos critérios de elegibilidade, que o apego seguro associa-se positivamente à aspectos pessoais, sociais e emocionais positivos, enquanto que os apegos ansioso e evitativo, aos negativos. Ao realizar a adaptação transcultural e identificar as propriedades psicométricas do *Coach-Athlete Attachment Scale* (CAAS) para o contexto esportivo brasileiro, o presente estudo trouxe à literatura uma ferramenta útil para investigação sobre os relacionamentos sociais de apego ocorridos entre treinador e atleta, sendo possível sua utilização para ambos os grupos. A escala manteve sua estrutura original, com 19 itens e 3 dimensões, apresentando resultados de validade e confiabilidade adequados. Ao avaliar a relação entre o relacionamento de apego treinador-atleta, o estilo de liderança do treinador e a robustez mental dos atletas, no contexto mundial do vôlei de praia, identificou-se achados que podem ser úteis aos profissionais envolvidos no contexto esportivo, acerca da importância dos relacionamentos e interações estabelecidas dentro do contexto esportivo para o desenvolvimento da robustez mental, interveniente no desempenho atlético, aceitando as hipóteses H3 e H4. Por fim, compreender a percepção de apego na perspectiva de atletas brasileiros medalhistas olímpicos foi grandioso, visto que trata-se de um nicho muito específico da população, aos quais, relevaram por meio da sua experiência atlética, histórias de vida que podem ser valiosas à futuros atletas e treinadores que buscam melhorar seu relacionamento e convívio social dentro do ambiente esportivo.

Conclui-se que este estudo confirmou a tese inicial de que as relações de apego são estabelecidas entre treinador e atleta no contexto esportivo adulto e que, estas, quando seguras, associam-se à fatores pessoais, sociais e emocionais positivos, indicando incrementos à aspectos psicológicos intervenientes no desempenho esportivo, como a robustez mental. Além disso, no decorrer da carreira atlética, relações de apego segura parecem trazer mais conforto para enfrentamento dos conflitos e adversidades do contexto, bem como parecem proporcionar relações mais duradouras com as figuras. Por outro lado, relações de apego inseguro (ansioso e evitativo), indicaram associar-se a aspectos autocráticos de liderança e à aspectos pessoais, sociais e emocionais negativos, confirmando assim as hipóteses conceituais desta tese.

REFERÊNCIAS

AINSWORTH, M. D. S. **Infancy in Uganda: Infant care and the growth of love.** Baltimore: The Johns Hopkins, 1967.

AINSWORTH, M. D. S., et al. **Patterns of attachment: Assessed in the strange situation and at home.** Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1978.

AINSWORTH, M.D.S; EICHBERG, C. Effects on infant-mother attachment of mother's unresolved loss of an attachment figure, or other traumatic experience. *Attachment across the life cycle*, v. 3, p. 160-183, 1991.

AMERICAN EDUCATIONAL RESEARCH ASSOCIATION, et al. **Standards for Educational and Psychological Testing.** American Educational Research Association, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo;** tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEATTIE, Stuart et al. The mediating role of training behaviors on self-reported mental toughness and mentally tough behavior in swimming. **Sport, Exercise, and Performance Psychology**, v. 8, n. 2, p. 179, 2019.

BEKAROGLU, E.; BOZO, B. The relationship between attachment styles, emotion regulation strategies, and health-promoting behaviors: extreme sports participants versus non-participants. **Journal of Clinical Sport Psychology**. v. 11, p. 89-106, 2017.

BENNETT, C., KHANGURA, S., BREHAUT, J. C., et al. Reporting guidelines for survey research: an analysis of published guidance and reporting practices. **PLoS Med**, v. 8, n. 8, 2011.

BOWLBY, J. **A secure base: Clinical applications of attachment theory.** London: Routledge, 1988.

BOWLBY, J. Attachment and loss v. 3 (Vol. 1). Methods and measures: The network of relationships inventory: Behavioral systems version. **International Journal of Behavioral Development**, v. 33, p. 470-478, 1969.

BOWLBY, J. **Attachment and Loss: Vol. 1. Attachment**, 2nd Ed. Nova Iorque: Basic Books, 1982.

BOWLBY, J.. On knowing what you are not supposed to know and feeling what you are not supposed to feel. *The Canadian Journal of Psychiatry*, v. 24, n. 5, p. 403-408, 1979.

BOWLBY, John. **Attachment and loss**: Volume II: Separation, anxiety and anger. In: *Attachment and Loss: Volume II: Separation, Anxiety and Anger*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis. p. 1-429, 1973.

BRENNAN, K. A.; CLARK, C. L.; SHAVER, P. R. Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. 1998.

BRENNAN, K. A.; CLARK, C. L.; SHAVER, P.R. Self report measurement of adult romantic attachment: An integrative overview. In: SIMPSON, J. A.; RHODES, W. S. (Eds.), **Attachment theory and close relationships** (p. 46-76). New York: Guilford Press, 1998.

CASSIDY, J.; KOBAK, R. R. Avoidance and its relationship with other defensive processes. In J. Belsky & T. Nezworski (Eds.), **Clinical implications of attachment** (pp. 300–323). Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1988.

Chelladurai, P. **A contingency model of leadership in athletics**. Unpublished doctoral dissertation, University of Waterloo, Canada, 1978.

CHELLADURAI, P.; SALEH, S. D. Preferred leadership in sports. **Canadian Journal of Applied Sciences**, v. 3, p. 85-92, 1978.

CHELLADURAI, Packianathan; SALEH, S. D. Dimensions of leader behavior in sports: Development of a leadership scale. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 2, n. 1, p. 34-45, 1980.

CHELLADURAI, P.; RIEMER, H. A. A classification of facets athlete satisfaction. **Journal of sport management**, v. 11, p. 13-159, 1997.

COLLINS, N.L. Working models of attachment: Implications for explanation, emotion, and behaviour. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 71, p. 810-832, 1996.

CONNAUGHTON, D., WADEY, R., HANTON, S., et al. The development and maintenance of mental toughness: Perceptions of elite performers. **Journal of Sports Sciences**, v. 26, p. 83–95, 2008.

DAVIDOVITZ, Rivka et al. Leaders as attachment figures: Leaders' attachment orientations predict leadership-related mental representations and followers' performance and mental health. **Journal of Personality and social Psychology**, v. 93, n. 4, p. 632, 2007.

DAVIS, L.; JOWETT, S. **The application of attachment theory to the study of coachathlete relationships**. Unpublished doctoral thesis, 2012.

DAVIS, L.; JOWETT, S. Attachment styles within the coach-athlete dyad: preliminary investigation and assessment development. **Journal of Clinical Sport Psychology**. v. 7, p. 120-145, 2013.

DAVIS, L.; JOWETT, S. Coach-athlete attachment and the quality of the coach-athlete relationship: implications for athlete well-being. **Journal of Sport Sciences**. v. 32, n. 15, p. 1454-1464, 2014.

DAVIS, L.; JOWETT, S. Investigating the interpersonal dynamics between coaches and athletes based on fundamental principles of attachment. **Journal of Clinical Sport Psychology**. v. 4, p. 112-132, 2010.

DAVIS, L.; JOWETT, S.; LAFRENIÈRE, A. K. An attachment theory perspective in the examination of relational processes associated with coach-athlete dyads. **Journal of Sport & Exercise Psychology**. v. 35, p. 156-167, 2013.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. The “what” and “why” of goal pursuits: human needs and the self-determination of behaviour. **Psychological Inquiry**. v. 11, p. 227–268, 2000.

DeVellis RF. Scale development: theory and applications. Thousand Oaks: Sage; 2003.

DRAKE, David B. Using attachment theory in coaching leaders: The search for a coherent narrative. **International Coaching Psychology Review**, v. 4, n. 1, p. 49-58, 2009.

FEENEY, J. A., NOLLER, P., HANRAHAN, M. **Assessing adult attachment**, 1994.

FELTON, L.; JOWETT, S. A self-determination theory perspective of attachment, need satisfaction, and well-being in a sample of athletes: a longitudinal study. **Journal of Clinical Sport Psychology**. v. 11, p. 304-323, 2017.

FELTON, L.; JOWETT, S. Attachment and well-being: the mediating effects of psychological needs satisfaction within the coach-athlete and parent-athlete relational contexts. **Psychology of Sport and Exercise**. v. 14, p. 57-65, 2013a.

FELTON, L.; JOWETT, S. On understanding the role of need thwarting in the association between athlete attachment and well/ill-being. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**. v. 25, p. 289-298, 2015.

FELTON, L.; JOWETT, S. The mediating role of social environmental factors in the associations between attachment styles and basic needs satisfaction. **Journal of Sports Sciences**. v. 31, n. 6, p. 618-628, 2013b.

FLETCHER, David; SARKAR, Mustafa. Mental fortitude training: An evidence-based approach to developing psychological resilience for sustained success. **Journal of Sport Psychology in Action**, v. 7, n. 3, p. 135-157, 2016.

FRALEY, R. C. Attachment stability from infancy to adulthood: meta-analysis and dynamic modeling of developmental mechanisms. **Personality and Social Psychology Review**. v. 6, n. 2, p. 123-151, 2002.

FRALEY, R. C.; WALLER, N. G.; BRENNAN, K. A. An item response theory analysis of self-report measures of adult attachment. **Journal of personality and social psychology**, v. 78, n. 2, p.350, 2000.

GALLI, Nick; VEALEY, Robin S. “Bouncing back” from adversity: Athletes’ experiences of resilience. **The sport psychologist**, v. 22, n. 3, p. 316-335, 2008.

GOMES, R.; PAIVA, P. Liderança, compatibilidade treinador atleta e satisfação no handebol: percepção de atletas novatos e experientes. *Psico-USF*, v. 15, n. 2, p. 235-248, 2010.

GONÇALVES, Walter Vicione. Exemplo para as novas gerações. RUBIO, Katia. **Atletas olímpicos brasileiros**. SESI-SP Editora, 2015.

GRAHAM, J. M. Congeneric and (Essentially) Tau-Equivalent Estimates of Score Reliability: What They Are and How to Use Them. *Educational and Psychological Measurement*. v. 66, n. 6, p. 930-944, 2006.

GRIFFIN, D. W.; BARTHOLOMEW, K. The metaphysics of measurement: The case of adult attachment. 1994.

GRIFFIN, D.; BARTHOLOMEW, K. Models of the self and other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 67, p. 430-445, 1994.

GUCCIARD, D. F. Mental toughness: progress and prospects. **Current Opinion in Psychology**. v. 16, p. 17-23, 2017.

GUCCIARD, D. F., et al. Understanding the coach's role in the development of mental toughness: Perspectives of elite Australian football coaches. **Journal of Sports Sciences**. v. 2, n. 3, p. 1483-1496, 2009.

GUCCIARDI, D. F. et al. The concept of mental toughness: Tests of dimensionality, nomological network and traitness. **Journal of Personality**. v. 83, 26-44, 2015.

GUCCIARDI, D. F.; GORDON, S.; DIMMOCK, J. A. Advancing mental toughness research and theory using personal construct psychology. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 2, p. 54–72, 2009.

HAIR JF, BLACK B, BABIN B., et al. **Multivariate Data Analysis**, 6 ed. Upper Saddle River: Pearson Prentice Hall; 2006.

HARMON, H., et al. Attachment Theory in Coach-Athlete Relationships. **Professional Association of Athlete Development Specialists Research Digest**. v. 3, n. 9, p. 14-16, 2019.

HOLMES, Paul; FARNFIELD, Steve (Ed.). **The Routledge handbook of attachment: Implications and interventions**. Routledge, 2014.

JONES, Martin I.; PARKER, John K. An analysis of the size and direction of the association between mental toughness and Olympic distance personal best triathlon times. **Journal of sport and health science**, v. 8, n. 1, p. 71-76, 2019.

JOWETT, S. Coaching effectiveness: the coach–athlete relationship at its heart. **Current Opinion in Psychology**, v.16, p. 154-158, 2017.

JOWETT, S. **On repairing and enhancing the coachathlete relationship**. In S. JOWETT & M. JONES (Eds.), *The psychology of coaching* (pp. 14–26). Leicester: The British Psychological Society, 2005.

JOWETT, S.; CHAUNDY, V. An investigation into the impact of coach leadership and coach-athlete relationship on group cohesion. **Group Dynamics: Theory, Research and, Practice**, v.8, n.4, p.302-11, 2004.

JOWETT, Sophia; COCKERILL, Ian M. Olympic medalists' perspective of the athlete–coach relationship. **Psychology of sport and exercise**, v. 4, n. 4, p. 313-331, 2003.

JOWETT, S.; NTOUMANIS, N. The coach–athlete relationship questionnaire (CARTQ): development and initial validation. **Scandinavian Journal of Medicine and Science Sports**, v.14, p.245–257, 2004.

JOWETT, S.; POCZWARDOWSKI, A. Understanding the coach-athlete relationship. In: JOWETT, S.; LAVALEE, D. **Social Psychology in Sport**. United States: Human Kinetics, 2007.

JOWETT, S.; SHANMUGAM, V. Relational Coaching in Sport: Its psychological underpinnings and practical effectiveness. In: SCHINKE, R.; MCGANNON, K. R.; SMITH, B. **International Handbook of Sport Psychology**. Routledge, 2016. Cap. 7.

JOWETT, Sophia; FROST, Tamara. Race/Ethnicity in the all-male coach-athlete relationship: Black footballers' narratives. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 5, n. 3, p. 255-269, 2007.

JOWETT, S.; YANG, X.; LORIMER, R. The role of personality, empathy, and satisfaction with instruction within the context of the coach-athlete relationship. **International Journal of Coaching Science**, v. 6, n. 2, p. 3-20, 2012.

KEGELAERS, Jolan; WYLLEMAN, Paul. Exploring the coach's role in fostering resilience in elite athletes. **Sport, Exercise, and Performance Psychology**, v. 8, n. 3, p. 239, 2019.

KANG, S.; JEON, H.; KWON, S. Parental attachment as a mediator between parental social support and self-esteem as perceived by Korean sports middle and high school athletes. **Perceptual and Motor Skills**. v. 120, p. 288-303, 2015.

KAO, P. J.; PAI, P.; LIN, T.; ZHONG, J. Y. How transformation leadership fuels employees' service innovation behavior. *Service Industries Journal*, v. 35, p. 448-466, 2015.

KELCEY, Ben. A robust alternative estimator for small to moderate sample SEM: Bias-corrected factor score path analysis. **Addictive behaviors**, v. 94, p. 83-98, 2019.

KLINE R. B. **Principles and Practice of Structural Equation Modeling**, Third Edition. New York: Guilford Publications; 2010.

KUNCE, L. J.; SHAVER, P. R. An attachment-theoretical approach to caregiving in romantic relationships. In: Sections of this chapter were presented at the 6th International Conference on Personal Relationships, Orono, ME, Jul, 1992. Jessica Kingsley Publishers, 1994.

LAFRENIÈRE M-AK, et al. Passion For Coaching And The Quality Of The Coach–Athlete Relationship: The Mediating Role Of Coaching Behaviours. **Psychol Sport Exercise**, v. 12, p.144–152, 2011.

LI, Bo; DITTMORE, Stephen W.; PARK, Jae-Ahm. Exploring different perceptions of coach-athlete relationship: the case of chinese olympians. **International Journal of Coaching Science**, v. 9, n. 2, 2015.

LIN, Ying et al. Mental toughness and individual differences in learning, educational and work performance, psychological well-being, and personality: A systematic review. **Frontiers in psychology**, v. 8, p. 1345, 2017.

LOPES, Mariana; SAMULSKI, Dietmar; NOCE, Franco. Análise do perfil ideal do treinador de voleibol das seleções brasileiras juvenis. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 4, p. 51-56, 2008.

LORENZ, A. Hierarchy, Community, and Attachment: Integrating At-Risk Youth into Martial Arts and Combat Sports Academies. **International Journal of Evidence Based Coaching and Mentoring**. v. 16, n. 2, p. 42-54, 2018.

LORIMER, Ross. Coaches' satisfaction with their athletic partnerships. **International Journal of Coaching Science**, v. 3, n. 2, 2009.

LORIMER, R. Coaches' satisfaction with their athletic partnerships. *International Journal of Coaching Science*, v. 3, p. 55-64, 2009.

MAIN, M., KAPLAN, N., CASSIDY, J. Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. **Monographs of the Society for Research in Child Development**, v. 50, p. 66–104, 1985.

MIKULINCER, M.; SHAVER P. R. **Attachment in Adulthood**: structure, dynamics, and change. Nova lorque: The Guilford Press, 2007.

MIKULINCER, M.; SHAVER P. R. **Attachment in Adulthood**: structure, dynamics, and change. 2nd Edition. New York: The Guilford Press, 2016.

MILROY, J. J.; HEBARD, S.; KROSHUS, E. Sport-related concussion reporting and coach-athlete attachment among collegiate student-athletes. **Journal of Clinical Sport Psychology**. v. 12, p. 268-281, 2018.

MOEN, F.; HOIGAARD, R.; PETERS, D. M. Athletes' performance progress in relation to perceived coach-leadership behaviour. **International Journal of Coaching Science**, v.8, n.1, p. 67-79, 2014.

NICHOLLS, Adam R.; MORLEY, Dave; PERRY, John L. Mentally tough athletes are more aware of unsupportive coaching behaviours: Perceptions of coach behaviour, motivational climate, and mental toughness in sport. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 11, n. 2, p. 172-181, 2016.

PADILLA, M. A.; DIVERS, J. A Comparison of Composite Reliability Estimators: Coefficient Omega Confidence Intervals in the Current Literature. **Educational and Psychological Measurement**. v. 76, n. 3, p. 436-453, 2016.

PÁDUA, EMM de. **Metodologia científica**: abordagem teórico-prática. ver. atual. 2004.

PASQUALI, L. **Instrumentação psicológica**: fundamentos e práticas. Porto Alegre, Artmed, 2010.

PASQUALI, L. Validade dos Testes Psicológicos: Será Possível Reencontrar o Caminho? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. especial, p.99-107, 2007.

RHIND, Daniel JA; JOWETT, Sophia. Relationship maintenance strategies in the coach-athlete relationship: The development of the COMPASS model. **Journal of applied sport psychology**, v. 22, n. 1, p. 106-121, 2010.

RIEMER, H. A., CHELLADURAI, P. Development of the Athlete Satisfaction Questionnaire (ASQ). **Journal of Sport Exercise Psychology**, v. 20, p. 127-56, 1998.

RIGONI, P. A. G.; BELEM, I. C.; VIEIRA, L. F. Systematic review on the impact of sport on the positive youth development of high performance athletes. **Journal of Pysical Education**. v. 28, p. 1-13, 2017.

SAGAR, Sam S.; JOWETT, Sophia. Fear of failure and self-control in the context of coach-athlete relationship quality. **International Journal of Coaching Science**, v. 9, n. 2, 2015.

SANDELOWSKI M.; BARROSO J.; VOILS C.I. Using qualitative metasummary to synthesize qualitative and quantitative descriptive findings. **Research in Nursing & Health**. v. 30, n. 1, p. 99–111, 2007.

SARKAR, Mustafa; FLETCHER, David. 16 Developing resilience through coaching. **The psychology of sports coaching: Research and practice**, p. 235, 2016.

SHANMUGAM, V.; JOWETT, S.; MEYER, C. Interpersonal difficulties as a risk factor for athletes' eating psychopathology. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**. v. 24, p. 469-476, 2014.

SHAVER, P. R.; MIKULINCER, M. Augmenting the sense of security in romantic, leader–follower, therapeutic, and group relationships: A relational model of psychological change. In J. P. Forgas & J. Fitness (Eds.). **Social relationships: Cognitive, affective, and motivational processes** (pp. 55–74). New York: Psychology Press, 2008.

SHEINBAUM, T. et al. Attachment style predicts affect cognitive appraisals, and social functioning in daily life. **Frontiers in Psychology**, v. 6, p. 1-10, 2015.

SIMPSON, J. A.; RHOLES, W. S.; PHILLIPS, D. Conflict in close relationships: An attachment perspective. **Journal of personality and social psychology**, v. 71, n. 5, p. 899, 1996.

SKAF, Paulo. Sonho, talento e dedicação. IN: RUBIO, Katia. **Atletas olímpicos brasileiros**. SESI-SP Editora, 2015.

STEFANELLO, Joice. Situações de estresse no vôlei de praia de alto rendimento: um estudo de caso com uma dupla olímpica. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 7, n. 2, p. 232-244, 2007.

STEVENS, F.L. Affect regulation styles in avoidant and anxious attachment. **Individual Differences Research**. v. 12, n. 3, p. 123–130, 2014.

TEAM RC. **R: a language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing: Vienna; 2014.

TIRYAKI, M. S.; CEI'IKKURT F. Relations of attachment styles and group cohesion in premier league female volleyball players. **Perceptual and Motor Skills**. n. 104, p. 69-78, 2007.

TRZASKOMA-BICSÉRDY, et al. The coach-athlete relationship in successful hungarian individual sports. *International Journal of Sports Science & Coaching*. v. 2, n. 4, p. 485-495, 2007.

VALLERAND, Robert J. Vers une méthodologie de validation trans-culturelle de questionnaires psychologiques: Implications pour la recherche en langue française. **Canadian Psychology/Psychologie Canadienne**, v. 30, n. 4, p. 662, 1989.

VIEIRA, Lenamar Fiorese et al. Análise da síndrome de "burnout" e das estratégias de "coping" em atletas brasileiros de vôlei de praia. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 2, p. 269-276, 2013.

VERGEER, I. Interpersonal relationships in sport: from nomology to idiography. **International Journal of Sport Psychology**, v. 31, p. 578–583, 2000.

WEI, M.; RUSSELL, D., MALLINCKRODT, B.; VOGEL, D. The Experiences in Close Relationship Scale (ECR)-Short Form: Reliability, Validity, and Factor Structure. **Journal of personality assessment**, v. 88, p. 187-204, 2007.

WYLLEMAN, PAUL, et al. Coaching athletes through career transitions. **The psychology of sports coaching: research and practice**, p. 290, 2016.

WHITE, Rhiannon L.; BENNIE, Andrew. Resilience in youth sport: A qualitative investigation of gymnastics coach and athlete perceptions. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 10, n. 2-3, p. 379-393, 2015.

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**, 6E. Human Kinetics, 2015.

ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO A: Coach-Athlete Attachment Scale (CAAS) – versão inglês.

Coach-Athlete Attachment Scale

The CASS (Davis & Jowett, 2013) contains 19 items and is designed to measure athlete's secure and insecure attachment styles on a 7-point scale ranging from 1 (strongly disagree) to 7 (strongly agree) and relevant to how you feel towards your principal sports coach.

N		1	2	3	4	5	6	7
1.	I do not usually discuss my problems or concerns with my coach	1	2	3	4	5	6	7
2.	I do not turn my coach for reassurance	1	2	3	4	5	6	7
3.	I avoid discussing personal issues with my coach	1	2	3	4	5	6	7
4.	I do not rely on my coach when I have a problem to solve	1	2	3	4	5	6	7
5.	I do not turn to my coach when I need to get something off my chest	1	2	3	4	5	6	7
6.	I do not turn to my coach for advice and help	1	2	3	4	5	6	7
7.	I do not seek out my coach when things go wrong	1	2	3	4	5	6	7
8.	I often wonder if my coach cares about me as an athlete	1	2	3	4	5	6	7
9.	I often worry that my coach does not value me as much as I value him/her	1	2	3	4	5	6	7
10.	I worry a fair amount about my coach leaving me to coach elsewhere	1	2	3	4	5	6	7
11.	I am concerned that my coach does not want to find another athlete he/she prefers	1	2	3	4	5	6	7
12.	I often worry that my coach does not want to coach me anymore	1	2	3	4	5	6	7
13.	Sometimes I worry that my coach is not as committed to me as I am to them	1	2	3	4	5	6	7
14.	I worry that my coach does not respect me as much as I respect him/her	1	2	3	4	5	6	7
15.	I know that my coach is loyal to me	1	2	3	4	5	6	7
16.	I feel confident that our coach/athlete relationship will last	1	2	3	4	5	6	7
17.	I find it easy to interact with my coach	1	2	3	4	5	6	7
18.	I know my coach likes me	1	2	3	4	5	6	7
19.	I know I can rely on my coach	1	2	3	4	5	6	7

ANEXO B: Parecer do Comitê Permanente em Ética e Pesquisa.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Processo de desenvolvimento de variáveis psicológicas positivas no contexto esportivo

Pesquisador: Lenamar Fiorese Vieira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 50335115.3.0000.0104

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Maringá

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.324.411

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa proposto por pesquisador vinculado à Universidade Estadual de Maringá.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar o processo de desenvolvimento de variáveis psicológicas positivas no contexto esportivo

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão sujeitos os participantes da pesquisa serão suplantados pelos benefícios apontados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A amostra será composta de atletas e treinadores de diferentes áreas que serão selecionados em eventos esportivos. Serão utilizadas escalas de avaliação validadas internacionalmente. n=800 envolvendo atletas e treinadores de modalidades individual e coletiva.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada pelo responsável institucional. O cronograma de execução é compatível com a proposta enviada. Descreve gastos sob a responsabilidade do pesquisador. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontrar-se redigido de acordo com as normas preconizadas porém não contempla o destino final dos

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4444 **Fax:** (44)3011-4518 **E-mail:** cocep@uem.br



Continuação do Parecer: 1.324.411

questionários aplicados. Apresenta as autorizações necessárias. Recomenda-se que o texto do TCLE que contemple a informação do destino final dos questionários aplicados e que os mesmos sejam destruídos após a compilação dos dados.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer favorável à aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Face ao exposto e considerando a normativa ética vigente, este Comitê se manifesta pela aprovação do protocolo de pesquisa em tela.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_605642.pdf	21/10/2015 21:19:42		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_corrigido.docx	21/10/2015 11:50:31	Lenamar Fiorese Vieira	Aceito
Folha de Rosto	Document1.pdf	08/10/2015 21:33:07	Lenamar Fiorese Vieira	Aceito
Outros	Autorizacao_Parana.docx	08/10/2015 18:29:32	Lenamar Fiorese Vieira	Aceito
Outros	Autorizacao_Maringa.docx	08/10/2015 18:29:08	Lenamar Fiorese Vieira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_Lenamar_2015.docx	08/10/2015 18:23:37	Lenamar Fiorese Vieira	Aceito

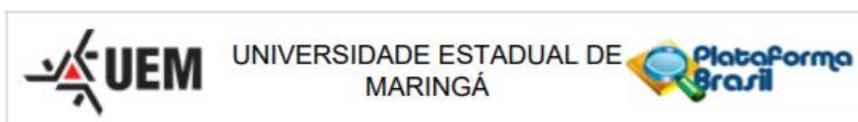
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4444 **Fax:** (44)3011-4518 **E-mail:** copep@uem.br



Continuação do Parecer: 1.324.411

MARINGÁ, 16 de Novembro de 2015

Assinado por:
Ricardo Cesar Gardiolo
(Coordenador)

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4444 **Fax:** (44)3011-4518 **E-mail:** copep@uem.br

ANEXO C: Escala das Necessidades Psicológicas Básicas no Esporte.**ESCALA DE SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES BÁSICAS NO ESPORTE (BNSSS)**

Por favor, responda às questões de acordo com os sentimentos e as experiências que você vivencia quando está praticando seu esporte favorito.

	1 - Nem um pouco verdade		4 - Pouco de verdade			7 - Muita verdade	
1. Em meu esporte, sinto que estou perseguindo meus próprios objetivos.	1	2	3	4	5	6	7
2. Eu sinto que pratico meu esporte por prazer.	1	2	3	4	5	6	7
3. Eu pratico meu esporte por vontade própria.	1	2	3	4	5	6	7
4. Existem pessoas em meu esporte que se preocupam comigo.	1	2	3	4	5	6	7
5. Eu sou habilidoso em meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
6. Eu sinto que sou bom em meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
7. Eu tenho oportunidade de sentir que sou bom em meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
8. Em meu esporte, eu realmente tenho a sensação de querer estar nele.	1	2	3	4	5	6	7
9. Em meu esporte, sinto que estou fazendo o que eu quero fazer.	1	2	3	4	5	6	7
10. Eu tenho habilidade para ter um bom desempenho em meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
11. Em meu esporte, existem pessoas em quem eu posso confiar.	1	2	3	4	5	6	7
12. Eu tenho um relacionamento próximo com as pessoas que praticam meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7

ANEXO D: Questionário de Relacionamento Treinador-Atleta (CART-Q)**Questionário de Relacionamento Treinador-Atleta**
(CART-Q versão atleta)

Este questionário tem como objetivo medir a qualidade e o conteúdo da relação treinador-atleta. Por favor, leia com atenção as afirmações abaixo e circule a resposta que indica se você concorda ou discorda. Não há respostas certas ou erradas. Por favor, responda às afirmações mais honestamente possível e relevante a maneira como você se sente, pessoalmente, com o seu treinador.

	Discordo totalmente	Moderadamente	Concordo totalmente					
1. Eu sou próximo ao meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7	
2. Eu sou comprometido com meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7	
3. Eu gosto do meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7	
4. Quando eu sou treinado pelo meu treinador, Eu estou à vontade.	1	2	3	4	5	6	7	
5. Eu confio no meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7	
6. Eu acho que minha carreira esportiva é promissora com meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7	
7. Quando eu sou treinado pelo meu treinador, eu estou suscetível aos seus/suas esforços.	1	2	3	4	5	6	7	
8. Eu respeito meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7	
9. Eu aprecio os sacrifícios do meu treinador a fim de melhorar meu desempenho.	1	2	3	4	5	6	7	
10. Quando eu sou treinado pelo meu treinador, eu estou pronto para fazer o melhor.	1	2	3	4	5	6	7	
11. Quando eu sou treinado pelo meu treinador, eu adoto uma postura amigável.	1	2	3	4	5	6	7	

ANEXO E: Mental Toughness Index (MTI)

Mental Toughness Index

INSTRUCTIONS: Using the scale below, please indicate how true each of the following statements is an indication of how you typically think, feel, and behave as an athlete – *remember there are no right or wrong answers so be as honest as possible.*

	1	2	3	4	5	6	7					
	<i>False, 100% of the time</i>						<i>True, 100% of the time</i>					
1	I believe in my ability to achieve my goals					1	2	3	4	5	6	7
2	I am able to regulate my focus when performing tasks					1	2	3	4	5	6	7
3	I am able to use my emotions to perform the way I want to					1	2	3	4	5	6	7
4	I strive for continued success					1	2	3	4	5	6	7
5	I execute my knowledge of what is required to achieve my goals					1	2	3	4	5	6	7
6	I consistently overcome adversity					1	2	3	4	5	6	7
7	I am able execute appropriate skills or knowledge when challenged					1	2	3	4	5	6	7
8	I can find a positive in most situations					1	2	3	4	5	6	7

Reference

Gucciardi, D. F., Hanton, S., Gordon, S., Mallett, C. J., & Temby, P. (2015). The concept of mental toughness: Tests of dimensionality, nomological network and traitness. *Journal of Personality*, 83, 26-44.

ANEXO F: Leadership Scale for Sport (LSS)

Leadership Scale for Sport (LSS)

The LSS (ZHANG, et al. 1997) contains 40 items and is designed to measure the coach's leadership in the sports contexts on a 5-point scale ranging from 1 (Always) to 5 (Never). Always, Often, Occasionally, Seldom, and Never, where "often" is equal to 75% of the time, "occasionally" is equal to 50% of the time, and "seldom" is equal to 25% of the time. So, please, think about the question "My coach is...".

N	Training and Instruction (Training Behaviour)					
1.	See to it that every athlete is working to his capacity	1	2	3	4	5
2.	Explain to each athlete the techniques and tactics of the sport	1	2	3	4	5
3.	Pay special attention to correcting athletes' mistakes	1	2	3	4	5
4.	Make sure that his part in the team is understood by all the athletes	1	2	3	4	5
5.	Instruct every athlete individually in the skills of the sport	1	2	3	4	5
6.	Figure ahead on what should be done	1	2	3	4	5
7.	Explain to every athlete what he should and should not do	1	2	3	4	5
8.	Expect every athlete to carry out his assignment to the last detail	1	2	3	4	5
9.	Point out each athlete's strengths and weaknesses	1	2	3	4	5
10.	Give specific instructions to each athlete as to what he should do in every situation	1	2	3	4	5
11.	See to it that the efforts are coordinated	1	2	3	4	5
12.	Explain how each athlete's contribution fits into the whole picture	1	2	3	4	5
13.	Specify in detail what is expected of each athlete	1	2	3	4	5
Autocratic Behaviour						
1.	Work relatively independent of the athletes	1	2	3	4	5
2.	Not explain his action	1	2	3	4	5
3.	Refuse to compromise a point	1	2	3	4	5
4.	Keep to himself	1	2	3	4	5
5.	Speak in a manner not to be questioned	1	2	3	4	5
Democratic Behaviour						
1.	Ask for the opinion of the athletes on strategies for specific competitions	1	2	3	4	5
2.	Get group approval on important matters before going ahead	1	2	3	4	5
3.	Let his athletes share in decision making	1	2	3	4	5
4.	Encourage athletes to make suggestions for ways of conducting practices	1	2	3	4	5
5.	Let the group set it's own goals	1	2	3	4	5
6.	Let the athletes try their own way even if they make mistakes	1	2	3	4	5
7.	Ask for the opinion of athletes on important coaching matters	1	2	3	4	5
8.	Let athletes work at their own speed	1	2	3	4	5
9.	Let the athletes decide on the plays to be used in the game	1	2	3	4	5
Social Support						
1.	Help the athletes with their personal problems	1	2	3	4	5
2.	Help members of the group settle their conflicts	1	2	3	4	5
3.	Look out for the personal welfare of the athletes	1	2	3	4	5
4.	Do personal favors to the athletes	1	2	3	4	5
5.	Express affection he feels for his athletes	1	2	3	4	5
6.	Encourage the athlete to confide in him	1	2	3	4	5
7.	Encourage close and informal relations	1	2	3	4	5
8.	Invite athletes to his home	1	2	3	4	5
Items for Positive Feedback (Rewarding Behavior)						

1.	Compliment an athlete on his performance in front of others	1	2	3	4	5
2.	Tell an athlete when he does a particularly good job	1	2	3	4	5
3.	See that an athlete is rewarded for a good performance	1	2	3	4	5
4.	Express appreciation when an athlete performs well	1	2	3	4	5
5.	Give credit when credit is due	1	2	3	4	5

APÊNDICE A: Definição de termos de busca do estudo de revisão sistemática.

The screenshot displays the PubMed search interface. At the top, the NCBI logo and navigation links for Resources and How To are visible. The search bar contains the query: "(attachment relationship) and (sport or sports or sporting or athlete or athletes or athletics or athletic)". The search results are summarized in a table-like format with blue headers.

Search Details	
Query Translation:	(attachment relationship) and (sport or sports or sporting or athlete or athletes or athletics or athletic or coach or coached or mentoring or coaches or coaching)
Result:	162
Database:	PubMed
User query:	(attachment relationship) and (sport or sports or sporting or athlete or athletes or athletics or athletic or coach or coached or mentoring or coaches or coaching)

APÊNDICE B: Matriz de análise das evidências baseadas no conteúdo do teste.

Planilha de avaliação da validade de conteúdo

ORIENTAÇÕES PARA O PREENCHIMENTO DA FICHA DE AVALIAÇÃO DO *COACH-ATHLETE ATTACHMENT SCALE (CAAS)*

- **“Clareza de linguagem”**: o(a) senhor(a) acredita que a linguagem de cada item é suficientemente clara, compreensível e adequada para esta população (atletas e treinadores)? Em que nível?
- **“Pertinência prática”**: o(a) senhor(a) acredita que cada item proposto é pertinente para esta população (atletas e treinadores)? Em que nível?
- **“Relevância teórica”**: o(a) senhor(a) acredita que o conteúdo do item é representativo do comportamento que se quer medir, ou de uma das dimensões dele, considerando a teoria em questão (Teoria do Apego)? Em que nível? A forma como treinador e atleta se relacionam pode ter profundo impacto para ambas às partes, uma vez que não é incomum que treinadores e atletas formem um relacionamento de proximidade com alto grau de interação e interdependência (JOWETT; POCZWARDOWSKI, 2007). No esporte, a figura de apego pode ser cumprida pelo treinador esportivo, similar à representada pelos pais e professores na infância (DAVIS; JOWETT, 2014). Essa relação de apego ocorre quando são cumpridas três funções específicas: quando há necessidade de estar em uma relação de estreita proximidade; quando se atua como porto seguro e oferece conforto e segurança para o indivíduo durante momentos de necessidade e quando fornece uma plataforma para o indivíduo explorar atividades autônomas (DAVIS; JOWETT, 2010).
- **“Dimensão teórica”**: o(a) senhor(a) acredita que este item pertence a que dimensão? Assinale apenas aquela que melhor representa o item avaliado. Segue breve esclarecimento de cada dimensão:
 - **Estilo Evitativo** – Não parecem esperar conforto, tranquilidade e/ou proteção durante tempos de necessidade.
 - **Estilo Ansioso** – Não veem seu treinador/atleta como uma base segura, pois parecem angustiados e incertos quando à consistência da relação.
 - **Estilo Seguro** – Percepção que podem confiar em seus treinadores/atletas para conforto, tranquilidade e proteção, permitindo relação de proximidade, segura.

Legenda: Escala *Likert*: (1) pouquíssima; (2) pouca; (3) média; (4) muita; (5) muitíssima.

	Itens	Clareza de linguagem	Pertinência prática	Relevância teórica	Dimensão avaliada	Observação
1.	Eu geralmente não costumo discutir meus problemas ou preocupações com meu treinador/atleta. I do not usually discuss my problems or concerns with my coach/athlete.	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	Estilo Evitativo () Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	
2.	Eu não procuro o meu treinador/atleta para me tranquilizar. I do not turn my coach/athlete for reassurance.	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	Estilo Evitativo () Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	
3.	Eu evito discutir problemas pessoais com meu treinador/ atleta. I avoid discussing personal issues with my coach/athlete.	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	Estilo Evitativo () Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	
4.	Eu não conto com meu treinador/atleta quando eu tenho um problema para resolver. I do not rely on my coach/athlete when I have a problem to solve.	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	Estilo Evitativo () Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	
5.	Eu não procuro meu treinador/atleta quando eu preciso desabafar algo. I do not turn to my coach/athlete when I need to get something off my chest.	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	Estilo Evitativo () Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	
6.	Eu não procuro meu	1/ 2/ 3/ 4/ 5	1/ 2/ 3/ 4/ 5	1/ 2/ 3/ 4/ 5	Estilo Evitativo ()	

	treinador/atleta para ajuda e conselho. I do not turn to my coach/athlete for advice and help.	() () () () ()	() () () () ()	() () () () ()	Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	
7.	Eu não procuro meu treinador/atleta quando as coisas dão errado. I do not seek out my coach/athlete when things go wrong.	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	Estilo Evitativo () Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	
8.	Eu frequentemente me pergunto se meu treinador/atleta se preocupa comigo como atleta/treinador. I often wonder if my coach/athlete cares about me as na athlete.	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	Estilo Evitativo () Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	
9.	Eu frequentemente me preocupo se o meu treinador/atleta não me valoriza tanto quanto eu o valorizo. I often worry that my coach/athlete does not value me as much as I value him/her.	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	Estilo Evitativo () Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	
10.	Eu me preocupo um pouco se o meu treinador/atleta me deixaria para treinar em outro lugar. I worry a fair amount about my coach/athlete leaving me to coach/to be	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	Estilo Evitativo () Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	

	coached else where.					
11.	<p>Eu me preocupo se meu treinador/atleta quer encontrar outro atleta/treinador que ele/ela prefira.</p> <p>I am concerned that my coach/athlete does not want find another athlete/coach he/she prefers.</p>	<p>1/ 2/ 3/ 4/ 5</p> <p>() () () () ()</p>	<p>1/ 2/ 3/ 4/ 5</p> <p>() () () () ()</p>	<p>1/ 2/ 3/ 4/ 5</p> <p>() () () () ()</p>	<p>Estilo Evitativo ()</p> <p>Estilo Ansioso ()</p> <p>Estilo Seguro ()</p>	
12.	<p>Eu frequentemente me preocupo se o meu treinador/atleta não quer me treinar mais.</p> <p>I often worry that my coach/athlete does not want to coach me anymore.</p>	<p>1/ 2/ 3/ 4/ 5</p> <p>() () () () ()</p>	<p>1/ 2/ 3/ 4/ 5</p> <p>() () () () ()</p>	<p>1/ 2/ 3/ 4/ 5</p> <p>() () () () ()</p>	<p>Estilo Evitativo ()</p> <p>Estilo Ansioso ()</p> <p>Estilo Seguro ()</p>	
13.	<p>Às vezes eu me preocupo se meu treinador/atleta não está comprometido comigo como estou com ele.</p> <p>Sometimes I worry that my coach/athlete is not a committed to me as I am to them.</p>	<p>1/ 2/ 3/ 4/ 5</p> <p>() () () () ()</p>	<p>1/ 2/ 3/ 4/ 5</p> <p>() () () () ()</p>	<p>1/ 2/ 3/ 4/ 5</p> <p>() () () () ()</p>	<p>Estilo Evitativo ()</p> <p>Estilo Ansioso ()</p> <p>Estilo Seguro ()</p>	
14.	<p>Eu me preocupo com o fato de o meu treinador/atleta não me respeitar tanto quanto eu o respeito.</p> <p>I worry that my coach/athlete does not respect me as much as I</p>	<p>1/ 2/ 3/ 4/ 5</p> <p>() () () () ()</p>	<p>1/ 2/ 3/ 4/ 5</p> <p>() () () () ()</p>	<p>1/ 2/ 3/ 4/ 5</p> <p>() () () () ()</p>	<p>Estilo Evitativo ()</p> <p>Estilo Ansioso ()</p> <p>Estilo Seguro ()</p>	

	respect him/her.					
15.	Eu sei que meu treinador/atleta é leal a mim. I know that my coach/athlete is loyal to me.	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	Estilo Evitativo () Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	
16.	Eu sinto confiança que a nossa relação treinador-atleta vai durar. I feel confident that our coach/athlete relationship will last.	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	Estilo Evitativo () Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	
17.	Eu acho fácil interagir com o meu treinador/atleta. I find it easy to Interact with my coach/athlete.	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	Estilo Evitativo () Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	
18.	Eu sei que meu treinador/atleta gosta de mim. I know my coach/athlete likes me.	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	Estilo Evitativo () Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	
19.	Eu sei que posso contar com meu treinador/atleta. I know I can rely on my coach/athlete.	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	1/ 2/ 3/ 4/ 5 () () () () ()	Estilo Evitativo () Estilo Ansioso () Estilo Seguro ()	

APÊNDICE C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – versão português.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar do estudo intitulado **PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE VARIÁVEIS PSICOLÓGICAS POSITIVAS NO CONTEXTO ESPORTIVO**, que faz parte do Programa de Pós-graduação Associado em Educação Física UEM/UEL, orientado pela Profa. Dra. Lenamar Fiorese e conduzido por seus alunos de doutorado e mestrado. O objetivo desse estudo é investigar o processo de desenvolvimento de variáveis psicológicas positivas no contexto esportivo. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se dará da seguinte forma: o preenchimento de 2 questionários acerca dos temas psicologia positiva e atitudes no esporte.

Informamos que poderão ocorrer eventuais dúvidas no preenchimento dos questionários que serão prontamente sanadas pelo pesquisador. Riscos mínimos no sentido de gerar algum desconforto psicológicos durante o processo de resposta dos questionários podem ocorrer.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Como benefícios, esperamos ampliar o conhecimento científico na área da psicologia esportiva, especificamente, contribuir para futura elaboração e reflexão dos treinamentos, visando a melhora no desempenho esportivo e de saúde mental de atletas.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, pode nos contatar no endereço a seguir ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta neste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Eu,.....declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar **VOLUNTARIAMENTE** da pesquisa conduzida pelos alunos de doutorado Caio Rosas Moreira, Nayara Malheiros Caruzzo e Renan Codonhato.

_____ Data:

Assinatura ou impressão datiloscópica

Nós, Caio Rosas Moreia, Nayara Malheiros Caruzzo e Renan Codonhato, declaramos que fornecemos todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.



_____ Data: 04/11/2018

Assinatura dos pesquisadores

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com os pesquisadores, conforme o endereço abaixo:

Caio Rosas Moreira: crosasmoreira@gmail.com, (44) 98402-5296.

Nayara Malheiros Caruzzo: nayaramalheiros@gmail.com, (44) 99909-2189.

Renan Codonhato: gperenan@gmail.com, (44) 98816-4414.

Lenamar Fiorese: lenamarfiorese@gmail.com, (44)3011-1380.

Grupo de pesquisa Pró-Esporte. Universidade Estadual de Maringá, bloco M-06, sala 10, avenida Colombo, 5790, CEP 87020-900, Maringá - PR.

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos procurar um dos membros da pesquisa ou o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – Av. Colombo, 5790 – PPG, sala 4, cep 87020-900, Maringá-PR. Fone: (44) 3011-4444, copep@uem.br.

APÊNDICE D: Escala de apego treinador-atleta (CAAS) – versão em português**Escala de apego atleta (CAAS)**

Este questionário tem como objetivo a relação de apego entre treinador-atleta. Por favor, leia com atenção as afirmações abaixo e marque a resposta que indica se você concorda ou discorda. Não há respostas certas ou erradas. Por favor, responda às afirmações mais honestamente possível e relevante à maneira como você se sente com o seu treinador.

		1 – Discordo totalmente		Moderadamente			Concordo totalmente		
N		1	2	3	4	5	6	7	
1.	Eu geralmente não costumo discutir meus problemas ou preocupações com meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7	
2.	Eu não procuro o meu treinador para me tranquilizar.	1	2	3	4	5	6	7	
3.	Eu evito discutir problemas pessoais com meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7	
4.	Eu não conto com meu treinador quando tenho problemas para resolver.	1	2	3	4	5	6	7	
5.	Eu não procuro meu treinador quando eu preciso desabafar algo.	1	2	3	4	5	6	7	
6.	Eu não procuro meu treinador para pedir ajuda e conselho.	1	2	3	4	5	6	7	
7.	Eu não procuro meu treinador quando as coisas dão errado.	1	2	3	4	5	6	7	
8.	Eu frequentemente me pergunto se meu treinador se preocupa comigo como atleta.	1	2	3	4	5	6	7	
9.	Eu frequentemente me preocupo se o meu treinador não me valoriza tanto quanto eu o valorizo.	1	2	3	4	5	6	7	
10.	Eu me preocupo um pouco se o meu treinador me deixaria para ser treinador em outro lugar.	1	2	3	4	5	6	7	
11.	Eu me preocupo se meu treinador quer encontrar outro atleta que ele prefira.	1	2	3	4	5	6	7	
12.	Eu frequentemente me preocupo se o meu treinador não quer me treinar mais.	1	2	3	4	5	6	7	
13.	Às vezes eu me preocupo se meu treinador não está comprometido comigo como estou com ele.	1	2	3	4	5	6	7	
14.	Eu me preocupo com o fato de o meu treinador não me respeitar tanto quanto eu o respeito.	1	2	3	4	5	6	7	
15.	Eu sei que meu treinador é leal a mim.	1	2	3	4	5	6	7	
16.	Eu sinto confiança na relação que eu tenho com meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7	
17.	Eu acho fácil interagir com o meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7	
18.	Eu sei que meu treinador gosta de mim.	1	2	3	4	5	6	7	
19.	Eu sei que posso contar com meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7	

Escala de apego treinador (CAAS)

Esta escala tem como objetivo a relação de apego entre treinador-atleta. Por favor, leia com atenção as afirmações abaixo e marque a resposta que indica se você concorda ou discorda. Não há respostas certas ou erradas. Por favor, responda às afirmações mais honestamente possível e relevante à maneira como você se sente com o seu atleta.

1 – Discordo totalmente Moderadamente Concordo totalmente

N		1	2	3	4	5	6	7
1.	Eu geralmente não costumo discutir meus problemas ou preocupações com meu atleta.	1	2	3	4	5	6	7
2.	Eu não procuro o meu atleta para me tranquilizar.	1	2	3	4	5	6	7
3.	Eu evito discutir problemas pessoais com meu atleta.	1	2	3	4	5	6	7
4.	Eu não conto com meu atleta quando tenho problemas para resolver.	1	2	3	4	5	6	7
5.	Eu não procuro meu atleta quando eu preciso desabafar algo.	1	2	3	4	5	6	7
6.	Eu não procuro meu atleta para pedir ajuda ou conselho.	1	2	3	4	5	6	7
7.	Eu não procuro meu atleta quando as coisas dão errado.	1	2	3	4	5	6	7
8.	Eu frequentemente me pergunto se meu atleta se preocupa comigo como treinador.	1	2	3	4	5	6	7
9.	Eu frequentemente me preocupo se o meu atleta não me valoriza tanto quanto eu o valorizo.	1	2	3	4	5	6	7
10.	Eu me preocupo um pouco se o meu atleta me deixaria para treinar em outro lugar.	1	2	3	4	5	6	7
11.	Eu me preocupo se meu atleta quer encontrar outro treinador que ele prefira.	1	2	3	4	5	6	7
12.	Eu frequentemente me preocupo se o meu atleta não quer treinar mais comigo.	1	2	3	4	5	6	7
13.	Às vezes eu me preocupo se meu atleta não está comprometido comigo como estou com ele.	1	2	3	4	5	6	7
14.	Eu me preocupo com o fato de o meu atleta não me respeitar tanto quanto eu o respeito.	1	2	3	4	5	6	7
15.	Eu sei que meu atleta é leal a mim.	1	2	3	4	5	6	7
16.	Eu sinto confiança na relação que eu tenho com meu atleta.	1	2	3	4	5	6	7
17.	Eu acho fácil interagir com o meu atleta.	1	2	3	4	5	6	7
18.	Eu sei que meu atleta gosta de mim.	1	2	3	4	5	6	7
19.	Eu sei que posso contar com meu atleta.	1	2	3	4	5	6	7

APÊNDICE E: Termo de Consentimento - Inglês**CONSENT FORM
ATHLETE**

We would like to invite you to participate in this research which is part of the Thesis project of Nayara Malheiros Caruzzo, linked to the associated postgraduate program in Physical Education UEM / UEL, guided by Prof. Lenamar Fiorese. The aim of this research is to investigate the process of development of positive psychological variables in the context of beach volleyball and for this, your participation is very important, won't take longer than 10 minutes. All the data collected will be only used for research purpose and the anonymous will be protected.

Name: _____

Date of birth: _____ Place of Birth (City/Country): _____

How long have you been playing? _____

How long have you been playing with this partner? _____

Gender () Female () Male

Country you representing: _____

Have you ever played indoor volleyball ? () Yes () No How long? _____

Main results? _____

APÊNDICE F: Matriz de construção da entrevista semi-estruturada

Categorias	Indicadores	Elementos	Informações	Questões
Informativa	Fatores sociodemográficos	Características físicas e sóciodemográficas	Idade, estado civil, etnia, nível de escolaridade, envolvimento com o esporte	Qual? Como?
	Treinadores significativos	Treinadores significativos durante sua carreira e na conquista da medalha olímpica	Comportamento do treinador. Significado dos seus comportamentos. Tempo de prática e contato com eles. Transição para outros treinadores. Impacto na formação.	Quando? Como? Qual? Por que?
Apego	Seguro	Confiança para conforto, tranquilidade e proteção	Auxílio na superação de situações difíceis. Problemas profissionais e pessoais. Familiares e treinador.	Quem? Como?
	Ansioso	Angústia e incerteza sobre a relação.	Dúvida quanto à manutenção da relação. Impacto no desempenho.	Por que? Como?
	Evitativo	Não esperam conforto, tranquilidade e proteção em tempos de dificuldade.	Falta de ajuda em situações difíceis. Não poder contar com o treinador. Características da figura.	Quem? Como? Por que? Quais?
Liderança	Estilo de decisão autocrático	Treinador é independente nas tomadas de decisão e mostra autoridade.	Tomada de decisão do treinador. Preferência.	Quais? Qual?
	Estilo de decisão democrático	Os atletas participam de decisões sobre os objetivos, métodos e estratégias de trabalho	Promoção de autonomia e participação nas decisões. Preferência.	Quais? Qual?
	Estilo de interação Suporte Social	Interesse pelo bem-estar. Ambiente favorece as relações interpessoais.	Acontecimentos da vida, problemas cotidianos. Interesse pela pessoa.	Como? Que?
	Estilo de interação	Reforço positivo,	Estratégias usadas	Quais?

	Reforço Positivo	reconhecimento e recompensa por bons resultados.	para reforço. Reconhecimento e recompensa.	Como? Quanto? Quando?
	Estilo de interação Treino-instrução	Melhoria da <i>performance</i> . Treinos duros e exigentes. Instrução de práticas, técnicas e táticas. Estruturação das atividades.	Sensação durante os treinos difíceis. Comportamento durante essas sessões. Forma de instrução e correção.	Quais? Como? Quando?
Robustez Mental	Robustez Mental	Sentimentos e pensamentos e comportamentos no esporte.	Uso de habilidades mentais, influências em como pensar, sentir e se comportar perante situações de dificuldade. Semelhança e diferença entre o treinamento e a competição.	Quais? Como?